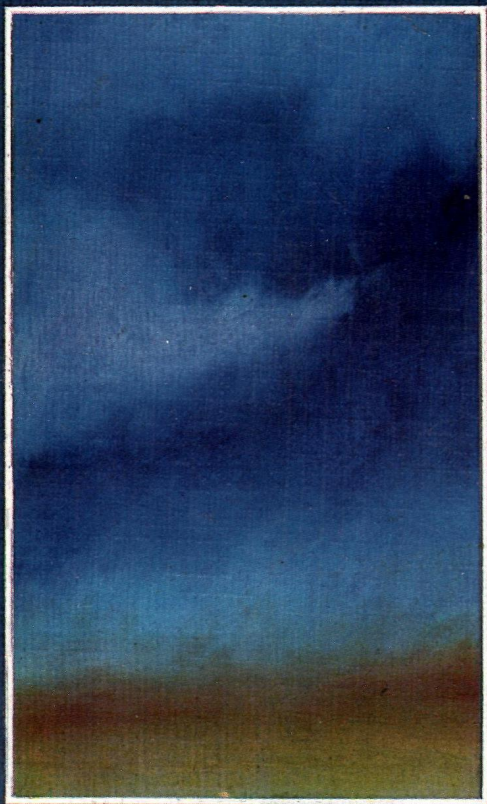


POSSESSÃO ESPIRITUAL



Uma psicoterapeuta
aponta o caminho
para a descoberta
e a cura de casos de
possessão espiritual

Dra. Edith Fiore

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

DRA. EDITH FIORE

POSSESSÃO ESPIRITUAL

Uma psicoterapeuta aponta o caminho
para a descoberta e a cura de
casos de possessão espiritual

Tradução
OCTAVIO MENDES CAJADO
Digitalizado por
mestre.jonas@hotmail.com



EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Titulo do original:
The Unquiet Dead

Copyright © 1987 by Edith Fiore
Publicado mediante acordo com a
Scott Meredith Literary Agency,
Inc., 845 Third Avenue, New York
NY 10022.

Edição

•2-3-4-5-6-7-8-9

Ano

91-92-93-94-95

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 374 - 04270 - São Paulo, SP - Fone: 272-1399
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.

Este livro é dedicado às seis mulheres mais importantes da minha vida

Edith Holbert, minha mãe
Gail Nava, minha filha mais velha
Dana Plays, minha filha do meio
Leslie Strong, minha filha mais moça
Madeleine Fiore, minha madrasta
Ilah LeMoss, minha sogra

Este livro não se destina a substituir a ajuda médica ou psicológica. Sempre recomendo aos meus pacientes que procurem um médico competente para os seus problemas físicos. Se você tiver problemas emocionais ou mentais, peça ajuda a um terapeuta ou conselheiro profissional.

Agradecimentos

Desejo expressar minha gratidão a:

Meus cinco pacientes, que me permitiram relatar os estudos que fiz de seus casos;

Meus pacientes, cuja coragem e experiências contribuíram para a compreensão dos mortos inquietos e para o meu próprio crescimento espiritual,

Dr. Jeffrey Mishlove, pela sua crítica ponderada do capítulo 3;

Margaret Jane Kephart, pelas suas contribuições pertinentes ao capítulo 3;

Ormond McGill, por sua amizade, percepções e encorajamento;

Ted Chichak, por seu entusiasmo pelo meu trabalho, que lhe sobreexcede as responsabilidades como agente literário;

Jim Fitzgerald, por fazer deste livro, como editor, uma realidade;

Emma Darknell, por sua paciência, competência, amizade e interesse como datilógrafa;

Jon Kennedy, pela sua habilidade de mestre de escrita e por editar o manuscrito;

Chris Carney, Harriet Handler, Kathy Iverson, Barbara Jones e Barbara Shipley, por suas críticas valiosas;

Reginald Fitz, pelo título deste livro e por sua contribuição para o manuscrito.

Sumário

	Prefácio	11
1	Introdução à possessão	13
2	Do natural ao sobrenatural	18
3	Observações históricas sobre a possessão dos espíritos	2b
4	O que acontece quando morremos	38
5	Por que os espíritos permanecem entre nós	46
6	Os efeitos da possessão	53
7	Estudo de caso — Tony	66
8	Estudo de caso — Anne	76
9	Estudo de caso — Peter	90
10	Estudo de caso — Barbara	107
11	Estudo de caso - Paolo	121
12	Entrada do espírito	141
13	Detectando a possessão do espírito	153
14	Como fazer uma despossessão	159
15	Como se proteger das entidades	175
16	Como detectar, libertar e proteger sua casa dos espíritos	180
17	Mais algumas ponderações a respeito das influências negativas	193
18	Perguntas e respostas	199
	Glossário	206
	Bibliografia	212

Prefácio

Em *Possessão Espiritual*, não tento provar que os espíritos existem nem que os meus pacientes estavam possessos. Em vez disso, pretendo mostrar-lhes o que acontece todos os dias no meu consultório, e apresentar uma terapia que, embora não seja uma panacéia, é eficaz e incorpora antigos conceitos no contexto da hipnoterapia do século XX.

Meus pacientes e eu utilizamos a hipótese de trabalho segundo a qual a personalidade sobrevive à morte do corpo. Muitas pessoas, através dos anos, me contaram haver experimentado os espíritos dos seus entes queridos, às vezes logo após a morte. Frequentemente, tratava-se apenas de *saber* que eles estavam lá. Em outras ocasiões, eram vistos ou ouvidos, ou se lhes notava um cheiro característico: o perfume favorito ou a marca predileta de tabaco para cachimbo, etc. Esses espíritos não estavam apegados à terra, mas vinham' dizer "adeus" ou, como "visitantes" do mundo espiritual, ministrar conforto ou ajuda. As entidades que não tinham feito transições bem-sucedidas para a vida futura causavam problemas, afetando as pessoas de maneiras danosas e destrutivas por meio da possessão.

Do auxílio dado aos espíritos possesores para saírem resultava a eliminação dos seus efeitos devastadores, não raro modificando dramaticamente vidas inteiras. Porque a desposseção funciona, senti a necessidade de escrever este livro. O que vocês vão ler talvez os perturbe, mas espero que os

ajude, explicando o que têm experimentado em si mesmos ou com outros. Oferecerá a esperança de que problemas até agora havidos por insolúveis possam ser resolvidos e de que se possam encontrar as técnicas para alcançar essa meta. Na pior das hipóteses, vocês ganharão uma nova perspectiva para compreender o comportamento humano.

O que será revelado também os convida a abrir a mente para a possibilidade de que a vida continue depois da morte — essa mesma crença exercerá um efeito profundo e abrangente sobre vocês.

Partilho minhas técnicas terapêuticas não só com não-profissionais, mas também com terapeutas desejosos de incluí-las na sua parafernália. Em certo sentido, alguns capítulos podem ser encarados como manual de treinamento para curadores profissionais.

O material dos casos utilizados em *Possessão Espiritual* é de natureza tão pessoal e sensível que se tornou importante e necessário proteger a intimidade dos meus pacientes. Por esse motivo, ocultei-lhes apenas a identidade, ao mesmo tempo que conservei as qualidades essenciais que apresentavam.

Muitas transcrições textuais que ilustram os estudos de casos, bem como alguns capítulos deste livro, eram repetitivas e divagantes. Daí que eu as remodelasse no interesse da clareza e da concisão.

A maioria dos casos que vocês lerão teve soluções diretas e descomplicadas. Um deles, porém, envolvia conexões entre os dois "principais", o paciente e o espírito, que se reportavam a uma existência passada. Entretanto, vocês não precisam acreditar na reencarnação só por causa dos descobrimentos ou das técnicas que estarei descrevendo.

Agora, examinemos o papel da possessão espiritual nas vidas humanas. O capítulo 1 lhes apresentará esse assunto fascinante e surpreendente.

INTRODUÇÃO À POSSESSÃO

A enfermeira disse "DOA". Eu estava acima do meu corpo na Sala de Emergência, olhando para baixo. Aquilo era uma sangueira só, e eu não o queria salvo. . . um desastre feio. Ouvei o grito aterrorizado de socorro. E pensei: Talvez eu possa ajudar alguém; aqui ninguém pode me ajudar. Fui socorrer. Havia um menino. . . que estava sendo operado. Era o espírito que gritava, não o corpo. O corpo se achava sobre a mesa, e, quase dois metros acima dele, estava o menino. . . que era como eu. Vendo-o tomado de pânico, falei-lhe como amigo. . . e lhe pedi que falasse comigo. Ele, finalmente, se acalmou. . . e desde então temos sido amigos.

O encontro ocorreu há quarenta e seis anos. Albert tem estado com o meu paciente, Howard, desde esse dia — dentro do corpo dele — como um espírito possessor.

Albert saiu do seu esconderijo após três anos de terapia hipnoanalítica. Como ele mesmo disse: "Não falarei com você! Não preciso da sua ajuda."

Ele veio à tona porque — levada por um palpite - induzi Howard a regressar até a operação das amígdalas, aos quatro anos de idade, para verificar se ele apanhara alguma entidade apegada à terra. Certas pistas indicavam essa direção.

Fui rudemente interrompida, durante minha indução hipnótica, por uma voz colérica, não-familiar, gutural, emitida por Howard: "Ele não precisa da sua ajuda!" Diante desse

pronunciamento, iniciei uma terapia intensiva com o espírito, que, mais tarde, se identificou como Albert. Depois de três sessões, ele pareceu sair, relutante, em companhia de dois amigos íntimos do mundo espiritual.

Duas semanas mais tarde, Howard irrompeu no meu consultório com um sorriso enorme no rosto. Antes de sentar-se na poltrona reclinante, disse, todo excitado:

Não tenho vontade de comer! Pela primeira vez na vida, estou totalmente desinteressado pela comida. Acredite se quiser, mas levei muito tempo para encontrar alguma coisa que me apetecesse. E nem sequer acabei de comê-la! Tudo isso é uma experiência nova. E nos primeiros quatro dias, perdi três quilos e meio!

Relaxando um pouco na poltrona, continuou:

Sinto-me realmente animado com a idéia de conseguir livrar-me destes últimos quarenta e cinco quilos — e acabar, de uma vez por todas, com a minha batalha contra a obesidade.

Brenda, negra alta, excepcionalmente bonita, de vinte e tantos anos, andava buscando alívio para suas dores, espalhadas pelo corpo todo, que tinham desafiado a perícia dos médicos especialistas durante anos a fio. Sob o efeito da hipnose — e tendo regredido à causa das dores — reviveu sua angústia ao, saber que Ann, a filhinha da amiga mais íntima, ficara gravemente ferida num desastre quase fatal de automóvel. Ela falou com unção do seu amor e apego profundos a Ann.

Em seguida, contou que fora à sala do hospital em que Ann estava sendo mantida com vida mediante respirador artificial:

Quero entrar sozinha. Entro. . . olho para ela. . . não se parece com Ann, não se parece nada com ela. . . tão machucada e esmagada. A cabeça está tão grande - mas ela é tão miudinha,

tão pequenina. A enfermeira declara: "Não podemos fazer nada por ela." Limito-me a fitá-la. Eu quisera poder fazer alguma coisa. (Chora.) Ela é tão bonitinha — *era* tão bonitinha, tão esper-ta. Era preciso fazer alguma coisa! Não sei o quê. Só consigo olhar para ela. . . Rezo. . . Estou tão transtornada! Talvez. . . talvez eu possa levá-la a. . . Eu poderia mantê-la viva. *Posso* fazer alguma coisa por ela! Sou a encarregada. E tomarei conta de tudo. Serei a primeira a ver-lhe o corpo. . . Farei compras. . . e hei-de vesti-la bem bonitinha. . . e arrumarei o enterro. . . e arran-jarei tudo para ela. . . o caixão. . . as flores. . . farei que pareça bonita outra vez. (Longa pausa.) Ela agora está comigo. . . está comigo e eu gosto disso!

O corpo de Brenda se estivera torcendo e contorcendo durante a regressão. Fi-la adiantar-se para o presente e — enquanto ainda estava profundamente hipnotizada — expliquei: "Ann precisa ser liberada, Brenda. Seu processo espiritual e sua felicidade dependem de sua ida para o mundo espiritual. Ela, aqui, é uma prisioneira. Tenho a certeza de que você não quer isso para ela. Deixe-a ir agora."

"Será difícil, mas eu o farei", conveyo ela, enxugando as lágrimas no rosto. Depois disse "adeus" a Ann. Dalí a minutos, completava-se a despossessão.

Howard e Brenda são dois dos mais de quinhentos pacientes possuídos de que tratei durante os últimos sete anos. Chegaram ao meu consultório padecendo de toda a gama de sintomas e problemas psicológicos e psicossomáticos.

Desde que me dei conta desse fenômeno, descobri que pelo menos setenta por cento dos meus pacientes eram posses-sos e que essa situação lhes causava a moléstia. A maioria deles foi aliviada — através de técnicas de despossessão — de mais de uma entidade. Pacientes ocasionais, sem o saber, hospedavam cinqüenta entidades, ou mais!

A possessão é um estado relativo. Quando completo — o que não deixa de ser raro — a personalidade original dá a impressão de haver desaparecido, substituída pela da enti-

dade apegada à terra. De ordinário, parece existir um equilíbrio dúbio entre os dois; ocasiões há em que o espírito exerce uma leve influência, ao passo que, em outros momentos, ele se mostra sumamente dominante. Em alguns casos, trava-se incessante batalha interior pelo domínio, repleta de diálogos mentais — e até de insultos e ordens!

Os espíritos que possuíam meus pacientes haviam sido, em outro tempo, pessoas de todas as ocupações, que — depois da morte — permaneciam no mundo físico e se tornavam "pessoas deslocadas". Não tinham feito a transição apropriada, por ocasião da morte, entre o plano da terra e o "outro lado". Por vezes, anos depois, sem ter um corpo seu, fundiam-se, acidental ou intencionalmente, com pessoas que, dali por diante, nunca mais foram as mesmas. Para esses espíritos não havia destino pior do que se condenarem a residir no corpo de outros indivíduos, pois eles, por esse modo, adiavam suas oportunidades de ingressar no mundo espiritual a que pertenciam.

Acredita-se que outra classe de espíritos, historicamente denominados demônios ou diabos, nunca foram seres humanos. Existem documentos dos seus efeitos devastadores e, em algumas ocasiões, fatais. A Igreja católica leva muito a sério essa forma de possessão, e utiliza padres especialmente experimentados que — após demorada preparação e investigações — efetuam um exorcismo altamente estruturado, segundo o Ritual Romano. Muitos exorcistas sofreram grandes danos físicos, mentais e emocionais, ou até perderam a vida, em resultado desses recontros.

Afortunadamente — pelo que é do meu conhecimento — nunca tratei de paciente atormentado por demônios. A possessão demoníaca ou satânica não é o objetivo deste livro. Para os que quiserem aprofundar-se no assunto, existem referências relevantes na bibliografia.

Recorrendo ao meu arquivo de casos, mostrar-lhes-ei como as pessoas se tornam vulneráveis a entidades e o que acontece quando espíritos se enredam com suas personalidades.

Vocês podem admirar-se de que eu, psicóloga clínica, acabasse me envolvendo nessa psicoterapia heterodoxa.

O capítulo seguinte descreverá meus antecedentes e o modo com que minha terapia evoluiu, alterando minha visão da vida.

DO NATURAL AO SOBRENATURAL

O tópico de um programa de rádio, de uma hora, que estava sendo transmitido, era a diferença entre um psiconeurótico e um neurótico. Eu o ouvia às escondidas em minha cama, tarde da noite, aos treze anos de idade. Ele abriu para mim um mundo novo — o mundo do comportamento aberrante. Senti-me fascinada! Na mesma ocasião, às 11 horas da noite, decidi tornar-me psicóloga e tratar das pessoas portadoras dessas enfermidades.

As distinções já não existem, mas meu interesse pela psicologia anormal e pelo funcionamento da mente continuou, sem afrouxar, até o presente. Olhando para trás, chego à conclusão de que o que realmente me intrigava era o conceito da mente subconsciente discutido e ilustrado pelos seus afloramentos — fobias, obsessões, compulsões, etc. Acredito agora que a mente interior é o maior dos desafios e tão merecedora de pesquisas quanto o espaço exterior.

Minha curiosidade é continuamente aguçada pelas sondagens dos meus pacientes debaixo da superfície da sua mente consciente. Graças à experiência que adquiri fazendo mais de vinte mil regressões hipnóticas em mais de mil pacientes, fui muitas vezes capaz de predizer com sucesso (para mim mesma) o que íamos encontrar nessas explorações. Mas mesmo assim, cada caso semelha um quebra-cabeça intrincado, que completamos apanhando uma peça, ao acaso, aqui e outra peça, isolada, mais adiante. Quando se coloca a última

peça importante no lugar, ocorre a cura instantânea. O processo, às vezes, é rápido e fácil. Na maior parte das vezes, porém, é lento e tedioso, à proporção que vêm à tona facetas ocultas.

Fui educada na Costa Leste num ambiente confortável, com muito estímulo da parte de meus pais, enérgicos e criativos. Meu pai, pintor de retratos e cartunista, pessoa carinhosa e cordial, animou-me a desenvolver minhas potencialidades desde a infância até os últimos tempos que passamos juntos, antes da sua morte. Ele me infundiu a coragem para ter fé e confiança em mim mesma. Por efeito do seu apoio emocional e do seu interesse, aprendi a assumir riscos, que me permitiram explorar dimensões de terapia muito além dos meus estudos.

O amor de minha mãe à vida, associado ao seu rigoroso enfoque germânico da educação de crianças, desenvolveu em mim uma autodisciplina fácil, o amor ao trabalho duro e um otimismo persistente. Todas essas qualidades me têm sido inestimáveis no tratamento de pessoas perturbadas, no correr dos últimos dezessete anos.

Após dois anos de faculdade, casei aos vinte e me tornei mãe. Anos mais tarde, completei meus estudos sem colar grau, ingressei numa escola de doutoramento na Universidade de Maryland e, por fim, recebi meu grau de doutora em psicologia clínica na Universidade de Miami, em 1969. Meus estudos de psicologia se desenvolveram rigorosamente ao longo das linhas comportamentais, com uma pesada ênfase na pesquisa e um relativo entusiasmo pela terapia.

É interessante notar que na faculdade e universidades que freqüentei, Freud quase não era reconhecido por suas contribuições à nossa compreensão da mente e do comportamento humanos. E só me lembra um parágrafo que fazia menção da hipnose em todos os textos e aulas da faculdade e da escola de graduação.

Nos primeiros anos como terapeuta trabalhei com crianças emocionalmente perturbadas. Depois de ter feito parte do corpo docente de uma clínica psiquiátrica para crianças,

abri uma clínica particular e passei a trabalhar com crianças, casais e adultos. Comecei a ler obras que tratavam de novos enfoques terapêuticos, e incorporei algumas técnicas e pontos de vista ao meu trabalho.

Depois de mudar-me para a Califórnia, participei de um seminário de auto-hipnose no Instituto Esalen e principiei a incluir o relaxamento e as sugestões hipnóticas em minha terapia. Por causa do meu intenso interesse pelas motivações interiores, existentes por trás dos sintomas, percebi que a hipnose era um dos meios mais rápidos de atingir a mente subconsciente, repositório de todas as lembranças. À maneira que me sentia mais à vontade com a hipnose, passei a usar uma abordagem hipnoanalítica, que tenho empregado nos últimos onze anos.

A princípio, meus pacientes encontravam as causas de alguns problemas em acontecimentos da primeira infância, que haviam reprimido totalmente. Outros seguiam de volta os seus sintomas até a experiência do nascimento. Muitas vezes, traumas sofridos por ocasião do nascimento e coisas ditas no momento do parto surtiam um efeito profundo e duradouro. Surpreendentemente, alguns pacientes recuperavam lembranças perdidas do período intra-uterino, entre a concepção e o nascimento. A solução dramática de um caso de depressão proveio da recordação de uma tentativa de aborto. A mente da paciente, como um feto que se desenvolve, registrou o fato de que ela era pouco atraente e que a sua existência estava sendo ameaçada. Em conseqüência da regressão, sua depressão, que durara a vida inteira, desapareceu por completo.

Uma tarde, aconteceu uma coisa que mudou o curso da minha vida profissional — embora eu não o percebesse na ocasião. Um dos meus pacientes, que padecia de problemas sexuais, viu-se, sob o efeito da hipnose, como padre católico no século XVII. Estávamos discutindo a regressão antes da sua partida, quando ele deixou **claro que** acreditava firmemente na reencarnação.

Como o conceito de existências passadas nunca me ocorrera senão como um ponto de vista oriental, fascinante e an-

tigo, fiquei intrigada. Mas o meu espanto foi muito maior quando ele chegou para a sessão seguinte dizendo-se completamente curado! Antes que eu tivesse podido arrumar as idéias na cabeça, outra paciente regrediu espontaneamente para uma "vida anterior", e, mais tarde, também afirmou que estava totalmente livre dos seus sintomas.

O terceiro caso, decisivo, envolvia uma mulher jovem, que, tendo fobia por cobras, sofria de pesadelos com cobras pelo menos duas vezes por semana, dos quais despertava aos gritos. Como a nossa busca sob o efeito da hipnose revelasse que a fobia não provinha de nada que ela tivesse experimentado na existência atual, senão numa encarnação anterior — e sentindo-me um tanto ou quanto ridícula — dirigi-a para uma época anterior ao seu nascimento.

Sujeito hipnótico excelente e de nível particularmente profundo, dali a segundos ela estava descrevendo uma cerimônia antiga, que se realizava provavelmente na América Central e envolvia sacerdotes nativos, que dançavam com cobras venenosas na boca diante de uma pirâmide. As cobras representavam tudo o que era mau e aterrador e, a certa altura, no instante em que os sacerdotes as atiraram ao chão, ela estremeceu violentamente — mas depois se relaxou com um sorriso de intenso prazer, quando os sacerdotes as decapitaram.

Ainda hipnotizada, mas já de volta ao presente, ela negou "acreditar em todo esse negócio", e parecia muito agitada. Fiz-lhe uma sugestão pós-hipnótica para que se esquecesse de tudo o que acabara de experimentar.

Com esse caso temos, ao mesmo tempo, uma paciente e uma terapeuta descrentes! Não obstante, na sessão seguinte ela voltou exultante por estar livre de todos os medos que tivera. Com o rosto iluminado, contou-me que ela e o marido tinham ido acampar pela primeira vez, e ela se sentira descontraída e não experimentara nenhuma espécie de ansiedade. E ajuntou: "O melhor de tudo é que os meus pesadelos se acabaram! Faz agora duas semanas que não tive mais nenhum!" E continuou livre dos sintomas.

Eu ainda não acreditava na reencarnação, mas percebia o valor dessa forma de terapia, embora, a meu ver, não passasse de uma fantasia. Pus-me a empregá-la com mais frequência até que, afinal, ela se tornou uma técnica que eu aplicava sistematicamente com excelentes resultados. Meu livro *You Have Been Here Before: A Psychologist Looks at Past Lives* se aprofunda no assunto.

Nos primeiros anos, descobri que muitos pacientes escoregavam para outras personalidades enquanto se achavam em transe hipnótico. Presumi que se tratasse de personalidades múltiplas e lidei com elas como se o fossem. Parecia estranho que alguns pacientes tivessem tantas "personalidades", algumas que se limitavam a passar depressa. Lembro-me de uma "pessoa" assim, que se pôs a falar com voz muito infantil, identificou-se como sendo "Susie", e perguntou-me se eu não queria pular corda com ela! Nunca mais tive notícias suas.

Era-me difícil compreender o que estava acontecendo com esses pacientes e, sobretudo, enquadrá-los num sistema teórico aceitável de coordenadas. Nenhum deles parecia tirar algum proveito da investigação dessas "personalidades", a não ser sentir-se mais à vontade com os vários aspectos da sua personalidade que, às vezes, lhes balburdiavam a vida.

Em lugar de sentir-se em desacordo com o personagem, começaram a aceitá-lo como outra parte de si mesmos. Entenderam-se um pouco melhor com parte do seu estranho comportamento. Mas havia pouquíssima mudança nesse comportamento!

À medida que aumentou meu interesse pela metafísica, em virtude da experiência com a terapia das existências passadas, juntei uma vasta biblioteca. Muitos livros, incluindo *The Tibetan Book of the Dead** descreviam como muito bonita a experiência típica da morte, quando o espírito se junta à Luz e deixa o corpo para trás. A Luz, também mencionada como Luz Branca e Luz Brilhante, parecia representar

* *O Livro Tibetano dos Mortos*, Ed. Pensamento, S. Paulo.

a presença divina. Alguns livros descreviam casos em que espíritos — ou desencarnados — ficavam presos à terra e, com freqüência, "se juntavam" a pessoas vivas, que não davam tino da sua presença. Eles, então, continuavam a existir no plano físico, vivendo através dessas pessoas — trazendo-lhes, não raro, grandes sofrimentos e, por vezes, até a morte!

A proporção que lia esses casos, refletia no meu trabalho anterior com pacientes que, presumia, tinham múltiplas personalidades e entrei a imaginar se não estivera lidando com espíritos. As entidades talvez falassem por intermédio dos meus pacientes, "médiums" relutantes. O conceito da possessão também explicava por que algumas regressões pareciam ímbricar-se cronologicamente. Talvez não se tratasse das existências passadas dos pacientes, senão das dos espíritos ou, se recentes, das últimas existências das entidades.

Armada com essa nova maneira de ver as coisas, principiei a prestar mais atenção aos meus pacientes quando descreviam os seus problemas e comportamentos, a fim de detectar se alguma outra coisa os fazia sofrer.

Muitos pacientes se queixavam, com efeito, de ter alguém dentro deles. "Segundo meu marido, sou duas pessoas completamente diferentes, sobretudo antes da menstruação" — era um comentário freqüente. Não menos freqüente era estoutro: "Essa, positivamente, não sou eu!"

Outros confienciavam que "alguém" dentro deles minava-lhes a resolução de fazer regime, de parar de fumar ou de beber, etc. "Alguém me diz: 'Você não vai fazer esse regime. Ao meio-dia estará comendo outra vez.'" Esses pacientes falavam muito abertamente dos seus conflitos, porque presumiam estar falando de duas partes diferentes da sua personalidade — que estariam em guerra dentro deles mesmos. Mas comecei a ouvir e a interpretar tais observações como indícios possíveis de possessão.

Usando amiúde sinais de dedos à guisa de orientação, eu perguntava ao paciente hipnotizado se algum espírito se achava presente. Muitas vezes se erguia o dedo do "sim". Não raro, depois de uma hesitação reveladora, o dedo do

"não" se levantava, mas se eu então perguntasse se alguém não queria que eu soubesse da sua presença, o dedo do "sim" revelava o "culpado". Aprendi também que os espíritos manipulavam os sinais dos dedos na tentativa de enganar-me.

Dando um salto importante, realizei desposseções — libertando "almas perdidas" — e ficava surpresa quando, mais tarde, esses pacientes relatavam a cessação imediata dos sintomas — alguns dos quais vinham durando havia anos. Pessoas particularmente sensíveis contavam, muitas vezes, ter visto essas entidades e até os seus entes queridos que estavam lá para conduzi-los ao mundo espiritual. Às vezes corriam lágrimas pelo rosto dos pacientes ao ecoarem as emoções dos espíritos possesores. Eles sentiam um medo opressivo quando os espíritos imaginavam estar sendo expulsos, e alegria e alívio ao verem os espíritos de parentes que tinham vindo buscá-los. Muitos disseram sentir que "alguma coisa saía", erguendo-se, deles. Alguns observavam: "Aqui agora está menos apertado", "Sinto-me meio vazio", "Um grande peso está sendo retirado", "Agora é possível que seja eu. Eu não sabia que era eu durante todos esses anos — que havia um eu que poderia ser libertado".

Mais uma vez me encontrei na mesma posição em que estivera anos antes com os primeiros casos de regressões espontâneas e existências passadas: uma descrente a participar de alguma coisa que parecia operar milagres!

Durante esse período, lembrei-me de um artigo que lera no *Sun* de Baltimore, havia alguns anos, na época da minha escola de graduação. Noticiava-se a história, meio chocante, de uma paciente — irremediavelmente esquizofrênica — numa das mais prestigiosas clínicas mentais particulares do Leste. Ao que me lembro, num domingo, a família a visitou, como o fazia religiosamente, para levá-la a um passeio de automóvel pelo campo. *Felizmente*, ocorreu uma colisão muito grave, que a deixou abaladíssima. Dentro de minutos estava completamente sã — pela primeira vez em anos — e tudo leva a crer que assim se quedou!

Associando essa história ao que estava acontecendo em meu consultório, entrei a especular sobre se ela não estaria possessa, o que acarretara o diagnóstico de insanidade — e, depois, o espírito fora lançado fora do corpo.

Pus-me a imaginar se a razão por que a aplicação de choques elétricos funcionava às vezes tão bem em pacientes gravemente deprimidos não seria o mesmo processo: o espírito possessor era expelido do corpo do paciente. Isso parecia ajustar-se ao campo crescente de conhecimentos acerca da emissão pelos nossos corpos de um campo de força eletromagnética. As recaídas registradas teriam sido causadas pelo fato de não ter o espírito viajado para o mundo espiritual, permanecendo preso à terra e nas vizinhanças do hospedeiro anterior, o paciente. Em seguida, quando as vibrações do paciente voltassem ao normal, o espírito lhe reentraria no corpo.

Enquanto eu tentava compreender essas coisas, li num jornal diário a notável narrativa de uma mulher italiana, que despertou da cirurgia falando uma língua estrangeira que ninguém da sua família entendia. Além disso, não só não reconhecia ninguém, como também dava mostras de uma personalidade totalmente diversa! Pensando nisso, teorizei a hipótese de que um espírito, o habitante original do corpo, o deixara e fora substituído por outro. Para mim, estas eram, e continuam sendo, questões fascinantes.

Meu trabalho com espíritos possessores levou-me a rever minhas próprias crenças tocantes à vida depois da morte e à sobrevivência da consciência. No correr dos anos, evoluí de uma descrença no "sobrenatural" — embora fascinada por ele — para uma aceitação intelectual dos conceitos de reencarnação e de continuação da personalidade. Ainda não me acho totalmente convencida destes últimos num nível emocional e surpreendo-me em certas ocasiões, questionando-os e ponderando se tudo não passará de fantasia. Entretanto, cumpre-me admitir para mim mesma que a terapia funciona! Por quê? A seguir, reconheço intelectualmente

os conceitos como pertencentes ao reino da realidade. E assim vão as coisas!

Minha prática consiste agora em usar a hipnose para chegar à causa do problema, proceda ele de uma lembrança reprimida de um acontecimento nesta existência, de existências passadas ou da presença de uma ou mais entidades possessoras.

Explico aos meus pacientes que não estou tentando provar que os espíritos existem ou que os estão possuindo, senão que a técnica funciona. Acrescento que eu mesma não acredito totalmente nisso. E concordamos em utilizá-la como "hipótese de trabalho".

A maioria dos pacientes tem a mente aberta, ou está mesmo convencida da existência dos espíritos ou de estar sendo possuída por eles. Vezes há em que aceitam muito melhor a idéia do que eu, como acontece com inúmeras pessoas no auditório quando faço palestras sobre possessão. Não raro, oferecem-se espontaneamente para apresentar "provas" tiradas da própria vida ou da vida de pessoas conhecidas.

Encaro as entidades possessoras como os verdadeiros pacientes. Elas sofrem imensamente, talvez até sem o compreender. Prisioneiras virtuais, estão presas no plano da terra e sentem-se exatamente como se haviam sentido momentos antes da morte, que pode ter ocorrido decênios atrás. Dão a impressão de que nada lhes aproveitou de quaisquer atividades positivas exercidas pelo hospedeiro, nem dos estudos que este porventura fez em toda a sua vida desde o momento em que foi possuído por eles. Além disso, abstêm-se de ir para o mundo espiritual, que lhes ofereceria uma bela vida e lhes ensinaria a oportunidade de fazer progressos espirituais.

Minha meta terapêutica é ajudar os espíritos possesores, que se acham às voltas com o maior dos sofrimentos, ainda que isso signifique para os pacientes a necessidade de continuarem sobrecarregados por mais algum tempo, enquanto se cultivasse a disposição dos possesores para partir. Se eu fosse capaz de "enxotá-los", estaria criando um problema monstruoso, porque eles voltariam a ser pessoas desloca-

das e talvez se aferrassem a outras pessoas insuspeitas, que poderiam não procurar ajuda. Eles poderiam ocasionar suicídios ou assassínios, na pior das hipóteses, ou a infelicidade dos possuídos, na melhor.

A despossessão pode ser imediata e duradouramente eficaz no operar um alívio completo dos sintomas. Técnica fácil de se usar em casos não complicados, felizmente não requer treinamento de saúde mental, como o requer a hipno-análise (regressão).

Às vezes, contudo, pode ser muito penoso o trabalho de lidar com entidades obstinadas, que se entrincheiram e se recusam a sair. No capítulo 14, exporei minhas idéias sobre o modo com que se pode levar a efeito uma despossessão na própria pessoa ou em outra, e entre elas incluirei transcrições textuais das despossessões reais que emprego com meus pacientes.

Agora, lancemos os olhos à história para analisar os vários pontos de vista sobre possessão e sua solução.

OBSERVAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A POSSESSÃO DOS ESPÍRITOS

No derradeiro quartel do século XX, muita gente pôde achar supersticiosa a crença de que os espíritos dos mortos são causa de aflição e sofrimento entre os vivos. Isso é particularmente verdadeiro agora, uma vez que a maioria dos cientistas se empenha em descobrir causas biológicas para quase todas as moléstias humanas, assim mentais como físicas. Entretanto, um breve olhar lançado à literatura revela que, em todo o transcorrer da história, as pessoas atribuíram com freqüência as origens de muitas doenças a espíritos possessores e muitos rituais diferentes têm sido postos em prática para exorcizá-los.

Afirma-se que o próprio Jesus expulsou espíritos em muitas ocasiões.

Jesus pregava e expelia os demônios (*Marcos 1:39*).

Um certo homem possesso dos demônios havia muito. . . Jesus ordenara ao espírito imundo que saísse do homem. .. O que estava possesso dos demônios foi curado (*Lucas 8:27-33*).

Mestre, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo. . . E ele perguntou ao pai: Há quanto tempo isto lhe sucede? E ele respondeu: Desde a infância. . . Jesus repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe, Espírito mudo e surdo, eu te ordeno, sai dele e nunca mais tornes a ele. E o espírito clamou, e agi-

tou-o muito, e saiu, deixando-o como se estivesse morto, ao ponto de muitos dizerem: Morreu. Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou (*Marcos, 9:17-27*).

Estes são apenas três exemplos dos mais de vinte e seis que encontrei na Bíblia, em que Jesus exorciza espíritos.

Durante o primeiro período cristão, a capacidade de expulsar espíritos era reputada sinal de verdadeiro discipulado.

Jesus deu aos seus doze discípulos autoridade sobre espíritos imundos para os expelir (*Mateus 10:1*).

Antes até do advento do Cristianismo, gregos e romanos antigos alimentavam crenças bem estabelecidas a respeito dos chamados mortos e de seus efeitos sobre as pessoas.

Um homem enfermo que definha é um homem sobre o qual um espírito maligno lançou os olhos. (*Homero*)

Certos demônios tirânicos exigem para o seu prazer alguma alma ainda encarnada; incapazes de satisfazer suas paixões de qualquer outra maneira, incitam-na à sedição, à luxúria, às guerras de conquista, e assim conseguem o que almejam. (*Plutarco*.)

Os demônios são os espíritos de homens perversos. (*Josefo*.)

Sempre houve diversos pontos de vista em relação à natureza dos espíritos possessores. Em alguns casos, acreditava-se que eles eram efetivamente os mortos. Em outros, supunha-se que alguns espíritos nunca tinham estado em forma humana, mas eram, ao invés disso, criados de Satanás, ou o próprio Satanás. Neste capítulo examinaremos os primeiros.

Certas culturas tinham idéias muito definidas sobre a origem dos espíritos possessores, e a razão por que interferiam na vida das pessoas. A tradição chinesa do culto dos antepassados remonta a mais de dez mil anos. De acordo com

a sua maneira de ver as coisas, uma pessoa passa por muitos ciclos, ou existências. Devemos manter boas relações com nossos antepassados, porque eles continuam a existir em outro mundo — e, se se encolerizarem ou perturbarem, poderão voltar para causar dano neste.

Os japoneses também praticaram o culto dos antepassados e acreditavam em espíritos apegados à terra, o que talvez explique a popularidade do culto exorcístico Mahikari, que cresce rapidamente e contava com quatrocentos mil membros espalhados pelo mundo inteiro em 1970. Conhecido como a Supra-Religião da Verdadeira Luz, sustenta que os espíritos possessores causam mais de oitenta por cento das moléstias que afligem os humanos — tanto físicas quanto emocionais. Seus exorcismos, afirma, são capazes de devolver a saúde e o bem-estar à pessoa possessa, e milhares são tratadas, todos os dias, por essas técnicas.

Os antigos egípcios também acreditavam que os vivos sofriam a influência dos mortos, em especial os espíritos de pessoas destratadas ou desonradas após a morte. Seus antigos túmulos são testemunhos do aprimorado sistema de crenças em que a vida continua depois da morte. Mumificavam-se os corpos para que pudessem ser usados outra vez; preservavam-se cuidadosamente os órgãos internos, com ervas e preparados, em jarros funerários, com o mesmo propósito. Os túmulos eram depósitos de artigos domésticos, comida, sementes, animais e criados para que eles continuassem a viver do modo a que estavam habituados. Até as esposas eram colocadas vivas nas tumbas a fim de acompanharem o falecido em sua jornada pelo outro mundo.

Várias pacientes minhas — durante regressões hipnóticas — reportaram problemas atuais, como a claustrofobia e o medo do escuro, ao fato de terem sido sepultadas vivas nesses túmulos. Lembravam-se do terror que haviam sentido ao ver diminuir a luz das tochas e ao experimentar a respiração cada vez mais forçada antes de morrer sufocadas.

Uma das filosofias mais altamente desenvolvidas do mundo espiritual e de suas relações com as pessoas vivas nos vem

da Ásia. A antiga religião da Índia — baseada nos Vedas, escrituras sagradas — foi o arauto do Hinduísmo e do Budismo modernos, que milhões de pessoas praticam hoje em dia.

Para os estudiosos indianos, os humanos tinham, pelo menos, sete "corpos" ou "veículos" diferentes, o último dos quais é físico. Os restantes, não-físicos e invisíveis à vista humana ordinária, correspondem a planos ou níveis de realidade diferentes, e cada qual é mais sutil — vibra a uma frequência mais alta — do que os que lhe ficam abaixo.

O corpo mais próximo do físico, conhecido como etérico, é — em termos de vibrações — o mais denso dos corpos invisíveis. De raro em raro, pode ser visto pelos detentores de visão psíquica — os clarividentes. Modelado exatamente como o corpo físico, é, na realidade, uma duplicata sua. Permeando o corpo físico, controla-lhe a saúde e estende-se umas poucas polegadas além dele.

O veículo mais alto que se segue é o corpo astral, ou emocional, que penetra, ao mesmo tempo, o corpo físico e o corpo etérico e se estende várias polegadas além deles, formando um oval de luzes coloridas. Controlador dos aspectos emocionais dos seres humanos, é percebido como se estivesse em constante mudança, ecoando as emoções da pessoa.

O corpo mental, ainda mais sutil em suas vibrações do que o astral, também penetra os outros e contribui para a expansão da aura.

Um veículo ainda mais aprimorado é o corpo espiritual. Embora resida fora do indivíduo, no plano espiritual, faz parte do nosso ser.

Os ensinamentos esotéricos discutem corpos ainda mais altos, como o causal (um dos veículos espirituais que vibram com maior velocidade).

Conforme a teoria indiana, fundada nos escritos de antigos sábios, um mundo inteiro, o plano astral, existe entre o mundo físico e o mais elevado dentre os mundos espirituais. Não se trata de um lugar, senão de um número incalculável de planos, subplanos e divisões de subplanos, que se alteiam numa escala gradativamente ascenden-

te, como resultado da freqüência crescente do estado vibratório.

O plano astral mais baixo é o mundo dos espíritos apegados à terra. Nos planos mais altos do mundo astral residem as entidades espiritualmente desenvolvidas, conhecidas como guias, mestres ou professores.

Acredita-se que os seres humanos vivos "viajam" amiúde, durante o sono, em seus corpos astrais ao plano astral, em certos estados de transe, ou deliberadamente, querendo que parte deles deixe o corpo físico. A esta última viagem dá-se o nome de "projeção astral" ou "experiências fora do corpo",

Os Vedas descrevem a morte como o desprendimento do corpo físico. O indivíduo prossegue, dirigindo-se a planos mais elevados de existência e levando consigo lembranças. Após uma estada no mundo astral, a alma continua a subir para o plano mental, deixando novamente para trás um cadáver — a casca astral. Mais tarde, o indivíduo se encaminha para um nível ainda mais alto do plano astral, onde espera o renascimento num corpo físico.

Essa reciclagem da verdadeira essência da pessoa, de um corpo físico para outro, e a doutrina do carma — a lei de causa e efeito — são essenciais à evolução espiritual, de acordo com o sistema védico. Através da reencarnação, os indivíduos se purificam, a fim de ingressar no plano mais elevado e juntar-se à divindade.

Mas esses ciclos importantíssimos podem ser obstruídos se as pessoas ainda estiverem obsedadas por desejos terrenos na ocasião da sua morte. Sendo esse o caso, elas permanecem entre as vibrações do plano físico e podem ser apesadas por elas. Vistas como se estivessem no nível astral mais baixo, estão muito próximas do plano da terra, e tentam debalde satisfazer seus vícios e desejos. Enquanto estiverem nesse estado inferior, as entidades apegadas à terra não fazem nenhum progresso espiritual. Não podem livrar-se dos seus veículos inferiores nem subir para estados mais altos.

Muitas vezes, de acordo com a teoria védica, desencarnados ignorantes ou maldosos saem à procura de pessoas vivas que possam possuir, a fim de prosseguirem em sua vida terrena. São capazes de entrar na pessoa porque o corpo astral, visível para eles na aura do indivíduo, tem algum defeito que lhes possibilita a entrada. Depois de se haverem incorporado, exercem o seu domínio, sempre de natureza negativa.

Essa visão da possessão, transmitida para a Índia e para o Tibete, faz parte agora da famosa tradição médica tibetana, praticada pelos tibetanos expatriados no norte da Índia.

Alguns dogmas da antiga tradição védica voltaram à tona no Ocidente durante o século XIX em dois movimentos, a Teosofia e o Espiritismo. Embora sustentassem muitas crenças conflitantes, esses dois pontos de vista se apegavam vigorosamente à crença na continuação da personalidade individual depois da morte.

Desde que a nossa busca tem tudo a ver com a possessão por espíritos apegados à terra, de particular interesse é a influência dos dois movimentos sobre os curadores em várias partes do mundo.

O Espiritismo exerceu efeito profundo e catalítico sobre o misticismo sul-americano, através dos livros do escritor francês Alan Kardec. Kardec escreveu a respeito da imortalidade da alma e da natureza dos espíritos e suas relações com os homens. Afirmava que os livros lhe eram ditados por espíritos de um grau mais alto, transmitidos através de médiuns.

Hoje em dia a influência do Espiritismo conduziu a rituais de despossessão empregados por curadores, médiuns e até por alguns médicos e psicólogos modernos na América do Sul.

Enquanto fazia conferências no Primeiro Congresso Internacional de Terapias Alternativas, em São Paulo, em 1985, fui convidada a conhecer a Federação Espírita de São Paulo, organização que se abriga num grande prédio semelhante ao de uma escola. Três mil e quinhentos médiuns, provenientes de todas as camadas sociais e profissões — desde criadas analfabetas até advogados — tratam de quinze mil pa-

cientes por semana — sem receber um único centavo de remuneração! Como os médiuns acreditam que estão sendo usados por curadores procedentes do mundo espiritual, é artigo de fé não cobrar. O trabalho deles consiste em remover espíritos pela *desobsessão* (desposseção).

Disseram-me na Federação que um em cada cinco habitantes de São Paulo é médium. Doze milhões de pessoas vivem em São Paulo! São Paulo não constitui exceção, a mediunidade desenvolve-se, exuberante, em todo o Brasil.

Nos Estados Unidos, um dos primeiros psiquiatras espíritas, o Dr. Carl Wickland, trabalhou durante trinta anos com pacientes gravemente perturbados, que, no seu entender, eram possesores de entidades apegadas à terra. Sua esposa, Anna — médium de transe — permitia aos espíritos possesores falarem por intermédio do seu aparelho vocal. O Dr. Wickland conversava então com eles — num intercâmbio em dois sentidos — e convencia-os da verdadeira condição deles. Depois de doutriná-los sobre a vida que os aguardava, persuadia-os a partir. Com alguns espíritos recalcitrantes, via-se obrigado a apelar para o emprego de um tipo de terapia de choques elétricos, a fim de forçá-los a sair dos pacientes. Acreditava que um grupo de espíritos de grande auxílio — o Grupo da Misericórdia — o assistia na remoção das entidades e, mais tarde, as orientava no outro mundo.

O seu livro *Thirty Years Among the Dead*, publicado pela primeira vez em 1924, é um clássico no campo da terapia da desposseção. Nesse livro, ele esboçou a teoria da doença mental provocada pela posseção de espíritos, e incluiu longas transcrições das sessões de aconselhamento que realizava com os espíritos manifestos através da mediunidade de sua esposa. *Sir* Arthur Conan Doyle, espírito erudito, referiu-se com estas palavras a ele e ao seu livro: "Nunca conheci ninguém que tivesse tão ampla experiência de invisíveis. Nenhum interessado na obsessão ou na cura da insanidade por meios psíquicos pode deixar de ler este livro."

Outro homem notável — Edgar Cayce — chamou a atenção do público para a questão da posseção de espíritos como

causa de doenças. Moço ignorante, criado numa fazenda de Kentucky, Cayce descobriu que podia entrar em transe hipnótico e responder a perguntas sobre qualquer assunto. De 1900 até sua morte em 1945, fez mais de catorze mil "palestras" em transe, a maioria das quais dirigida a pessoas doentes que a medicina clássica não ajudara.

Conquanto fosse cristão fundamentalista sulino e estudioso da Bíblia quando fora do transe, em transe, Cayce canalizava palestras místicas e de existências passadas, que discutiam conceitos de carma, reencarnação, a teoria dos planos ascendentes, corpos múltiplos, possessão dos espíritos, e muito mais.

Em seus discursos sobre espíritos apegados à terra e possessão dos espíritos como causa de doenças mentais, ia além do que muitos autores haviam escrito sobre o assunto, sugerindo causas físicas, emocionais, mentais e espirituais complicadas para a possessão.

Os tratamentos que prescrevia para a possessão enquanto estava em transe incluíam o uso interno de outro, aplicações elétricas especiais de baixa voltagem, ajustamento quiroprático para fechar a entrada do sistema nervoso, massagem, reforma da dieta e certo número de outras técnicas naturopáticas e espirituais.

Mais recentemente, em 1982, um psiquiatra britânico, o Dr. Arthur Guirdham, relatou suas descobertas no livro *The Psychic Dimensions of Mental Health*. Baseando suas conclusões no trabalho de mais de quarenta anos, acredita que todas as formas de doença mental grave são causadas pela interferência de espíritos. Profundamente empenhado em curar, suas técnicas, semelhantes às de Wickland, também Utilizam a terapia dos choques elétricos para desalojar espíritos obsessores obstinados.

Adam Crabtree, terapeuta praticante e estudioso do mesmerismo, também trabalha com espíritos possessores. Em *Multiple Man: Explorations in Possession and Multiple Personality*, descreve sua compreensão das condições dos pacientes, em função não só da possessão de espíritos apegados

à terra, mas também dos múltiplos aspectos da personalidade das pessoas. Suas técnicas são mais do tipo persuasivo, visto que não utiliza choques elétricos. E também trabalha terapeuticamente com os possesores.

Outro tipo de curador, o xamã, existe aos milhares por todo o mundo. A tradição xamanista — medicina e religião do mundo pré-alfabetizado — tem uma história que pode ser reportada a quarenta mil anos e se encontra em todos os continentes. É talvez mais conhecido nos Estados Unidos nas pessoas dos curandeiros entre os grupos americanos nativos. Os xamãs baseiam a maior parte do seu poder na crença em espíritos de muitas espécies, e empregam rituais para expelir os tipos possesores negativos.

Recentemente, porque existe um reconhecimento crescente da sua forma de terapia, esses curadores começaram a treinar médicos e psicólogos nas técnicas curativas xamânicas. Uma aceitação liberal das crenças americanas nativas sobre a cura espiritual alcançou o próprio baluarte do ceticismo acadêmico, a comunidade de antropólogos americanos. Um dos mais conhecidos antropólogos especialistas em xamanismo, Michael Harner, escandalizou os colegas e deliciou os alunos inaugurando uma sociedade de cura xamânica. E viaja agora pelo mundo todo lecionando técnicas de cura xamânica.

Existe hoje um número cada vez maior de trabalhadores da saúde mental que utilizam várias técnicas de desposseção. À medida que o seu trabalho se torna conhecido, outros buscam seguir-lhes os passos. Além dos autores discutidos acima, muitos outros terapeutas excelentes aliviam, diariamente, os pacientes de problemas e sintomas emocionais, mentais, físicos e espirituais, que incapacitam suas vítimas, liberando por esse modo almas perdidas ignorantes, os verdadeiros recipientes da terapia.

Vimos que em todo o correr da história registrada — e provavelmente muito antes — as pessoas acreditavam em posseção de entidades apegadas à terra. Essa crença trans-

pôs todos os limites — em função assim do tempo como da estrutura social. Pessoas simples, bem como eruditos e grandes filósofos, adotaram esse ponto de vista. Claro está que só isso não lhe prova a validade. Como o conceito da reencarnação, da vida após a morte, da alma, e muitos outros, a possessão dos espíritos muito provavelmente não pode provar-se.

Para mim, como terapeuta que trabalha com pessoas perturbadas, infelizes, entregues ao sofrimento — tanto emocional quanto físico — a questão da prova não é uma prioridade. Os resultados, sim! Porque a terapia da despossessão elimina a dor e o sofrimento — no meu modo de entender justifica-se-lhe plenamente o emprego continuado.

A compreensão do processo da morte é essencial à nossa busca contínua das motivações por trás da possessão — e também à sua solução. O capítulo seguinte mostrará como os pacientes experimentaram suas mortes e seus estados de pós-morte tal como os rememoram quando submetidos à hipnose.

O QUE ACONTECE QUANDO MORREMOS

Você não pensa no que lhe acontecerá quando morrer? Minhas descobertas clínicas dão-me a entender que a vida continua depois da morte biológica. Pacientes hipnotizados, submetidos à regressão a existências anteriores, sentem-se tão "vivos" imediatamente após a morte do corpo quanto antes. As lembranças, a personalidade, as percepções, as emoções, a reflexão continuam sem nenhuma interrupção. Com efeito, as regressões a existências passadas corroboram, ao que tudo indica, a crença na imortalidade da alma.

Pesquisadores da experiência da "morte clínica" ou da "quase-morte" relataram descobrimentos basicamente idênticos aos dos meus pacientes submetidos à regressão. Seu material provinha de entrevistas de centenas de pessoas que haviam realmente morrido e, mais tarde, foram ressuscitadas. Desde 1975, com o livro do Dr. Raymond Moody, *Life After Life*, o campo das experiências da morte clínica e da quase-morte cresceu rapidamente, com um consenso significativo entre os pesquisadores.

A maioria dos meus pacientes, que, sob os efeitos da hipnose, recordavam encarnações anteriores, referiu experiências de morte notavelmente semelhantes.

Tudo indica que a morte supõe uma transição suave e natural para um reino espiritual, sem perda da consciência. Meus pacientes notaram uma sensação imediata de alívio das dores, dos desconfortos ou dos temores que expe-

rimentavam antes de abandonar seus corpos. Quase todos descreveram a sensação de serem erguidos e flutuarem. Viam claramente os seus corpos lá embaixo e tudo o que estivesse acontecendo em derredor. Muitas vezes tentavam tranquilizar suas famílias, anunciando que estavam bem e vivos. Com um maravilhoso sentido de liberdade, continuavam a elevar-se e eram conduzidos para uma luz branca brilhante. Juntavam-se a eles os entes queridos que já tinham morrido e, não raro, um espírito ou guia sábio e confortador, altamente desenvolvido. Viam-se em corpos perfeitos, cujos defeitos haviam sido corrigidos. Se tivessem sido cegos, enxergavam perfeitamente; surdos, dispunham agora de uma audição aguçada. Se os corpos houvessem sido mutilados em acidentes, estavam inteiros e intactos. Surpreendentemente, os corpos espirituais se diriam tão reais e tão sólidos quanto os físicos o haviam sido.

Se a regressão prosseguisse, eles narravam experiências de uma existência rica e plena em outro mundo. A certa altura, assistidos por sábios conselheiros, reviam a vida que tinham deixado e viam-na toda como se estivessem assistindo a uma fita de cinema. (As pessoas que quase morreram afogadas ou escaparam da morte por um triz descrevem amiúde uma experiência parecida e dizem ter visto toda a sua vida passar-lhes diante dos olhos.) Ficava claro para eles que o propósito da revista era permitir-lhes ver onde haviam superado desafios-chave e onde haviam fracassado. Os conselheiros espirituais assinalavam o que ainda lhes cumpria aprender a fim de fazer os progressos espirituais necessários. Com base nesse conhecimento, planeavam a encarnação seguinte.

Os arquivos dos meus pacientes estão cheios de registros de regressões que ilustram a experiência típica da morte. A transcrição seguinte veio de um paciente do sexo masculino, de vinte e seis anos de idade, Joe, que sofria de depressão, bronquite crônica e uma estranha alergia — toda a vez que tomava leite ou comia nozes, criava-se-lhe imediatamente na garganta um muco espesso, que lhe exacerbava extremamente a tosse, já persistente.

Seguindo instruções para regressar ao acontecimento responsável pelas suas alergias, viu-se na pele de um moço que vivia na Geórgia no século XIX. Descreveu uma infância frustrada e colérica, durante a qual deu vazão a uma fúria reprimida, procurando brigas, que vencida com facilidade em razão das suas alentadas proporções. Enquanto ainda adolescente, matara um homem e fugira para juntar-se ao exército confederado. Sugestões hipnóticas adicionais para que passasse diretamente ao acontecimento que lhe causara as alergias, produziram o seguinte:

Estou recostado a uma árvore e o menino que tocava tambor está deitando leite coalhado na minha xícara desbeijada, que tem um buraco no fundo, de modo que preciso beber o mais depressa possível para evitar que todo o leite se escoe. Estou comendo as nozes do chão. . . faz semanas que não temos uma comida decente. Vejo um rio muito lodacento, que flui devagar, ao lado das árvores. Os outros homens, estendidos ao sol ou sentados debaixo das árvores, estão comendo nozes e todos vestimos uniformes cinzentos esfarrapados. Estou muito cansado. . . e pensando em desertar. Em toda a minha vida sempre briguei, mas agora estou brigando com pessoas dispostas a lutar e capazes de revidar aos meus golpes. . . e sinto medo. Não vejo muitos canhões e os que vejo não estão carregados. . . faz semanas agora que não temos munição. Compreendo que minha faca é a única proteção que me restou — a única maneira que tenho de resistir. Ouço sons de pés que correm e de cascos de cavalos. . . agora gritos e toques de clarim... fomos emboscados!

Erguemo-nos de um salto e deitamos a correr, tentando atravessar o riacho. Meus pés não param de enroscar-se nas pedras. Eles vêm vindo atrás de nós, descarregando espingardas, e nós nos voltamos e lutamos, embora a maioria não tenha armas de fogo. Dois soldados saltam sobre mim e seguram-me debaixo d'água, dobrando meus braços para trás, até que meus ombros começam a doer. Ergo a cabeça para fora da água quando um garoto, com uma expressão de ódio no rosto, põe-se a bater-me com a coronha da espingarda, chamando-me de rato do rio.

Estou sufocando e engolindo água. (Longa pausa.) Agora tenho a sensação de estar flutuando, como se me estivesse erguendo para fora do corpo e, ao mesmo tempo, observo-o boiando córrego abaixo, ao lado de outros corpos de moços que conheço. Olho à minha volta e vejo que eles também se ergueram para fora dos seus corpos; volto-me e dou com meu avô banhado por uma Luz de ouro. Ele me diz: "Venha, menino, a guerra acabou." Vários outros moços que conheço vêm também; as pessoas gostavam do meu avô na nossa cidade. E ele lhes diz: "Venham todos. A guerra acabou para vocês também."

Experimento uma grande sensação de alívio. Ouço um piano e vozes também; uma delas, muito claramente. A voz é como uma centelha, e quase a escuto, mas não de todo. Eu mesmo sou quase uma centelha e isso é tudo o que há. Vejo o mundo com clareza, mas depressa, como se tudo se movesse com extrema rapidez.

Reconheço as coisas que fiz mal. Dão-me notícias dos meus erros e tenho consciência deles sem me sentir mal. Sei que preciso superar a raiva e o ódio e aprender a ser menos egoísta. Creio que fiz um acordo com a voz na Luz de ouro.

A maioria das experiências de morte, lembradas pelos meus pacientes hipnotizados, era tão destituída de complicações e tão previsível quanto a de Joe. De onde em onde, porém, havia outras muito diferentes. Em lugar de uma transição suave de um mundo para outro, alguns se lembravam de haver fugido da Luz, aterrorizados, ou se afastavam dos parentes mortos (em espírito) ou dos guias. Muitos não tinham consciência da própria morte, pois, sentindo-se vivos, mostravam-se totalmente confusos e assustados, sobretudo quando não podiam exercer impacto nenhum nos sobreviventes. Esses indivíduos permaneciam apegados à terra — ligados ao plano físico — a despeito do fato de terem morrido.

Alguns espíritos, em realidade, pareciam fundir-se com pessoas vivas ou possuí-las. O processo foi claramente ilustrado na regressão de uma paciente, Linda, que estava sendo

tratada de uma depressão tão profunda que quase a levava ao suicídio. Durante o trabalho hipnótico, viu-se como um desses espíritos "deslocados", uma pessoa deprimida do sexo masculino. A transcrição principia alguns minutos antes da sua morte:

Sinto-me muito deprimido. Sinto-me transtornado, com raiva e confuso. Por causa da minha mulher. Ela me tem sido infiel. (Chora.) É bonita e muito alegre. . . e eu não sou. . . mas ela é capaz de fazer que eu me sinta bem. Dói-me saber que me tem sido infiel. Preciso dela! Tenho tentado, de todas as maneiras, ser o que ela quer que eu seja, mas ela não me ama. (Pausa longa.)

Vejo um rio praticamente seco e vejo uma ponte erguida sobre ele. (Pausa.) Agora estou em cima da ponte. . . Não quero mais ficar aqui. É muito doloroso. Qualquer outra coisa seria melhor do que isto. Nada mais me prende aqui... nada me compele. Acho que estou perdendo a cabeça. (Pausa.) Subo à balaustrada... Salto.

Estou na margem do rio. (Pausa longa.) Sinto-me muito estranho. . . meu corpo me dá uma sensação engraçada. Posso erguer-me e vê-lo estendido na areia. Mas ainda estou aqui! Maldição! Não é justo! Estou tão louco da vida. . . a coisa não funcionou. Não é justo! Estou muito assustado. Uma luz muito brilhante me rodeia, muito brilhante. . . e eu a detesto! (Pausa.) Quero ir-me embora. Estou correndo pela margem do rio para longe do meu corpo. Estou correndo para o meio de arbustos e árvores porque agora está mais escuro. Alguma coisa, porém, não está certa — *alguma coisa não está certa* \ Não compreendo. Bato numa árvore e passo pelo meio dela. Estou assustado e confuso. Não gosto nada disso! É como estar cego, tateando à minha volta e trombando com as coisas. Vou-me deitar aqui e ficar por algum tempo...

Durante a mesma sessão, o homem, agora um espírito, continua a recordar a atração que sentia por uma moça e a subsequente possessão dela.

Sinto-me tão só! Tenho estado desse jeito há muito tempo. Isto aqui é solitário e sinto medo e raiva. Tenho a sensação de estar aqui desde sempre. Ouço algumas pessoas; elas estão se divertindo. Estão na praia, brincando. Chego-me a elas, mas elas não me dão atenção. Por que não podem ajudar-me? Por que não querem ajudar-me? Estou tão infeliz e elas são tão alegres! Isso me deixa com raiva!

Há uma linda moça alegre e adorável — mas nem sequer se detém e olha para mim — nem mesmo nota a minha presença. (Linda sacode os punhos e depois parece atônita.) Tentei golpear-la; não compreendo. Não sei o que aconteceu.

Parece que estou com ela agora; de um modo ou de outro, faço parte dela. Agora está melhor. Estou muito mais quente. Ela continua muito alegre e ainda me sinto muito triste, mas posso sentir o que ela sente. Apraz-me que se sinta bem. Mas é só ela quem se diverte — e isso também me deixa furioso. (Pausa longa.) Agora ela já não se diverte tanto quanto antes.

Dir-se-ia que todos os espíritos acabam indo para a Luz - mesmo depois de ficarem presos no plano físico por décadas. Em se tratando de suicidas, descobri que muitos como desencarnados continuavam tão deprimidos quanto antes de morrer — até serem "resgatados" por auxiliares espirituais, ou até possuírem pessoas vivas insuspeitas. Entretanto, outros que se mataram foram imediatamente para a Luz.

Uma descrição interessante da jornada para a Luz foi feita por uma paciente deprimida, que reviveu, após haver-se suicidado numa existência anterior. Depois da morte, deixou-se ficar no plano da terra por certo número de anos. Havendo ela rememorado essas experiências, avancei-a para o tempo em que o espírito encontrou a Luz.

Faz muito tempo. Estou confusa.. . vagueando. Tentando elevar o meu nível de consciência. Tento, mas não consigo. Vejo lembranças da Luz, mas não alcanço encontrá-la. A Luz cintila, mas não está aqui. Aparece e desaparece. Vagueio. . . Procuro. Sei que a Luz significa alguma coisa. Quando ela vem,

sinto-me melhor. Sinto a paz que vem de cima. Sei que preciso chegar mais perto dela. Sei que tenho de chegar. . . *Tenho de encontrá-la*. Tenho de conseguir essa paz dentro de mim.

Ela vem vindo. . . vem vindo. Alguém está me ajudando. Alguém está me guiando. Alguém está me ajudando a encontrar a paz. . . a encontrar-me a mim. . . a encontrar meu ser interior... a encontrar meu destino... minha sina.

Estou entrando na Luz. Estou começando a existir com a Luz; mas a Luz não é o fim. É o começo. Há mais para mim do que a Luz. Há espíritos além da Luz. Há mais espíritos como eu.

Vagueio na Luz. Alguns espíritos se movem com facilidade. Alguns espíritos passam por mim tão depressa! Alguns têm dificuldade para me acompanhar. Estou tentando descobrir mais a respeito da Luz. O que há do outro lado? O que faz essa gente. . . esses espíritos andarem? Por quê? O que é?

Sinto-me bem aqui dentro. O frio está passando... já passou. Há calor. Há ardor. . . há paz, se bem não seja a paz total. Há mais paz e felicidade além da Luz. Posso vê-lo. Posso senti-lo. Sei que está lá. Mas chegar lá não é fácil.

Alguém está me ajudando. Tropeço e caio. Oh! meu guia está me ajudando. Há uma porção de espíritos. Comunico-me com todos eles. Há muita felicidade agora. Sinto-me feliz. Sinto-me melhor do que nunca me senti. Sinto alegria. Já não me sinto sozinha. Pertença a alguma coisa.

A Luz está atrás de mim. É azul. . . agora é de um azul de cristal. A Luz ainda brilha atrás de mim, mas tudo é azul. É. . . é uma unidade. Um começo que eu nunca poderia conhecer. Uma comunhão. . . uma partilha. Não sei por que estão todos partilhando comigo. E estou principiando a partilhar com eles.

Estou deixando a minha dor. Eles fazem que eu me sinta feliz. Dão-me força, eliminam minha confusão, guiam-me, por meio dos seus sentidos — dos seus pensamentos — da sua experiência. Agora acabou... acabou!

Das regressões dos pacientes transparece que o ingresso na Luz é uma experiência universal. A própria Luz é varia-

damente descrita como "Deus", "amor sem condições", "uma bela luz — feito o sol" e, pela maioria, como indescritivelmente bela e maravilhosa. Uma típica experiência dela: "É quente, e me sinto protegido. Deve ser Deus. Sinto-me perdoado de tudo o que fiz."

O trecho seguinte exemplifica outra descrição freqüente:

Não estou pronto para ir. Não! Quero ficar com o meu amigo. O guia me disse que não seria bom para mim, que preciso abençoá-lo e seguir adiante. Saímos. A Luz é imensa! Belíssima. E é quente. De repente, sinto-me realmente bem. Realmente feliz! O guia ri-se comigo. Estou dizendo que preciso voltar para o meu amigo. E ele diz que não é possível, que tenho coisas para fazer. Está tudo perfeito. Não importa o que você fez ou disse. Está perfeito. Sinto-me tão bem!

Viram como é bela a experiência da morte quando o indivíduo faz a transição para a Luz? Agora, é chegada a hora de examinar as razões por que tantos resistem a essa experiência e permanecem no mundo físico sem corpos próprios e, em sua ignorância, condenam-se a uma miserável existência apegada à terra.

POR QUE OS ESPÍRITOS PERMANECEM ENTRE NÓS

Minha experiência clínica forneceu-me várias explicações básicas dos motivos por que certas entidades permanecem atadas ao plano material, em vez de completar a transição para o mundo espiritual. As mais comuns são a ignorância, a confusão, o medo (especialmente o medo de ir para o inferno), apegos obsessivos a pessoas ou lugares vivos, ou às inclinações pelas drogas, pelo álcool, pelo fumo, pela comida ou pelo sexo. Um sentido despropositado de negócios não concluídos também compele amiúde os espíritos a ficarem no mundo físico. Alguns se quedam determinados a vingar-se.

Comunicando-me com esses espíritos, através de pacientes hipnotizados, fiquei sabendo que algumas pessoas estavam tão convencidas, durante a própria existência, de que não havia nada depois da morte, que simplesmente se recusavam a ver os membros da família ou os guias espirituais que vinham buscá-las. Ao invés disso, perambulavam sem rumo num estado de confusão e ignorância que, não raro, durava anos.

Interrogados, costumavam negar que estivessem mortos, dizendo qualquer coisa parecida com isto: "Quando você está morto, está morto! Agora estou aqui, de modo que estou tão morto quanto você." Se, submetidos ao efeito da hipnose, eu os fazia voltar ao momento da morte e lhes pedia que olhassem para os próprios corpos físicos sem vida, ou se recu-

savam a fazê-lo, ou proclamavam estar dormindo, ou alegavam que aquele corpo pertencia a outra pessoa.

Decidida a convencer uma entidade particularmente obstinada de que o seu corpo morrerá, fi-la voltar ao momento da morte. Ela declarou, com veemência: "Estou dormindo. . . Estou dormindo numa cama de cetim. Você sabe que não estou morta! Não posso — não quero — ver mais nada!" Momentos depois, reconheceu os espíritos de alguns parentes, incluindo o marido e a amiga íntima, já falecidos. E disse: "Você não vai me dizer que estou morta. *Eu não estou morta!* Lá está Betty. Ela, sim, está morta. Quer que eu vá à casa dela. Mas não posso ir com ela, porque está morta. Betty grita para mim: 'Você está morta! Você está morta!' Mas eu não estou! Não, não estou morta!" Depois que lhe falei mais um pouco sobre a natureza da morte, ela, afinal, foi capaz de aceitar sua verdadeira condição e partiu, de boa mente, com o marido e Betty.

Algumas pessoas se achavam num estado tão profundo de confusão ao morrer que simplesmente não perceberam que estavam mortos. Isso era particularmente verdadeiro em se tratando de suicidas. Muitos, embora nem todos, perambulavam por ali sem direção, ensaiando fúteis tentativas de comunicar-se com os vivos. Foi o caso da pessoa mencionada há pouco, que se matou saltando de uma ponte. Aquele espírito via o próprio corpo estendido na areia, mas o fato da sua morte não lhe causava impressão alguma. Mais tarde, não alcançou compreender por que as pessoas na praia não respondiam aos seus avanços.

Tenho visto casos de suicidas em que a pessoa experimenta um processo de morte normal. Independentemente de qualquer outra coisa, parece que, ao se suicidarem, estão apenas postergando o aproveitamento das suas lições e retardando seu progresso espiritual, pois terão de encontrar-se ainda em outra situação de prova, em que o suicídio será uma séria opção em alguma existência futura.

Era também comum a confusão entre pessoas que experimentavam morte súbita e inesperada. Alguns deixavam-se

ficar onde haviam morrido durante horas, meses — e, em alguns casos, até anos. Um moço morto num desastre de automóvel permaneceu na cena do acidente observando os paramédicos colocarem-lhe o corpo num saco de plástico, sem compreender o significado do que estava acontecendo. Depois — sentindo-se solitário — dirigiu-se ao salão de um motel, onde estivera se apresentando como músico, e ficou chocado quando as pessoas ali não puderam vê-lo e não lhe dirigiram a palavra. Ao contar-me esse fato, gracejou: "Senti-me como o Gasparzinho, o fantasma camarada!"

Outro homem, também morto num acidente automobilístico, ficou no local do acidente, num estado de estupefação, com a vista parada no lugar em que o carro se desviara da estrada e precipitara num rio, antes de voltar para casa, onde tentou inutilmente comunicar-se com a família.

Um adolescente que levava um tiro no rosto não podia se decidir a abandonar o corpo desfigurado. "Eu me sentia confuso", lembrou-se ele. "Não sabia o que estava acontecendo. Sentia-me perdido. Não sabia aonde ir. Lembro-me de que a pessoa que atirara em mim fora embora e me deixara ali."

Outras entidades confessaram sentir-se tão envergonhadas dos seus malfeitos anteriores que não queriam ver os espíritos dos entes queridos. Muitas vezes, os que haviam sido educados num ambiente muito religioso ficavam aterrorizados com a perspectiva de ir para o inferno. Esses espíritos amedrontados resistiam amiúde, desesperadamente, aos auxiliares que se faziam presentes na ocasião de sua morte.

Um deles se recusou — num sem-número de ocasiões — a ir com sua mãe para o mundo espiritual, torturado por remorsos horríveis da sua prática anterior de adoração do diabo. Acreditava que ela nunca o perdoaria, pois sempre fora católica fervorosa. A despossessão só logrou êxito quando a mãe, por fim, conseguiu convencê-lo de que o perdoara completamente.

Outro espírito possessor, um jovem negro, veterano de guerra, criminoso de rua e viciado em drogas, que se suicidara,

recusou-se, a princípio, a seguir com a mãe e a tia, que tinham vindo buscá-lo. "Elas são boas, e não posso ir aonde elas estão, porque fiz coisas más, como beber, roubar e furtar as pessoas", confidenciou.

Uma moça, sinceramente crente em que o inferno era o seu castigo por se haver suicidado, afastou-se, assustada, dos espíritos auxiliares. Mas, afinal, se foi quando a mãe, literalmente, a arrastou para fora.

O apego obsessivo aos vivos era outra razão coagente de algumas entidades permanecerem presas à terra. Pais ficavam para "ajudar" os filhos, enquanto estes cresciam; parceiros matrimoniais permaneciam, mercê de um interesse afetoso por seus respectivos cônjuges. Mas por mais bem intencionados que fossem os motivos, o apego dos espíritos sempre ocasionava problemas graves: os pais superprotetores retardavam o crescimento e o desenvolvimento dos filhos, porque lhes infundiam os seus temores; os esposos amantes ficavam muito perturbados quando os cônjuges supérstites tornavam a casar e, muitas vezes, procediam à destruição deliberada dos novos casamentos.

Num caso, o espírito de um moço ficou perto do irmão mais jovem que o idolatrava, a fim de "ajudá-lo". Porque a entidade havia sido viciada em maconha, o irmão vivo acabou usando a droga — e, logo depois, passou a usar outras também.

Um caso particularmente fascinante envolvia um cirurgião compassivo que, morrendo de repente numa colisão de veículos, voltou para o seu hospital e ali foi atraído pelo corpo de um bebê, que ainda se achava no útero e estava prestes a nascer prematuramente. E comentou:

Essa alminha estava destinada a nascer tão precocemente — sete meses e meio e com apenas duas libras e meia de peso — que precisava de mais. Estava tão fraca que não sobreviveria por si só. Eu podia dar-lhe mais; eu podia dar-lhe a força de que ela precisava até poder prosseguir por si mesma. Ela era minúscula, tão minúscula! Precisava de mim — e eu precisava

dela. Eu ainda precisava experimentar coisas; com ela poderia experimentar o que não tinha experimentado e queria experimentar.

Depois que ele partiu — mais de vinte anos depois — a paciente declarou: "Ele era bom, mas parece que se havia encarregado de tantas coisas que não me dava oportunidade de crescer."

Outro espírito, o de uma mãe cuja filha morrera, relutava em deixar minha paciente, uma moça de dezessete anos, porque a moça lhe recordava a filha que ela perdera.

Mas os motivos das entidades possessoras não eram sempre benignos — senão, muitas vezes, maldosos — e até vingativos! Vários dos meus pacientes viviam atormentados pelos espíritos de pessoas que lhes tinham sido hostis quando vivas. Muitos haviam sido realmente afligidos por entidades perversas, que nunca tinham conhecido. Alguns, na verdade, eram mortificados por espíritos que odiavam os outros espíritos que já se haviam apossado dos pacientes!

Uma paciente de meia-idade fora possuída por diversas entidades, entre as quais duas irmãs. Tornou-se evidente que a mais velha habitava minha paciente simplesmente porque a seguia num esforço obsessivo para continuar a dominá-la. Quando a irmã mais moça partiu com seus entes amados, a entidade finalmente saiu, para grande alívio da minha paciente.

Assim como há indivíduos cuja vida gira em torno da idéia de vingar-se, existem espíritos com objetivos semelhantes. Se tinham sido assassinados, ou se julgavam agravados, demoravam-se depois da morte com a intenção de prejudicar deliberadamente os seus "malfeitores".

Como pessoas vivas, suas vibrações eram mais baixas do que as da maioria e, como criminosos e viciados em drogas, era-lhes fácil quedarem-se presos à terra. Alguns estavam até decididos a matar a pessoa que possuíam. Vocês encontrarão um exemplo disso nos casos de Peter e Barbara nos capítulos 9 e 10.

Os espíritos, também freqüentemente, ficavam atados ao plano da terra porque estavam obsedados por algum lugar, de ordinário sua casa ou propriedade anterior. Num caso enigmático, uma entidade feminina possuiu minha paciente quando esta era ainda mocinha, na ocasião em que a família dela construiu sua casa no chão onde se erguera a casa anterior do espírito, mais de oitenta anos antes. A entidade vingativa tentara primeiro extravasar sua raiva no pai e na mãe da jovem. Mas porque as auras dos pais eram muito fortes, minha paciente, que tinha então cerca de sete anos, tornou-se a sua vítima. A partir do momento da possessão, a personalidade da garota mudou drasticamente, tornando-se ela muito tímida e sobretudo medrosa de falar em público.

Na regressão, descobrimos que a entidade possesora havia sido enforcada publicamente como assassina perante uma multidão escarninha. Sua última lembrança era a de "um mar de rostos hostis". Esse espírito desgraçado carregara as emoções dessa experiência traumática para a criança que ela possuía. Quando, afinal, se foi, minha paciente viu-se incontinenti libertada do medo incapacitante e prolongado, e fez uma palestra em sua igreja sem nenhuma ansiedade.

Um dos laços mais robustos que prendem os espíritos ao mundo físico é a propensão — para o álcool, para as drogas, para o sexo, para o fumo e até para a comida. Se uma pessoa morresse enquanto se achava sob o domínio de um pendor dessa natureza, a necessidade mais irresistível sentida imediatamente após a morte era pela substância ou sensação objeto da inclinação. O espírito, cego à própria partida, buscava apenas satisfazer sua compulsão. Os guias espirituais e os parentes eram ignorados; a Luz Brilhante passava despercebida.

Tratei de muitos pacientes escravos dessas tendências. Os viciados espirituais costumavam aglomerar-se em torno dos viciados vivos e dos lugares por eles freqüentados, tentando experimentar de novo o que fora outrora o tema dominante de sua vida. E voltavam realmente a experimentá-lo depois de possuírem o indivíduo. A partir de então, exer-

ciam seu domínio e conseguiam o que desejavam, quando o desejavam!

Quase sem exceção, quando havia pendor por uma droga ou pelo álcool, o paciente dava guarida a mais de uma entidade viciada. Uma mulher de quarenta e quatro anos, recuperada do alcoolismo, que deixara de beber havia quase quatro anos, mas que ainda sofria de depressão e ansiedade profundas, foi possuída por dezoito entidades alcoólicas, algumas das quais estavam com ela desde os dez anos de idade!

Os pacientes viciados em drogas, incluindo o álcool, geralmente abriam a porta para a possessão entregando-se primeiro às drogas e atraindo, assim, os espíritos viciados. Em outros casos, porém, estavam simplesmente no lugar errado no momento errado, num bar ou numa festa, que, por sua natureza, já havia atraído espíritos, que só esperavam o momento de satisfazer às suas inclinações.

Quando um projeto importante não se completa, surge com frequência a compulsão para rematá-lo. Isso pode continuar após a morte, amarrando amiúde os espíritos ao mundo material. Frustradas na baldada tentativa de concluir o trabalho, as entidades acabam possuindo outros para viver e trabalhar — de maneira vicária, através desses outros. Nesse caso, o possesso sente uma compulsão inexplicável para fazer coisas pelas quais, até então, não manifestara interesse algum.

Sejam quais forem as necessidades que buscam, desesperados, satisfazer, os espíritos apegados à terra, imensamente frustrados, confundidos e infelizes, não encontram paz nem satisfação duradoura enquanto habitam o corpo de outra pessoa. São, na verdade, *almas perdidas*, ignorantes do mal que causam a si mesmas.

Sua influência na vida e no comportamento dos hospedeiros desacomodados é sempre negativa e, às vezes, fatal! No próximo capítulo, vocês ficarão sabendo como os espíritos apanhados na armadilha do plano da terra afetam suas vítimas. E se inteirarão do alcance dos sintomas e problemas causados pela possessão.

OS EFEITOS DA POSSESSÃO

As entidades apegadas à terra, desencarnadas ou incorporadas, parecem permanecer exatamente como eram momentos antes da morte. Dir-se-ia que tivessem sido "congeladas"; durante toda a estada no mundo físico não se alteram e tampouco lhes aproveita o que experimentam. Continuam com todas as atitudes, preconceitos, inclinações, habilidades, interesses, temores e problemas psicológicos anteriores. Se a morte envolveu dor física, esta persiste sem ser reduzida! Se estavam anestesiadas, ou drogadas pelo álcool, por remédios ou por substâncias ilícitas, antes de morrer, sentir-se-ão "no espaço" ou "por fora" durante o tempo em que ficarem apegadas à terra. Entidades possessoras que se suicidaram continuam a sentir-se desoladas, sem embargo do que os hospedeiros experimentam. E permanecem abjetamente deprimidas.

GRAU DE POSSESSÃO

A possessão propriamente dita tanto pode ser total, ou quase, caso em que o habitante original é quase completamente substituído, como pode exercer uma influência mínima. Entre os fatores que determinam a extensão da possessão figuram a força intrínseca do indivíduo comparada com a do espírito possessor e as condições que enfraquecem o possesso, como o estresse, o abuso de drogas, doenças, etc.

Quanto mais abdica o hospedeiro do controle da consciência, tanto maior será a influência dos possesores. Se os

possessos bebem, especialmente se se embebedam, estarão cedendo o domínio, involuntariamente, às entidades. As perdas de consciência são exemplos de entrega total — ainda que temporária — da consciência. Daí que os outros digam: "É uma pessoa completamente diferente quando está bêbado." E é mesmo! O papel que lhe cabe representar foi reduzido a zero durante esse tempo.

IDADE POR OCASIÃO DA POSSESSÃO

Um dos fatores mais importantes na possessão é o momento em que ela ocorre. Muitos dos meus pacientes foram possuídos quando ainda eram crianças novinhas, sobretudo após hospitalizações, à conta de cirurgias, como amigdalectomias, ou de enfermidades graves. O fato de aceitar um espírito nessa tenra idade e crescer com ele "a bordo" torna quase impossível às pessoas possessas discernir os limites entre a própria personalidade e a dos possesores. Tenho ouvido queixas como: "Sempre tive um gênio violento" e "Minha mãe me contou que eu padecia de dores de cabeça até aprender a andar". Quando a possessão ocorre nos primeiros anos, o possesso, mais tarde, muitas vezes tem medo de que os espíritos o deixem: "Não restará mais nada" ou "Não saberei quem sou" ou ainda "Ficarei sozinho!"

A possessão debilita a aura da criança e cria invulnerabilidade a uma nova possessão. Meus descobrimentos indicam que, se as pessoas são possuídas no início da vida, quando atingem a idade adulta tornam-se, invariavelmente, objetos de múltiplas possessões — em que cada entidade, por seu turno, solapa a integridade e a proteção da aura.

Por outro lado, se a possessão se verifica quando o indivíduo é mais velho, as diferenças entre "o antes e o depois" se pronunciam mais claramente. Em tais casos, os pacientes fazem reparos como estes: "Nunca fui o mesmo depois do acidente" ou "Sempre fui uma criança feliz e popular no ginásio, até que, há três anos, comecei a afastar-me dos outros e a cair nessas negras melancolias." Especialmente comuns são observações como: "Esse não sou eu", "Eu nunca faria

uma coisa dessas — mas fiz", "Meu marido vive dizendo que sou duas pessoas diferentes", ou "Creio que tenho uma personalidade múltipla".

Na maioria dos casos, há fusão das personalidades e o início da possessão é apenas vagamente percebido, quando o é.

A POSSESSÃO **POR** ESPÍRITOS DO SEXO OPOSTO

Quando as pessoas são possuídas por espíritos do sexo oposto, seus sistemas hormonais parecem ser afetados — e sempre negativamente.

Casos de síndrome pré-menstrual muitas vezes desaparecem logo após uma despossessão bem-sucedida. Num sem-número de pacientes, uma razão para a diminuição do impulso sexual foi esse tipo de possessão.

A possessão de espíritos do sexo oposto resulta com freqüência em tensão e distanciamento entre parceiros matrimoniais ou parentes. Os possesores, não raro, se desagradam dos cônjuges, ou até os odeiam! Se os possesores aceitarem por suas tais emoções, disso se seguirá a devastação, a destruição do relacionamento. Num dos meus casos, que continuo tratando, uma paciente, possuída por um jovem viciado em drogas, extremamente colérico, foi-se tornando cada vez mais hostil ao marido. O relacionamento entre eles deteriorou-se de tal maneira que redundou em separação e, finalmente, em divórcio, apesar dos meus conselhos.

Entidades do sexo oposto são amiúde causa de grande confusão no que diz respeito à identidade sexual. Homossexualidade, transexualidade e travestismo são as conseqüências extremas desse gênero de possessão.

Extensão dos Efeitos

SINTOMAS FÍSICOS

O próprio ato da possessão acarreta fadiga no indivíduo e, em determinados casos, até a exaustão. Todos os pacientes

possessos de que tratei notaram uma diminuição do seu nível de energia. Ouço costumeiramente: "Volto exausto para casa depois do trabalho", "Vou para a cama às oito e meia — mas costumava ficar acordado até as onze da noite." Concebo essa drenagem de energia como decorrência de terem os espíritos possessores sistemas de energia muito fracos. Eles extraem literalmente, à maneira de um sifão, a energia do hospedeiro. Explico-o aos pacientes da seguinte maneira: "É como uma bateria incumbida de satisfazer às necessidades elétricas de um carro e meio. Como a entidade não tem corpo, usa menos energia do que você, mas como precisa de energia para agitar-se e pensar, retira-a de você."

Os espíritos parecem trazer a marca dos corpos físicos exatamente como estavam por ocasião da morte. Isso afeta o organismo vivo dos possessos. De acordo com a teoria esotérica, os corpos astrais inferiores dos espíritos interagem com os corpos etéricos das pessoas vivas, do que resulta uma fusão dos dois, criando uma como cópia fotográfica dos corpos físicos e das manifestações ulteriores de algumas das primeiras características físicas dos possessos.

Por conseguinte, a possessão pode redundar em sintomas físicos de toda casta, entre os quais se incluem: dores, mais freqüentemente de cabeça, incluindo enxaquecas; síndrome pré-menstrual com edema (retenção de água); câibras; falta de energia ou exaustão; insônia; obesidade, com a hipertensão resultante; asma e alergias, etc.

Uma paciente, Sally, sofria de ondas intensas de calor, que tinham aparecido de repente, ainda que a menopausa tivesse começado vários anos antes. Ela ficou tão perturbada que se via obrigada a trocar de camisola e de lençóis várias vezes por noite, em virtude da transpiração profusa. E o pior foi que precisou deixar de dormir com o marido, que gerava um excesso de calor adicional. Descobrimos que ela aceitara, pouco antes, um espírito de menopausa, que, felizmente, ao saber da sua verdadeira condição, partira sem hesitar. Sally livrou-se incontinenti dos sintomas, para grande satisfação do marido!

Outra paciente referiu que a sua ciática, da qual vinha sofrendo havia mais de quinze anos, desaparecera depois de uma desposseção. Não se esclareceu a identidade do espírito possessor, de modo que podemos presumir fosse uma pessoa que padecia de dores localizadas no nervo ciático.

Uma dor no pescoço e uma depressão crônica foram completamente eliminadas quando o espírito, que se enforcara na prisão, foi levado para o mundo espiritual pelos seus entes amados. Meu paciente sentiu-se bem, física e emocionalmente, pela primeira vez em anos.

Alguns pacientes se queixaram de sentir-se "abobalhados", com ressaca ou embriagados sem nenhuma razão lógica. Só depois de desposseções bem-sucedidas compreenderam quem fora o responsável — e viram-se finalmente livres dos sintomas.

A posseção de um espírito morto como pessoa idosa, acarreta, freqüentemente, sintomas comuns às pessoas mais velhas, como, por exemplo, visão embaçada, dores de toda espécie e cansaço generalizado.

Uma mulher de vinte e poucos anos procurara ajuda médica durante vários anos em razão de intensas dores abdominais e por sentir-se velha e decrepita. Os médicos não lhe resolveram os problemas até que levamos a efeito uma desposseção. A entidade possadora, dona anterior da sua casa, morrera no quarto da minha paciente — que também fora o quarto dela — de câncer dos intestinos, aos setenta e sete anos de idade.

Como já tive ocasião de advertir, se você tiver um problema físico qualquer, é imperativo que consulte o médico da família. *A desposseção não deve tomar o lugar de bons cuidados médicos!*

PROBLEMAS MENTAIS

Grande quantidade de problemas mentais resulta da intervenção de espíritos. O que mais predomina é a falta de concentração — "desfuncionando", como disse uma paciente. Outro disse: "Minha mente sofre pequenas falhas — como se

saltasse por cima de lugares durante algum tempo", e "Parte se fecha — branco total!" Os problemas de memória, como esquecer alguma coisa feita ou dita, atrapalhar-se com as saldas de uma estrada, etc, são típicos. Em minha clínica tenho visto que o "esquecimento" ocasional de indicações terapêuticas reflete amiúde a resistência do espírito à despossessão. Isso é especialmente evidente depois de trabalharmos com entidades recalcitrantes.

A razão de ser o esquecimento um problema é o fato de duas ou até mais pessoas habitarem o mesmo corpo, todas "cuidando dos próprios interesses". O espírito possessor pode decidir que quer tomar um sorvete, e o paciente "volta a si" com a mão na porta da geladeira sem conseguir lembrar-se do motivo por que a está abrindo. Isso depende, naturalmente, do modo com que os dois interagem. Se um assume as rédeas da situação e o outro se retrai, experimenta-se esse tipo de comportamento. Em outros casos, os pensamentos do espírito são captados e postos em prática pelo possessor sem nenhuma interrupção da consciência.

Observaram alguns pacientes que costumavam ter aptidões para determinadas áreas, como matemática ou ortografia, e depois se haviam revelado verdadeiros fracassos nessas mesmas áreas. Um exemplo extremo do modo com que os espíritos interferem no funcionamento mental é o caso de Tony, relatado no capítulo 7. Vocês verão que, depois de uma estréia brilhante, ele quase levou bomba na faculdade.

PROBLEMAS EMOCIONAIS

As emoções são sempre afetadas quando há possessão. A ansiedade, os temores e as fobias foi possível remontá-las, em muitos casos, aos possesores, sem impedimento de terem os pacientes, de início, assumido a responsabilidade pelas reações. Tenho ouvido, reiteradamente, comentários como estes: "Sempre gostei de dirigir, mas agora, quando me aproximo da estrada, entro em parafuso!" Ou "Esperei ansiosamente a nossa sessão a semana inteira, mas, quando vi-

nha para cá, quase desmaiei e mal pude dominar-me para não sair correndo da sala de espera! Esse não pode ser eu!" Uma conversação com os espíritos medrosos revelou quais eram, de fato, os ansiosos.

As fobias relacionam-se muito logicamente com as verdadeiras circunstâncias da experiência de morte anterior, de que a entidade se lembra com clareza. Quando a pessoa que ela está possuindo se encontra em situações semelhantes, os temores originais voltam à tona, e o possesso, sentindo-os, presume que as reações vêm de si mesmo, sem compreender que está possuído.

Foi esse o caso de uma paciente particularmente sensível, Lynn, médium conhecida, que não alcançava compreender o que lhe acontecera. Por sete anos, logo depois de uma cirurgia eletiva, vira-se incapaz de dirigir o automóvel em razão do pânico que a senhoreava. Se outra pessoa estivesse dirigindo, ela se livrava da ansiedade, a não ser que o carro percorresse a estrada costeira vizinha, muitos metros acima da água. Essa situação a deixava desorientada, já que uma das suas antigas alegrias na vida era justamente guiar carros de corrida!

Sob a ação da hipnose, ela sintonizou com facilidade o espírito de uma moça que, desejando suicidar-se após o fim de um caso de amor, precipitara o carro no mar, saltando daquela mesma estrada. Sentira-se aterrorizada ao cair no oceano, muito embaixo. Seu corpo fora levado para o mesmo hospital em que Lynn se internara. Não tendo gostado do frio do necrotério, e sentindo-se confuso e assustado, o espírito vagueara pelos corredores até chegar a um andar superior e encontrar o quarto de Lynn, que não tardara a possuir.

Até quando tentávamos libertar uma entidade amedrontada de um paciente que se presumia possesso, este ainda achava difícil experimentar o pânico e renegá-lo como não sendo seu. Quanto mais pudesse o paciente acreditar que Q pânico pertencia à entidade, tanto melhor e mais depressa conseguia controlá-lo.

As depressões não raro se atribuem a espíritos melancólicos, geralmente incapazes de compreender que tinham morrido. Como deixamos explicado no capítulo 5, alguns espíritos que se haviam suicidado permaneciam presos ao mundo físico porque os aterrava a perspectiva de irem para o inferno. Muitos continuavam tão deprimidos que não viam os auxiliares espirituais e os entes queridos. E porque continuavam propensos ao suicídio, representavam ameaças reais à própria vida dos possuídos! Regressões a existências passadas mostravam que, em certas ocasiões, essas entidades atormentadas haviam levado os hospedeiros a dar cabo da própria vida.

INCLINAÇÃO PARA AS DROGAS E PARA O ÁLCOOL

Depois da depressão, o sintoma mais devastador da possessão do espírito é o abuso das drogas e do álcool. Quando os espíritos viciados obtêm ingresso, exercem uma força opressora sobre as vítimas. Os hospedeiros interpretam, então, o impulso para usar drogas como inteiramente seu. Sob a influência da substância, abdicam ainda mais do controle sobre a própria vida. Isso faculta aos espíritos — geralmente há possessões múltiplas — satisfazerem-se a contento. Eles não têm de pagar o preço de relacionamentos rompidos, da saúde destruída, de empregos perdidos e até da diminuição da estima e do respeito próprios. O uso continuado da droga debilita a aura, permitindo a fácil possessão por outros ainda que andam à cata de uma boneca, de uma galinha morta ou de um "alvo fácil", como os descrevem os possesores.

Por ser a personalidade original esmagada pelos espíritos viciados, a terapia é muito difícil — as entidades não se sentem motivadas a deixarem-se ajudar! Em sua ignorância, não desejam abrir mão de uma "boa coisa". Afortunadamente, em casos excepcionais, tenho podido ajudar alguns pacientes a livrarem-se da escravidão - até em uma ou duas sessões! Via de regra, entretanto, é uma longa luta em que o paciente, repetidas vezes, sucumbe e larga o tratamento.

Esse tipo de possessão pode ser uma ameaça à vida — desde uma dose excessiva ou um desastre de automóvel. Muitos de meus pacientes escaparam da morte por um triz, como o ilustra o exemplo seguinte.

Glen, corretor de fundos públicos de cinquenta e tantos anos, procurou ajuda porque sofrerá de insônia durante vinte anos. O prosseguimento das conversações revelou um grave problema de bebida, que surgira de improviso quatro anos antes. Após umas poucas sessões, descobrimos uma entidade alcoólica, John, que, quatro anos antes, o possuía durante uma hospitalização. Aparentemente, John se fora em companhia da amada, depois de uma despossessão inteiramente descomplicada.

Poucos dias depois, todavia, Glen telefonou pedindo uma consulta de emergência, explicando à minha secretária que não podia esperar pelo dia do seu tratamento.

Quando ele entrou no consultório, no dia seguinte, seu aspecto era terrível! Depois de deixar-se cair na poltrona reclinável, falou sem hesitar: "Dormi a noite inteira pela primeira vez em vinte anos — a noite do nosso encontro! Mas quando acordei de manhã, senti-me enjoado! Mal consegui chegar à cozinha para fazer o café. Minha cabeça estava me matando! Eu não conseguia acreditar naquilo! Ali, em cima do aparador, dei com a garrafa de vodca. Um litro inteiro completamente vazio! Eu o deixara fechado na véspera. Devo tê-la bebido até o fim. Ali também — ao lado da garrafa — havia um quartilho inteiro de queijo ricota - devorado, não sobrara sequer uma colher! Fiquei realmente em pânico. Era assombroso que eu não tivesse morrido! Graças a Deus, comera toda a ricota. E — você sabe — não me lembro de coisíssima nenhuma."

Glen continuou, contando-me que, depois disso, confuso e extremamente deprimido, ficara aterrado com a idéia de ver-me outra vez e, imediatamente, desmarcara a consulta seguinte. Em seguida, começando a refletir, entrara a imaginar se John realmente partira. Pegara o telefone e pedira para falar comigo o mais breve possível.

Sob a ação da hipnose, tornou-se manifesto que John não fora para a outra vida, mas apenas deixara temporariamente a aura de Glen. Como ele mesmo disse: "Eu fora descoberto e me sentia acuado." Admitiu que a desposseção o perturbara profundamente. E não demorou muito para esgueirar-se de volta no corpo de Glen.

"Ele estava dormindo, mas eu não estava. Tudo o que eu queria era uma bebida! Achava-me em pânico! Desci à cozinha e bebi a garrafa de vodca. Depois pensei: Eu poderia ter-nos matado! Por isso comi o queijo."

Após tranquilizar John, tentei outra desposseção. Desta feita me certifiquei de que ele estava segurando com força a mão da falecida esposa e, finalmente, partiu com ela. Funcionou! Glen perdeu todo o desejo de vodca a partir desse momento.

INCLINAÇÃO PELO FUMO

À diferença do abuso de drogas, a inclinação pela nicotina não causa tamanho enfraquecimento da aura e não provoca distorções importantes da consciência. Seus efeitos são menos destrutivos mental e emocionalmente mas, em compensação, minam grande parte da saúde do indivíduo. Tenho tratado de pessoas que se queixavam de um enfisema incipiente ou da ameaça de um câncer no pulmão, que tinham todas as razões para parar de fumar, mas não vingavam fazê-lo. As entidades viciadas estão pouco ligando para a saúde dos hospedeiros. Imaginam poder encontrar outra "vítima" se o hospedeiro morrer. Que alívio experimentam os pacientes quando as desposseções são bem-sucedidas. Elas sentem imediatamente não só a ausência da vontade de fumar, mas também a libertação dos sintomas da retirada.

PROBLEMAS DE PESO E OBESIDADE

Um dos problemas mais comuns com que lidam os terapeutas (médicos e psicólogos), todos os dias, é o excesso de peso ou obesidade.

Claro está que a possessão é apenas uma das muitas causas da crescente preocupação nacional com a saúde.

Tenho tido pacientes que encontraram entidades na origem dos seus problemas com o controle do peso. Não somente eram os espíritos responsáveis pelo aumento de peso, mas também estavam totalmente desinteressados pelo regime — ou melhor — estavam determinados a não desistir do prazer de comer o que lhes apetecia. Às vezes, nossas pistas eram claras, porque o aumento de peso ocorria logo depois de uma situação em que a possessão era especialmente possível: após uma cirurgia, a morte de um ente querido, etc.

Syívia, mulher encantadora, que andava pela casa dos quarenta, ficou arrebatada de alegria quando o seu desejo ardente, prolongado e obsessivo, de comer doces — o malogro da sua luta crônica contra o excesso de peso — se foi depois da nossa primeira sessão, durante a qual eu realizara uma despossessão generalizada. No começo da reunião seguinte, ela explicou: "Não tenho mais nenhum interesse por doces. Não posso acreditar nisso! Você não faz idéia de como esse interesse dominou a minha vida. A única coisa em que eu pensava era comer alguma coisa doce — e quando a comia, não me satisfazia — e tinha de exercitar todo o controle que podia ajuntar. E fui assim desde que me conheço por gente! E agora nem sequer penso nisso!" Os espíritos trazem e levam consigo os seus desejos ardentes!

Uma vontade maluca de comer chocolates desapareceu com o falecido sogro da minha paciente, que a possuía desde a sua morte. Ele era conhecido na família como "chocólico"!

Outra paciente contou que, na manhã em que se empenhou deveras em iniciar uma dieta, uma voz em sua cabeça lhe disse: "Não a deixarei fazer regime. Esqueça-se disso! Quem manda agora sou eu." A entidade possesora, que a dominara por muitos anos, só partiu quando convencida de que poderia comer tudo o que quisesse no mundo espiritual. A compulsão para comer demais desapareceu com ela.

PROBLEMAS DE RELACIONAMENTO

Os relacionamentos sofrem realmente em consequência da possessão, porque se instala um insuspeitado *ménage à trois* — ou mais — nessa ocasião. Uma criança desagradável pode acolher um espírito vicioso cujos valores diferem dos da família da criança. Um marido pode estar relacionado com um espírito do sexo masculino que lhe possui a esposa. A ação recíproca dos espíritos envolvidos entre companheiros ou parceiros resulta amiúde numa relação sexual extravagante. Até as relações entre empregado e empregador podem ser perturbadas pela mesma razão, como o ilustra o estudo do caso de Anne, no capítulo 8.

PROBLEMAS SEXUAIS

Desde que muitos espíritos já estavam velhos ao morrer, as pessoas possesas deles experimentavam freqüentemente sintomas de envelhecimento, incluindo notável diminuição do impulso sexual.

Vários problemas psicológicos fazem parte do repertório que as entidades trazem consigo. Seus próprios problemas e predisposições manifestam-se quando o possesso se entrega à atividade sexual. Num caso extremo, os hospedeiros podem até ser impedidos de aproximar-se dos parceiros! Foi esse o caso de Paolo, cuja história vocês lerão no capítulo 11.

Uma das causas da homossexualidade é a possessão de espíritos do sexo oposto. Se a possessão começa antes da puberdade, o desenvolvimento heterossexual é muitas vezes atalhado e os possessos crescem acreditando de-sejar parceiros sexuais do mesmo sexo, quando, na verdade, as entidades é que lhes determinam as escolhas. Todos os pacientes homossexuais, nos quais levei a cabo uma despossessão, tinham tido pelo menos uma entidade do sexo oposto excessivamente dominante que lhes determinava a preferência sexual. Esses pacientes, não raro, confessavam ter a sensação de estar "presos" em corpos do sexo errado.

Algumas pessoas chegavam a cogitar de operações transexuais irreversíveis por causa da tentativa desesperada do espírito de tornar o corpo do possesso tão parecido quanto possível com o do falecido.

Tratei de certo número de travestis, todos com espíritos possessores do sexo oposto, os quais compravam as roupas e se vestiam a fim de satisfazer à sua fantasia, para grande confusão e constrangimento das vítimas.

Este capítulo lhes deu uma visão geral do modo com que os espíritos possessores deformam a vida dos indivíduos. Das categorias e esboços acima vocês depreenderão que os efeitos da possessão podem ser desastrosos e, por vezes, fatais.

Os cinco capítulos seguintes — cada um dos quais é o estudo completo de um caso — proporcionam uma visão em profundidade não só dos resultados devastadores da possessão, mas também do modo com que ela se realizou originalmente. Vocês verão como a despossessão beneficiou essas pessoas sofredoras — os possessos, bem como os possessores.

Esses casos foram tirados dos arquivos que organizei de centenas de pacientes', para dar-lhes uma idéia das angústias que se seguem à possessão, das próprias pessoas que são - na maior parte dos casos — vítimas conscientemente relutantes e confiantes de espíritos.

ESTUDO DE CASO - TONY

Tony entrou hesitante em meu consultório, com os ombros largos caídos, como se carregasse nas costas um peso esmagador. Deixou-se cair na poltrona, parecendo exausto, apesar do corpo jovem, bem-musculado. Se tivesse uma expressão diferente, teria sido o retrato da saúde. Na realidade, era tão bonito que poderia ser um astro de cinema. Trajado com esmero, os cabelos pretos, bastos e crespos, emolduravam um rosto atraente, vigoroso, que lhe refletia a herança italiana.

Franzindo o cenho e tateando à procura da maneira correta de expressar seus sentimentos, principiou: "Toda a minha vida mudou, e estou com medo! Eu costumava ser um bom estudante e agora estou realmente fracassando — minhas notas oscilam entre dois e três! Estou levando bomba na faculdade. Todo o meu futuro vai por água abaixo! Não sei o que acontece."

Explicou que nos últimos quatro meses, incapaz de concentrar-se e até de lembrar-se de material que acabava de ler, achava difícil entender o que diziam os professores, quando, antes disso, costumava encantar-se com o assunto das aulas e era o primeiro da classe. Queria ser médico, mas agora ficava conjecturando se não estivera fazendo trabalhos manuais durante toda a vida.

O Dr. Adams, oncologista e amigo da família, ajudara Tony a decidir-se por uma especialidade médica. Havia uma

estreita relação entre os dois e, pela descrição de Tony, o Dr. Adams dava a impressão de ser um médico fora do comum, que tinha a capacidade de ver auras e "ler" pessoas com precisão e possuía também um grande poder de cura, que usava sem alarde quando tocava as pessoas durante as consultas. Tony confiou-me que o seu amigo expressara grande preocupação a seu respeito nos últimos quatro meses e o animara a procurar minha ajuda.

"Tony, existe uma solução para cada problema. Quando vemos fumaça, sabemos que há fogo em algum lugar. Nossa tarefa consiste em achar o fogo — e apagá-lo! Você será capaz de lembrar-se exatamente de quando esse problema começou?"

"Não sei o que o causou. Um belo dia, eu estava diferente! Pensei que talvez fosse a tensão provocada por faltarem apenas uns poucos meses para a minha formatura e pela preocupação de saber se eu seria aceito por uma escola de medicina. Depois, veio a pressão adicional dos exames e relatórios. Tudo parecia que tinha de ser feito ao mesmo tempo."

Acrescentou que estava tendo problemas com a namorada. "Qualquer coisinha me faz explodir! Irrito-me com ela na maior parte do tempo. Não compreendo — nós nos dávamos tão bem antes disso! Sim, é claro que ela fazia coisas que me aborreciam, mas eu não ligava — elas não chegavam a preocupar-me. Agora, tenho medo de estar mandando para o alto o nosso namoro — ou de vir a fazê-lo, se as coisas continuarem assim."

Depois de examinar mais algumas áreas de sua vida, cheguei à conclusão de que soara o momento, para mim, de abordar o assunto da possessão de espíritos. Segundo todos os indícios, as pistas apontavam para essa direção; o súbito início dos sintomas, o comportamento atípico e os problemas mentais; a incapacidade de concentrar-se, de compreender e de recordar. Tudo isso dava a impressão de tratar-se de espíritos cuja idade ou desenvolvimento mental não lhes teriam permitido o ingresso num colégio.

Contei a Tony que, na minha opinião, ele poderia ter uma ou mais entidades consigo, que lhe estavam complicando a vida. Ele aceitou a idéia incontinenti e concordou em sujeitar-se à desposseção.

Preparei-o para a hipnose, respondi a umas poucas perguntas e cobri-o com o cobertor axadrezado de cor de alfazema que uso com os pacientes, enquanto ele se estendia na poltrona, agora reclinada.

Tony relaxou imediatamente quando principiei a indução hipnótica. À medida que eu prosseguia, seu corpo e seus músculos faciais pareceram distender-se, expulsando toda a tensão que eu lhe surpreendera antes.

Depois que obtive uma indicação da maneira com que ele reagia à hipnose, dirigi-me às entidades que porventura estivessem com ele. De repente, seu corpo se enrijeceu, contorceu-se-lhe o rosto, e ele se pôs a tremer. Quando eu lhes informei que os seus entes queridos tinham vindo ajudá-los e depois lhes disse que fossem com eles para o mundo espiritual, esperava ver as alterações habituais indicando que haviam partido. Ao invés disso, seu corpo e seu rosto deram mostras de um medo ainda maior. Cuidei que alguém devia estar muito amedrontado e estava precisando de uma ajuda adicional.

"Diga-me do que você tem medo, Tony."

"Vejo uma menina, de uns doze anos, talvez. Vi-a, de uma feita, num acidente. Ela quer ir com uma mulher mais velha, que veio buscá-la. . . mas está com medo — não sabe o que esperar."

Dirigi-me, então, diretamente à menina e pintei-lhe um retrato do mundo espiritual, dos amigos que ela teria e do corpo perfeito para o seu espírito.

"Ela não quer me deixar."

"Diga-lhe que você não quer que ela fique."

Seguiu-se longo silêncio; em seguida, o corpo se relaxou e Tony sorriu amplamente.

Fiz-lhe sugestões hipnóticas para sair do transe, e perguntei-lhe o que acontecera.

"No começo, eu estava realmente zangado, e disse mentalmente: 'Saia daqui agora mesmo! Saia!' E senti um: 'Não, não saia!' Era automático. Falei, então, com ela como falaria com uma criança: 'Você precisa sair. Será bom para você.' Percebi que ela aceitara o conselho e partira. E me senti leve e realmente bem. Acho que quero continuar e recomeçar os estudos — recuperar o que perdi."

No intuito de aprender mais a respeito da sua suscetibilidade à possessão, decidi fazê-lo regredir até o momento em que o espírito se juntou a ele. Tony deslizou de volta a um transe profundo, quando encetei a indução hipnótica e, depois de receber instruções para regressar a uns poucos minutos antes da possessão, lembrou-se de ter ido ao consultório do Dr. Adams durante um intervalo entre as aulas. E estava folheando uma revista na sala de espera quando se deu conta de que alguma coisa acontecera na rua.

Tony. Ouço. . . um som. Como um som de batida, e penso que pode ter sido um acidente de automóvel, embora não ouvisse nenhum ranger de pneus. Ouço a menina dizendo: 'Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Ajudem-me! Ajudem-me!' Volto-me para a rua e olho para fora. . . vejo alguém correndo pela rua, de um lado para o outro. Levanto-me e disparo para o vestibulo.. . peço à secretária que avise a polícia e conte que houve um desastre.. . e chame uma ambulância também.

Corro para fora. Está chovendo. Dou a volta pelo prédio para chegar à rua. . . e ainda vejo a menina correndo de um lado para outro. Paro na rua para me certificar de que não vem vindo nenhum carro. . . um caminhão passa por mim e depois atravesso a rua. Vejo duas pessoas de pé. . . um homem à esquerda e uma senhora mais velha à direita.. . e um corpo na rua.

A princípio, dava a impressão de ser uma velha senhora. . . um senhor ajoelha-se agora. . . há sangue por toda a volta da cabeça dela na calçada. Caminho. . . acho que devia ajudá-la. Mas, não quero mexer-lhe no

corpo. Sinto-me amedrontado. . . Não quero ver. . . Não quero ver como ela está. . . porque vi o sangue. . . e vi que estava bem ao redor da sua cabeça. Mas quero ajudar a menina. Sinto que devo fazer alguma coisa!

Atravesso a rua, sento-me ah e olho para ela. . . e vejo a ambulância chegar. .. E saio. Sinto-me aliviado por ver que alguém está lá para ajudar. E torno a entrar no prédio. . . Passam-se alguns minutos. . . e, então, volto para fora e permaneço do outro lado da rua. . . e vejo-os apanharem a menina. Observo-lhe as pernas, que ficam pendentes no ar, e sinto-me terrivelmente transtornado! Colocam-na numa padiola, em que todo o sangue se embebe, num ápice. (Longa pausa.)

Agora, estou me vendo. . . Quando li a notícia do acidente no jornal, senti uma pancada na cabeça como se tivesse ido de encontro a um muro ou coisa parecida, ao descobrir que ela morrerá! E vejo-me conversando com meus pais e falando-lhes dela. Fiquei perturbadíssimo. Essas coisas não costumam perturbar-me tanto assim.

Dra. Fiore. Volte agora ao momento preciso em que o espírito dela se aproximou de você.

Tony. Sinto que houve dois momentos! Um momento. . . de pé naquela rua. . . Como se eu fosse a única pessoa que se achava ali com uma experiência próxima da que estava acontecendo a ela, e ela me agarrou. E o outro momento foi quando eu ha o jornal, compreendendo que ela havia morrido no hospital. (Longa pausa.) Estou ficando tenso de novo. Santo Deus, sinto-me como me senti pouco antes de ser ferido no meu acidente. Estou simplesmente esperando que ele aconteça. Agora me sinto rolando no meu automóvel. Continuo revendo a menina no instante em que ela foi ferida.. .

Isso é algo totalmente diverso. Vejo-me com dezesseis anos, no hospital, há muito tempo, na Sala de Emergência. Uma velha senhora foi levada para lá. Ouí os médicos dizerem que ela estava tendo um infarto. Ten-

tavam ajudá-la, mas ela morreu na cama vizinha à minha. Depois um deles fez uma piada a respeito dela, e outro disse: "Bem, esta nós perdemos!" Não sei por que me lembro disso. Fiquei aborrecido! (Longa pausa.)

Dra. Fiore. Fale simplesmente o que lhe vem à cabeça.

Tony. Creio que a pessoa que morreu é do tipo que está sempre tentando humilhar os outros. E sinto. . . é quase igual como se. . . ela soubesse que eu estava lá. E queria humilhar-me fazendo o que a outra menina me fizera.

Dra. Fiore. Possuindo-o?

Tony. Sim. Foi o que aconteceu.

Dra. Fiore. Você acha que ela se foi com a despossessão?

Tony. Não. Sinto-a comigo agora. (Longa pausa.) Sabe, sinto que era quase como se ela não estivesse comigo o tempo todo. É muito estranho, porque agora me lembro claramente de quando isso aconteceu. E sinto-me como. . . ela ia e vinha. Não gostei daquela sensação. Porque eu tinha a impressão de não ter o menor controle sobre ela. Eu sentia, nessas ocasiões, que não queria fazer coisa alguma!. . . Isto é, quando ela estava lá. (Pausa longa.) Agora as coisas têm sentido. (Longa pausa.) Mas ainda me sinto meio confuso.

Dra. Fiore. Vou falar com ela. (Pausa.) Você se lembra de quando teve um infarto? Talvez nem saiba que o teve. Pois bem, seu corpo físico morreu naquela ocasião — no hospital. Havia ali um mocinho, ferido, deitado na cama vizinha da sua. Por alguma razão você se aproximou dele. . . e tem estado com ele desde então.

Não me foi difícil convencer o espírito remanescente a partir, especialmente depois de oferecer-lhe um corpo jovem e sadio, que lhe satisfaria as necessidades durante a estada no mundo espiritual.

Depois de sair da hipnose, Tony estirou-se e, em seguida, contou: "Ela se abrandou realmente em três tempos. De início, eu não gostava da sua personalidade — era amarga e colérica. Mas ouviu com cuidado o que você lhe disse, e

pude perceber-lhe a mudança. Fazia mais de cinco anos que ela estava comigo! Aposto que foi ela quem proporcionou à minha namorada os maus bocados por que passou. Ela ficou transtornada quando você lhe disse que havia morrido, e tive pena dela. Mas quando o marido veio procurá-la, sentiu-se realmente feliz e partiu sem demora. Isso foi muito bem feito!"

Expliquei a Tony que ele parecia ser particularmente vulnerável à possessão, tendo acolhido as duas entidades pelo fato de simpatizar com elas e sentir-se perturbado com o que lhes acontecera. Instei com ele que se cercasse diariamente de Luz Branca (veja o capítulo 15) e, adicionalmente, que o fizesse em toda situação em que se manifestasse a negatividade — brigas, discussões, sofrimento mental e físico — ou todas as vezes em que se visse no meio de pessoas que usavam drogas ou se embriagavam.

Ambos tivemos a sensação de haver levado a cabo a nossa tarefa mútua, e concordamos em que o problema talvez estivesse resolvido. Quando Tony saiu do consultório, era um moço muito mais feliz e aliviado.

Não tive notícias dele por vários meses, o que não era surpreendente, porque me ficara a impressão de que havíamos apagado os fogos, como esperávamos. Eu também sabia que ele ia prestar os exames finais e estaria correndo contra o relógio. Com efeito, era muito bom sinal que não tivesse marcado outra consulta. Isso dava a entender que já não necessitava da minha ajuda.

Vários meses mais tarde, comecei a fazer terapia com um dos seus pais e tive a oportunidade de fazer perguntas sobre ele.

"É como a noite e o dia! Ele tem passado muito bem desde que esteve aqui!"

Concluí que o caso de Tony era particularmente interessante porque ele pudera resolver seu problema numa única sessão — o que é relativamente inusitado. Havia, além disso, outros aspectos singulares cujo conhecimento aproveitaria

aos leitores: o fato de haver ele acolhido dois espíritos com tamanha facilidade, principalmente mercê da simpatia que lhes votava, e que ambos pudessem deixá-lo e voltar a ele à vontade.

Resolvi telefonar-lhe para ouvir diretamente dele o relato da sua melhora. Depois de um mês de recados das nossas secretárias eletrônicas, finalmente uma noite estabelecemos contato.

"É assombroso! Eu a vi numa sexta-feira, tive aula de anatomia na terça, mal tive tempo de estudar, repassei no fim de semana e na segunda-feira a matéria de duas semanas de estudos, e fui muitíssimo bem — tirei um B! A melhor nota que consegui desde que o problema começou. Fico espantado agora com a facilidade com que consigo ler e concentrar-me. É ótimo poder estudar outra vez."

"Tony, existe ainda algum vestígio do problema?"

"Às vezes, tenho a impressão de que ele está prestes a acontecer — não com muita freqüência — e o detenho, como se eu o estivesse empurrando para fora. Estou ficando cada vez melhor nisso!"

Quando lhe perguntei a respeito dos exames, ele me contou, orgulhoso, que se formara cinco dias antes! "Mas o melhor é que agora sei que tenho capacidade para sair-me bem."

Dei-lhe os parabéns e disse-lhe o quão feliz me sentia por saber que ele superara seus obstáculos. E ajuntei: "Tony, estou preocupada com o fato de você ter tido nem que seja uma simples ameaça do problema. Isso talvez signifique que uma das entidades não entrou na Luz, mas está girando à sua volta e é capaz de aproximar-se de você de vez em quando. Creio que seria prudente de sua parte voltar ao meu consultório para outra sessão, dentro de pouco, em especial porque estará sob pressão na escola de medicina no outono."

Ele concordou em marcar uma consulta, e acrescentou, espontaneamente, que já não se mostrava irritado com a namorada e não se atirava sobre as coisas. "Lembra-se da velha senhora que morreu na cama, bem ao meu lado, no

hospital, quando eu estava no colégio? Depois que ela se foi, acabaram-se as explosões, e eu me sinto calmo."

"Não se esqueça de que o avisei, Tony, de que você nunca poderá tomar drogas nem álcool. Você parece aceitar espíritos muito facilmente, como um ímã. E, visto que deseja ser médico, precisa ter a certeza de estar protegido, uma vez que eles podem gravitar na sua direção desejosos da sua ajuda. Tome precauções adicionais com a Luz Branca."

"Se eu beber uma cerveja, hei de bebê-la em casa. No verão passado eu estava tomando um copo de vinho com o Dr. Adams e sua esposa, e ele me contou que viu minha aura diminuir, recolhendo-se, enquanto eu bebia. Contou-me, outro dia, que estivera realmente preocupado comigo. Mas agora está muito satisfeito. E não ficou nada surpreso com os espíritos."

"Ele já tinha visto espíritos em sua aura ou em seu corpo?"

"Não. Mas quando a menina morreu, só saiu para fora uns poucos minutos, porque sabia que ela se suicidara numa existência anterior. Compreendeu que, estando morta, ela se agarraria a qualquer coisa e, por isso, tornou a entrar incontinenti. Sabia que não poderia ajudá-la e precisava proteger-se."

"Você também precisa proteger-se", enfatizei, sentindo que aquele moço ainda não vira o fim dos espíritos.

"Eles agora têm mais dificuldade para chegar a mim. Na última semana, passei de automóvel ao lado de um desastre, vi uma ambulância e uma pessoa estendida na estrada. Pensei no que você me disse, e no que o Dr. Adams já me havia falado sobre isso. Imaginei a Luz Branca ao redor de mim. Tive a estranhíssima sensação de que alguma coisa estava tentando entrar — mas se detinha, sem poder fazê-lo."

Respondi-lhe que me alegrava saber que ele se lembrara disso e recordei-lhe que devia fazê-lo todos os dias, e não apenas quando presenciasse uma tragédia.

"Sinto-os entrarem, crio uma energia e empurro-os para fora. Eles não ficam dentro de mim tempo suficiente para me afe-

tur. Não quero nunca mais passar pelo que já passei! Eles quase me destruíram."

Estávamos encerrando o papo quando Tony me confidenciou que, segundo observara, compreendia agora muito melhor os outros, e até supunha compreender a "energia que elas lançam de si".

Tony também se compreende muito melhor, e compreende alguns aspectos muito importantes do comportamento dos homens e dos espíritos, que o ajudarão a ser um bom curador, sensível e eficaz.

ESTUDO DE CASO - ANNE

"Cheguei a sonhar que meu patrão está tentando me matar!" deixou escapar Anne, cinco minutos depois de iniciada a primeira sessão. Ruiva atraente de trinta e poucos anos, estava obviamente angustiada, receosa de que as coisas tivessem ido longe demais, e já se dispunha a sacrificar o emprego, para poupar-se à tensão no trabalho.

O traje casual — *jeans* surrados e uma camiseta verde suave — contrastava com a rigidez do corpo. Quando ela se inclinou para a frente na poltrona, o queixo principiou-lhe a bater, malgrado os esforços para permanecer senhora de si. E lágrimas lhe assomaram aos olhos enquanto explicava: "Investi doze anos na companhia e fiz um bom trabalho — como gerente de projetos. Sou uma das funcionárias mais antigas e respeitada por todos, exceto por Bill, meu chefe. Há mais de um ano que o seu comportamento tem sido inaceitável. Ele quer me dominar — me controlar. E eu me recuso a isso."

Descreveu a luta, que chegara a um ponto em que ela, finalmente, lhe confessou que ia deixar a companhia por causa dele. "Mas isso só piorou as coisas", prosseguiu Anne. "Ele reagiu com tanta força que o seu chefe, ouvindo-lhe o destampatório, sugeriu que talvez fosse melhor para ele ir trabalhar em outro departamento. Mas Bill não quis saber disso!"

Estendendo a mão para pegar um lenço de papel, Anne acrescentou: "Trabalhei ao todo dois anos para ele. Os primeiros seis

meses foram ótimos — uma amizade verdadeira. E nisso reside o problema. Ele acabou sabendo tudo a meu respeito. Creio que tem inveja da minha capacidade e dos sucessos que tenho tido em minha vida pessoal. Depois, tudo se inverteu muito depressa."

"Como os companheiros de trabalho vêem esse relacionamento, Anne?"

"Falamos em Bill o tempo todo e dizem-me que estou certa — que ele me atormenta. Bill assumiu quase todas as minhas responsabilidades. Transformou-me em secretária — manda-me simplesmente colocar memorandos no computador pessoal, sem pedir sequer a informação. Pouco a pouco, foi minando a minha auto-estima."

Anne agora chorava abertamente. "Tenho sofrido o diabo!"

Sugeri-lhe que se recostasse no espaldar da poltrona e relaxasse e, quando a vi mais calma, perguntei-lhe a respeito da sua vida em casa. Ela finalmente sorriu. "Tenho um marido maravilhoso! Ele tem-me apoiado muito em tudo isso. Está de acordo com tudo o que decido fazer. Chegou a concordar em vender a casa, se fosse preciso, para eu não precisar trabalhar durante um ano, ou coisa que o valha, enquanto reorganizo a minha vida."

Conjeturando que sua reação às atitudes de Bill talvez fosse o reflexo de um relacionamento anterior com o pai, fiz-lhe perguntas sobre ele.

"Sempre me dei muito bem com papai. Somos amicísimos." Em seguida, resumiu seus relacionamentos passados com homens, e pareceu-me que a situação com Bill era única.

Eu quis saber se ela estava a par do meu trabalho com existências passadas, pois desconfiava que as raízes dos seus problemas se encontravam em outra existência. "Por que me escolheu para sua terapeuta?"

"Fiz uma série de pesquisas cuidadosas nestes últimos seis meses — e pus-me a imaginar se eu e Bill não nos teríamos conhecido antes — você sabe, numa existência anterior. Você

trabalhou com Grace, minha amiga, e ela acha que você talvez possa me ajudar. Será possível que Bill e eu já tenhamos estado juntos antes?

"Anne, toda vez que temos um relacionamento com alguém, é porque já estivemos com esse alguém muitas vezes, especialmente se for um relacionamento profundo. Você já esteve com seu marido, provavelmente, centenas de vezes, em muitos papéis, até como homem. Você talvez tenha sido pai dele, e ele, sua filha. E talvez possa dizer muita coisa a respeito do que já fizeram, pela qualidade do relacionamento presente. Se este for harmonioso, pode ter a certeza de que, pelo menos nas últimas vezes em que estiveram juntos, as relações entre ambos foram boas. Se houver conflito, como há agora com Bill, isso quer dizer que vocês tiveram problemas, talvez muito piores do que os atuais. Você e Bill já se engalfinharam antes! Teremos de voltar a esse tempo para ajudá-la a livrar-se da carga que tem com ele; depois disso, ele não terá mais nenhum botão para apertar."

Como Anne parecesse incapaz de enfrentar o relacionamento com Bill, o que não se coadunava com a sua manifesta competência e realizações, decidi mencionar o assunto da possessão. Ela estava ciente da minha terapia com existências passadas, mas podia não saber do meu trabalho com os espíritos. Entretanto, eu queria conferir primeiro minha lista mental de possibilidades.

"Como estão sua memória e sua concentração?" A resposta a essa pergunta era importante.

"Eu não costumava ter problemas de memória, e era conhecida por ter uma memória excelente. Neste último ano, porém, ela piorou sensivelmente. Eu, aliás, já havia notado mudanças três anos atrás. E desde que parei de fumar, no ano passado, tenho tido problemas sérios de concentração. Os cigarros costumavam acalmar-me."

Fiz-lhe perguntas sobre hospitalizações, operações cirúrgicas ou acidentes.

"Fui atropelada por um automóvel aos três anos, e fiquei em estado de coma durante alguns meses. Depois, há

quatro anos, feri-me em outro desastre de automóvel. Ainda estou fazendo terapia por causa disso. A não ser por esses casos, nunca estive num hospital."

Abordei o tópico da possessão dos espíritos e do meu trabalho nessa área e notei que o seu queixo tornava a tremer. "O que está sentindo neste momento?"

"Ouçõ o coração batendo!" replicou ela, ao passo que as lágrimas voltavam a correr-lhe pelo rosto abaixo.

Ela se achava pronta para a hipnose! Havia ali uma entidade perturbada e eu poderia ter entrado em contato com ela imediatamente. Querendo certificar-me, porém, de que aquela não era uma reação própria de Anne, decidi obedecer à minha seqüência habitual de operações e toquei para ela uma fita de descontração.

Fiz-lhe umas poucas observações a respeito da hipnose, e sugeri-lhe que empurrasse o espaldar da poltrona para trás, até ficar numa posição reclinada, cerrasse os olhos e principiasse a concentrar-se na respiração. Ministrei-lhe, em seguida, sugestões hipnóticas suaves e positivas, que gravei, para ela poder ouvir quando se enfiasse na cama à noite. Ela parecia lindamente relaxada, com a cabeça caída sobre o ombro.

Depois de virar a fita para o outro lado, registrei a despossessão. Segundos após haver-me dirigido aos espíritos que acaso estivessem com ela, notei uma distinta mudança de expressão: da bem-aventurança, ela passara para a agitação total — uma reação "violenta". Lá estava a minha prova! O seu choro era tão forte que quase interrompi a gravação. Entretanto, pedi aos espíritos dos entes queridos que viessem, como faço rotineiramente, e vi que a entidade se acalmava. Prossegui no trabalho e, logo depois, observei que a tensão do corpo desaparecia. Rematei a despossessão e tirei-a do transe.

"Ele não queria ir", contou ela, pondo-se a chorar mansamente. "Não sei por que, mas fiquei triste."

"Que mais você nota?"

"Sinto uma vibração aqui", respondeu ela, apontando para o peito. "Quando ele não se sente ameaçado, tudo se acalma."

"Não pode dizer-me quem é?"

"Um homem. Por alguma razão, sinto que é um homem, embora não saiba quem é."

Como ele, provavelmente, não partira, pedi-lhe que fechasse os olhos outra vez, e monitorasse as próprias reações quando eu estivesse falando especificamente com o espírito. Lágrimas voltaram a deslizar-lhe pelo rosto quando fiz ver o quanto era difícil para um homem ver-se preso num corpo de mulher. Depois, convidei-o a partir com o seu ente amado, talvez sua mãe, para o mundo espiritual, onde voltaria a habitar o próprio corpo, masculino, robusto e saudável.

Vendo Anne novamente relaxada, conduzi a desposseção ao seu término.

"Você está sentindo que ele partiu desta vez?"

"Creio que partiu com a mãe. Quando você disse que ela talvez estivesse aqui para levá-lo, pude sentir uma mudança. Meu corpo ficou subitamente calmo."

"Pode ser que ele tenha saído. Se não saiu, esperemos que saia quando você tocar a fita da desposseção. Se ainda assim não sair, trabalharei um pouco mais com ele na próxima sessão. Toque os dois lados da fita, todos os dias. Use o lado da desposseção quando estiver mais alerta, de manhã cedo, antes do trabalho, ou no princípio da noite. O outro lado, que rotulei de "sugestões para o sono", pode ser tocado quando se preparar para dormir. Mesmo que você não preste atenção ao que estou dizendo, sua mente subconsciente, que nunca dorme, absorve cada uma das sugestões."

Consultei o relógio e verifiquei que ainda faltavam quarenta minutos para o fim da sessão dupla. "Temos tempo para fazer uma regressão e descobrir se você já esteve com Bill antes. Se esteve, veremos se consegue lembrar-se do evento causador da tensão entre vocês. O mais notável em tudo isso é que, se você se lembrar, ele poderá experimentar uma mudança de sentimentos. Já vi acontecer isso mesmo. Deve haver um elo telepático entre as pessoas que causa uma reação automática. Quando você experimenta a existência pas-

sada, esta não somente a cura, mas também pode curá-lo, sem embargo de que ele nada saiba sobre regressão."

"Seria esplêndido! Acha que posso lembrar-me de uma encarnação anterior?"

"Não é difícil — se você não tentar! A tentativa atrapalha. Basta-lhe saber que isso é tão fácil quanto lembrar-se de alguma coisa que aconteceu ontem. Se você seguir minhas instruções, conseguiremos hoje alguma coisa digna de nota — nem que seja apenas a prática."

Dei-lhe instruções sobre como dizer o que lhe viesse à cabeça, sob a ação da hipnose, e respondi a umas poucas perguntas a propósito da regressão em geral. Feito isso, induzi a hipnose e fiz-lhe sugestões para que regresse ao momento em que ela e Bill tinham estado juntos e que estava produzindo o maior dos efeitos sobre ela agora.

Depois de breve hesitação, ela descreveu uma cena bucólica: uma estrada de terra, orlada de árvores, com campos dos dois lados. Um jovem casal caminhava de mãos dadas. Ela comentou, sem ser perguntada, que a época devia ser o fim do século XIX ou o princípio do século XX, pelas roupas e pelo carro que viu. Disse que, na sua opinião, os dois jovens gostavam muito um do outro e estavam curtindo o passeio. Fi-la adiantar-se um pouco no tempo. Ela declarou, sem nenhuma emoção, que o relacionamento chegara ao fim. Sabendo, por experiência, que devia ter ocorrido alguma coisa traumática de que ela não queria lembrar-se, fiz-lhe sugestões para vencer a resistência.

"Eles estão brigando... as mãos golpeiam com violência. .. agridem-no!"

"Fale-me mais sobre isso."

"É muito violento. Ela grita. Ele a atira ao chão. Ela chora. (Pausa comprida.) Minha mente está vazia. Eles se foram."

A essa altura, decidi tentar outra política, que tenho usado como trunfo quando necessário: "Conte-me o sonho outra vez. Aquele em que Bill a está matando."

"Existem algumas árvores e uma biblioteca numa cidadezinha... e um casal. (Pausa.) O mesmo casal!.. Ele me matou! *Ele me matou!*"

Cobrindo o rosto com as mãos, abafou os soluços e gemidos altos. "Com as próprias mãos. Oh, meu Deus! Não quero saber de mais nada!"

Apelei para a parte dela que queria curar-se e ajudei-a a vencer os temores com sugestões tranqüilizadoras.

"Estão lutando com ele, tentando detê-lo. Agora ele tem qualquer coisa na mão. . . está-me batendo com ela — *cada vez mais!*" Tremia violentamente ao lembrar-se da sua morte. De repente, parou — todo o tormento se fora. "Acabou-se. (Pausa comprida.) Sinto-me muito leve. . . como se estivesse flutuando."

"Olhe para baixo e diga-me o que vê."

"Vejo a garota estendida ali."

"E ele?"

"Ele está quase feliz. Algumas senhoras tentam ajudar-me. . . mas está tudo acabado. Ele continua ali, de pé."

Conhecendo que ela precisava lembrar-se do motivo da briga, fi-la regredir ao princípio dela — antes que ele a tivesse tocado.

"Ele está me acusando de alguma coisa."

"Do quê?"

"De ter estado com outro homem. (Longa pausa.) Esse outro homem! *Aquele que está no meu corpo!*" Ela descerrou os olhos, saindo repentinamente do transe por iniciativa própria, e sentou-se. "É isso mesmo!"

Como ela precisava chegar a um acordo com tudo o que ficara sabendo, decidi não realizar mais nenhum trabalho com o espírito nessa ocasião. Eu queria saber como ela se sentia — passara por muita coisa numa sessão — e era a primeira que realizávamos!

"Sinto-me diferente! Forte!" Um bonito sorriso iluminou-lhe o rosto.

Que belo triângulo tínhamos nas mãos!

Quase não a reconheci quando fui chamá-la na sala de espera para a segunda sessão. Era o retrato de uma mulher profissional, muito bem vestida, com um bonito costume.

A maquilagem dava os retoques finais à aparência de uma toalete perfeita.

Entrou, confiante, no consultório, sorrindo. "Estou muito melhor. Nem posso acreditar! Meu marido notou que até a minha maneira de dirigir ficou diferente. Eu costumava ser agressiva ao volante, mas agora estou mais relaxada."

"E então, Anne, que tal o trabalho?"

"Por causa do feriado, só trabalhei meio dia, mas toda a minha abordagem do chefe é diferente. Mudou da água para o vinho. Na realidade, Bill veio falar comigo de forma muito mais social. Notei que ele me observava, com uma expressão de surpresa no rosto."

"Sinto-me diferente em relação a mim mesma. Tenho muito mais energia e estou fazendo um esforço muito maior."

Perguntei-lhe se, na sua opinião, o espírito se fora. Ela fez que sim com a cabeça e respondeu que tinha absoluta certeza de que ele partira. Após uma pausa, comentou que sentira uma onda de calor invadi-la ao ouvir minha pergunta, e depois compreendera que não estava fazendo calor no consultório.

Percebi que a sua reação devia ser a da entidade, que se manifestava parcialmente por causa da minha pergunta. Ela talvez estivesse revivendo a sua morte, que poderia ter envolvido o fogo. Decidi averiguá-lo. Partilhei com ela as minhas suspeitas, e coloquei-a sob o efeito da hipnose a fim de analisar o relacionamento entre os dois na mesma existência passada que tínhamos explorado na sessão anterior.

Anne lembrou-se de que ela e o homem estavam apaixonados. Tinham falado em fazer amor, mas decidiram, primeiro, fugir juntos. Depois de arquitetarem, entre risos, a "fuga", planejaram roubar um cofre. . . o cofre de Bill. "Pre-tendíamos roubar-lhe o dinheiro — pegá-lo e partir."

Entrando sorrateiramente num prédio, à noite, o seu namorado acendeu uma banana de dinamite, enquanto ela se escondia no meio do mato, lá fora. Ouviu-se violenta explosão e ela viu o prédio em chamas. "Alguma coisa saiu terrivelmente errada!" Presa de extrema agitação, com o rosto

e o pescoço inundados de lágrimas, Anne continuou: "Ele morreu na explosão! Pessoas chegaram correndo para apagar o fogo, e eu me juntei a elas, mas tive de disfarçar minhas emoções."

Depois de continuar a regressão por mais alguns minutos, até um momento em que ela não estava perturbada, eu trouxe-a de volta para o presente e pedi-lhe que falasse em voz alta ao espírito e lhe dissesse, com suas próprias palavras, que queria vê-lo partir agora. Chorando muito, ela seguia minhas instruções e depois "confessou" que ele ficara porque ela queria que ele ficasse. Ele partiu dizendo-lhe que achava ter chegado á hora de partir.

Perguntei-lhe como se sentia.

"Sinto falta dele", murmurou.

Anne saiu da hipnose com minhas sugestões para sentir-se bem em todos os sentidos, totalmente desperta e alerta. Embora tivesse os olhos marejados de lágrimas, sorriu com uma expressão de cansaço.

A seguir, parecendo perplexa, perguntou: "Como poderia ele ser um espírito agora? Isso aconteceu há tanto tempo! Os espíritos permanecem aqui por um período tão longo assim?"

Expliquei que somente ele poderia responder à pergunta. E ajuntei: "Ele, provavelmente, reencarnou. Depois da última morte, continuou apegado à terra e foi atraído por você em virtude dos laços que os ligaram na existência passada."

Marcamos a entrevista seguinte para dali a dois dias, e ela saiu dizendo sentir-se muito melhor.

Enquanto eu revia meus apontamentos antes de ir chamá-la na sala de espera, senti que tínhamos feito tremendos progressos em nossos dois encontros. Se a sua melhora houvesse continuado, eu lhe sugeriria que esta fosse a última entrevista. Anne viera ao consultório para tratar de um problema específico e, se este se resolvesse, não haveria necessidade de novas consultas.

Um olhar me fez ver que o meu otimismo fora prematuro. Deixando-se cair na poltrona, ela sacudiu a cabeça. "Não sei o que está acontecendo comigo! Senti-me tão animada depois da nossa primeira sessão!"

"Você está tendo problemas com o chefe?"

"Não, e isso, aliás, é formidável! Mesmo que ele me tenha dado uma porção de motivos para ficar perturbada, não me incomoda a mínima!"

E continuou, explicando que estivera ótima até aquela manhã. Despertou depois de haver dormido o melhor sono que já tivera num longo espaço de tempo. Poucas horas depois, começou a ter dificuldade para enxergar, e essa dificuldade foi-se agravando cada vez mais. Ficou tão tonta que se viu a pique de desmaiar e vomitar. Sentindo-se mal, voltou para a cama, levantou-se de novo ao meio-dia para ir trabalhar, porque precisava terminar um projeto que tinha prazo para ser apresentado. No escritório, não conseguira concentrar-se. Depois de uma hora de muito esforço tentando integrar-se no trabalho, desistira e voltara para casa. Fora deitar-se diretamente e dormira até a hora de sair para a nossa entrevista. E comentou:

"Enquanto vínhamos para o consultório, de automóvel, fiquei tonta outra vez."

"Você estava dirigindo?"

"Estava."

"Por que não pediu a seu marido que dirigisse?"

"Eu estava sozinha."

"Pensei que tivesse dito 'nós'."

"Eu disse? Por que teria dito isso?"

"Você já teve essa tontura alguma vez?"

"Tive duas enxaquecas em toda a minha vida, uma onze anos atrás e outra há oito anos. Ambas começaram exatamente como começou a de hoje cedo. Nas duas vezes senti uma dor tão forte que eu tinha a impressão de que minha cabeça ia arrebentar. Nada que eu pudesse fazer ou tomar conseguia aliviá-la. Cheguei a perder a visão periférica. Fiquei com medo de que a dor voltasse desta vez. Mas, graças a Deus, não voltou."

Quando ela ficou sob a ação da hipnose, fi-la regredir ao acontecimento responsável pela tontura. Ela recordou uma existência anterior, em que fora um oficial de alta patente do exército espanhol. Depois de uma sublevação política, o oficial e seus seguidores haviam sido apeados do poder. À conta da sua posição, exilaram-no para uma ilha remota. Depois de estar lá por algum tempo, com medo de que os inimigos viessem à sua procura, vislumbrara um navio que se abeirava da ilha.

A essa altura da regressão, ela começou a demonstrar perturbação e, aos poucos, principiou a revivê-la, em lugar de apenas narrar os pormenores.

Quando um grupelho de homens — um capitão e seus marinheiros — se aproximou da caverna em que ele vivia, ficou alarmadíssimo, pois sabia que o matariam se ele se recusasse a fornecer-lhes alguma informação vital.

"Estamos falando alto. Eles querem alguma coisa, mas não a darei. O chefe ordena aos subordinados que acabem comigo. (Ela estava prestes a perder o controle, reexperimentando o pânico que o oficial espanhol sentira na ocasião.) Eles me golpeiam a base do crânio com a coronha da espingarda e eu caio ao chão. (Longa pausa.) Estou tonto. . . muito tonto. Estou perdendo a consciência. . . tudo o que vejo é vermelho. É o meu sangue. Sinto-me realmente muito cansado. . . mas eles continuam a golpear-me. (Longa pausa.) Vejo a pessoa no chão. (Longa pausa.) Já não estou cansado. . . Sinto que já não participo da cena."

Depois que ela narrou o acontecimento, causa provável da enxaqueca anterior e da tontura associada a ela, resolvi descobrir a identidade do "nós". O seu *lapsus linguae* fora uma revelação involuntária de que havia mais alguém em sua companhia. E também era possível que a entidade com a qual havíamos trabalhado nas duas últimas sessões não tivesse partido.

Ainda profundamente hipnotizada, ela se comprazia em estar na Luz depois da morte que revivera. Perguntei-lhe o que quisera dizer com "nós".

"Há outros comigo. Que me controlam. Estão muito preocupados com a idéia de que você pode obrigá-los a sair. São muito fortes, e estão zangados com você agora que sei que eles estão comigo."

Ordenei-lhe que regressasse ao instante em que eles se tinham juntado a ela. Anne reviveu a cena em que fora colocada sobre a mesa de operações, quando criança, depois de ter sido atropelada pelo automóvel.

"Alguma coisa afiada, metálica, me cortou. A parte posterior da minha cabeça está doendo. Os médicos estão em pânico. Mal consigo respirar. A situação dura por algum tempo. Estou-me afundando cada vez mais. Doem-me os braços. É difícil respirar. . . meu peito está muito pesado e minhas pernas doloridas. . . continuo a afundar. Tenho muita dificuldade para respirar. Sinto que mal estou viva. . . É quando entra outra pessoa, com um rosto velho, escuro, enrugado. São três. Encarregam-se de tudo. Sinto-me realmente quente quando eles tomam conta da situação. Fazem meu corpo sentir-se melhor. A dor desaparece."

"Você concordou em que eles tomassem conta da situação?"

"Não, eles simplesmente vieram. Duas mulheres e um homem. O homem é muito velho e está muito cansado."

Falei, então, diretamente com eles, dizendo-lhes que o seu trabalho terminara. Eles tinham salvo a vida da menina — trinta e um anos atrás — mas ela agora estava bem. Precisavam pensar no próprio bem-estar e acompanhar os entes queridos que tinham vindo buscá-los. Os três partiram em poucos segundos.

Saída da hipnose, Anne explicou que atravessara a rua correndo, diante da sua casa, para juntar-se à mãe, quando fora atingida por um automóvel. Levada para o hospital, ficara em coma vários meses — e ninguém mais acreditava que ela viveria. Disseram a seus pais que, se sobrevivesse, nunca seria normal, não seria capaz de comunicar-se com ninguém e, provavelmente, teria de viver o resto da vida num hospital infantil.

Anne sorriu ao dizer: "Eles não só me restabeleceram, mas também me ajudaram a desenvolver-me normalmente. Eram bem-intencionados!"

A quarta e última sessão de Anne realizou-se cinco dias depois. Ela quase saltou para dentro do consultório, com uma expressão radiante. As coisas iam extremamente bem no serviço. O chefe dava-se ao trabalho de explicar as coisas e se mostrava muito mais flexível. Ela se surpreendeu ao constatar que já não falava mal dele pelas costas. Se outros colegas de trabalho o criticavam, ela não fazia carga contra ele, mas se calava — quase automaticamente. Disse que tudo o que acontecera antes — a depressão, a idéia de sair do emprego e vender a casa — não passavam agora de um sonho, que ia desaparecendo da sua percepção. Com efeito, sentir-se realmente bem depois da última sessão. Tinha muito mais energia, o que se lhe afigurava um verdadeiro benefício.

Insinuei que talvez lhe fosse proveitoso explorar o relacionamento com Bill, seu bilhete de ingresso ao meu consultório. Percebi que, na realidade, não sabíamos muita coisa sobre o que tinham sido um para o outro — a não ser que ele a matara. Ela concordou e, com um sorriso culpado, confessou: "Estou realmente curiosa por saber como foi que ele atinou com o outro homem."

Fi-la regredir até o momento em que Bill descobriu o envolvimento dela com o amante.

"Na noite da explosão. . . alguns cavalos estão vindo com uma carroça. É Bill. Ele me pergunta o que aconteceu. A casa está em chamas. Ele grita: 'Que aconteceu?' As pessoas, correndo por ali, tentam apagar o fogo. Ele corre de um lado para outro agora, dando ordens, e eu me sinto realmente mal. . . Acho que encontraram o corpo. Sim, aquilo foi obra de todos nós. Estou olhando também. Ele examina o cofre aberto e verifica o que falta. Olha para todos os que estão na sala. Repara em mim. Sempre confiou em mim. (Longa pausa.) Eu era como uma irmã para ele. Crescemos na mesma família. (Chora.) Era por isso que confiava tanto em mim.

Fomos criados juntos. Ele olha para mim com ar desconfiado. Embora lhe seja difícil acreditar, há dúvidas suficientes."

Perguntei a Anne o que estava sentindo.

"Eu nunca deveria tê-lo traído. Ele confiava em mim", respondeu ela, chorando forte.

Mas continuou a regressão, descrevendo o modo com que ele tomara conta dela e a protegera — asfixiando-a com a sua devoção. Depois do incêndio, ela quis mudar-se para outra cidade, mas ele recusou-se a dar-lhe permissão. Algum tempo depois, ela o enfrentou ao saírem da igreja, num domingo, anunciando-lhe que estava decididamente partindo. Discutiram. Ela mostrou-se inflexível. Ele tornou-se irracional, a ponto de "ficar louco" e, finalmente, atacá-la. Ela reviveu sua morte outra vez, acrescentando que não desejara viver enquanto ele a espancava. Escapou do sentimento de culpa e da armadilha em que cuidava encontrar-se esgueirando-se para fora do corpo.

Quanto estávamos concluindo a sessão, Anne comentou: "Tenho imaginado por que não esperei, em lugar de vir pedir ajuda. Ele ficará fora durante três meses, para instalar outro escritório de vendas no Japão — e estará, embarcando dentro de duas semanas! Se eu tivesse esperado, nada disso teria acontecido, porque a pressão teria sido retirada."

"Anne, cheguei à conclusão de que todo o mundo procura ajuda precisamente na melhor ocasião. *Não existem acidentes!* Se você tivesse esperado, quatro almas perdidas ainda estariam aprisionadas aqui no plano terrestre, e você e Bill não teriam feito as pazes, o que, provavelmente, é um dos seus propósitos nesta vida. Você se curou espiritualmente e ajudou-o. Não sei se não foram seres altamente evoluídos, seus guias, que a inspiraram a dar a si mesma a oportunidade de livrar-se, não só das possessões, mas também das lembranças negativas do passado."

O problema parecia estar resolvido, e ambas concordamos em que aquele seria o nosso último momento juntas, a menos que sobreviesse alguma coisa.

ESTUDO DE CASO - PETER

Este é um dos mais fascinantes de todos os meus casos de possessão, talvez porque não se tivesse prestado a uma solução rápida e fácil. Em decorrência disso, o caso demonstra, plenamente a intrigante ação recíproca das personalidades e problemas dos espíritos possessores e dos pacientes possesos. De mais a mais, o caso de Peter é particularmente interessante por causa do número, da persistência e da variedade dos espíritos que encontraram nele um alojamento temporário.

Conheci Peter no dia em que ele veio ao meu consultório, no princípio do inverno de 1983, mandado por um amigo que tinha conhecimento do meu trabalho. Ele estava precisando de algum aconselhamento psicológico — com a possibilidade de explorar uma existência passada — como meio de atacar os seus muitos problemas pessoais.

Alto, musculoso, trinta e cinco anos, cabelos cor de azeviche, olhos escuros e bigode, Peter impressionou-me imediatamente como uma pessoa às voltas com a depressão, o medo e o sentimento de culpa. Tinha o ar de um animal encurralado, pois os seus olhos evitavam com cuidado os meus e não paravam de percorrer o consultório, viajando de um lado para outro.

Ao ouvir as minúcias da sua vida em nossas primeiras sessões, tornou-se claro para mim que todas as áreas se encontravam num estado caótico.

Analista de computador, Peter escalara rapidamente a escada que o levava de simples funcionário a vice-presidente. A despeito do sucesso vertiginoso, os problemas emocionais e de personalidade minavam-lhe a confiança em si mesmo e ameaçavam-lhe a carreira. Ele se descreveu como um "feixe de nervos". Sentia-se especialmente ansioso e assustado no meio de grupos. Isso representava um problema para ele porque uma de suas funções consistia em apresentar relatórios periódicos a executivos importantes da sua e de outras companhias.

Contou que tinha tido crises freqüentes e severas de ansiedade antes das reuniões, e de haver, de uma feita — tomado de pânico cego — saído a correr literalmente de uma sala cheia de executivos. Descreveu várias outras crises de ansiedade, sofridas enquanto dirigia seu automóvel nas horas de pico do tráfego em San Francisco, durante as quais tivera de encostar o carro no meio-fio com medo de desmaiar. Nessas crises se manifestava toda a série de sintomas físicos, desde palpitações e excesso de transpiração até náuseas e tonturas.

Peter citou muitas ocasiões em que trapaceava com a sua agenda de trabalho a fim de evitar os temidos relatórios, embora soubesse o tempo todo que se privava de oportunidades de progresso, além de faltar aos seus compromissos com os empregadores. Em outras ocasiões, todavia, funcionava brilhantemente em reuniões importantes, falando e procedendo com autoconfiança e aprumo totais. Quando lhe pedi que me explicasse a razão por que era tão extravagante, não me soube responder.

Outro problema o preocupava ainda mais profundamente. Sofria de uma incapacidade crescente para concentrar-se e recordar miudezas, e declarava que perdera cinquenta por cento da memória. Ia-se-lhe amiúde o fio da meada em conversações e não conseguia prestar atenção ao trabalho ou à leitura por mais de cinco minutos. Para piorar ainda mais as coisas, em muitas noites não vingava lembrar-se de segmentos inteiros do seu dia; havia ocasiões em que horas a fio cons-

tituíam para ele um branco total. E só conseguia explicá-las reportando-se aos registros diários ou perguntando aos colegas de trabalho o que tinham feito.

Por causa dos temores reiterados de fracasso, Peter começara a procrastinar tarefas, embora estivesse convencido de que, se porfiasse em continuar daquele jeito, mais dia menos dia acabaria ficando louco.

Para agravar o dilema, mostrava-se também cronicamente incapaz de sair-se bem com mulheres. No terceiro casamento, que começara a periclitar, já não se sentia atraído sexualmente pela esposa, Betty, embora afirmasse que ela era fisicamente bonita. Aterrorizava-o a idéia de que talvez fosse um homossexual reprimido. Ao mesmo tempo, tinha ciúmes fanáticos de Betty e doía-se do interesse que os homens demonstravam por ela quando o casal ia a festas. Ele a acusava muitas vezes de flertar, o que, não raro, redundava em feias confrontações, que quase chegavam às vias de fato, depois do que se sentia culpado e cheio de remorsos.

Quando ficou mais à vontade comigo, Peter admitiu que se sentia preocupado com o hábito de beber. O demais-se no beber fora, durante anos, parte importante da sua vida. Bebia quase todos os dias e encarava a bebida como o único alívio para seus temores e ansiedades.

Educado numa família de classe média superior, tendo por pai um banqueiro, Peter sempre gostara de beber em companhia de operários, nas mais sórdidas bibocas. Quando bebia, sua disposição, de ordinário agradável, azedava. Tornava-se extremamente sarcástico e, não raro, provocava brigas de bar.

Em razão do que já aprendi a respeito da relação entre o beber e o ingresso de espíritos, entrei a suspeitar cada vez mais da possibilidade de ser a possessão a causa do problema. Ademais, eu anotara com muito cuidado a estranha dualidade existente na maior parte das experiências de problemas em sua vida. Ele amava a esposa, mas não se sentia atraído por ela e maltratava-a. Era compassivo e carinhoso, mas tinha um gênio terrível e, de vez em quando, despejava sua

ira em animais de estimação, em parceiros de jogos, em amigos e amantes inocentes. Embora fosse altamente competente no trabalho, sentia-se obtuso e indigno.

Além desses traços e sintomas sugestivos da personalidade, Peter tivera diversas experiências distintas que pareciam confirmar a hipótese da possessão. Descobri que pessoas muito sensíveis são particularmente propensas à possessão, e, criança ainda, ele tivera várias experiências psíquicas. Quando estava no primeiro grau, previra o ataque de um cachorro, que efetivamente ocorreu dias depois. Anos mais tarde, teve a premonição do suicídio de sua tia predileta.

Peter admitia sentir-se governado freqüentemente por duas personalidades diversas, uma benigna e outra maligna. Desde criança tinha pesadelos freqüentes, em que um homem encarquilhado olhava ferozmente para ele.

Lembrava-se de que, em todo o correr de sua vida esportiva, toda vez que se lhe oferecia a oportunidade de fazer um grande sucesso, machucava-se. Machucou gravemente o joelho enquanto jogava no time de futebol do colégio. No ginásio, ligamentos lesados do ombro impediram-no de participar do campeonato estadual de lutas.

Freqüentemente, quando conversava com alguém, tinha a impressão de que outro ser falava através dele. Chegava, às vezes, a sentir que não ocupava realmente o seu corpo, e tinha a impressão de estar "recuado cerca de trinta centímetros para trás e para a esquerda".

Essa impressão me recordou comentários de outros pacientes, que, como depois se verificou, se haviam revelado possessos.

No decorrer da nossa terceira sessão, aludi ao fato de que usávamos a hipnose com a finalidade de averiguar a existência de entidades possessoras. Peter pareceu alarmado com a perspectiva, apesar da minha cuidadosa explicação do conceito de possessão e da importância que poderia ter uma despossessão. Mas, embora hesitante, concordou em experimentar.

Peter revelou-se excelente sujeito hipnótico. Entrou rápida e facilmente em transe e aceitou meu sistema de co-

municação de sinais feitos com os dedos. Uma verificação, por meio dos sinais com os dedos, indicou de pronto que ele tinha consigo certo número de espíritos — seis ou mais — e quando lhe perguntei se algum deles o acompanhava desde a infância, ergueu-se o dedo indicador do "sim".

Realizei uma despossessão simples, depois da qual os sinais dos dedos me deram a entender que pelo menos três entidades permaneciam nele. Solicitei-lhe, em seguida, que me permitisse falar com as entidades restantes e fiz a abordagem costumeira:

"Por que você se impõe à vida deste homem, causando-lhe problemas, se sabe que passou pela mudança chamada 'morte' e deveria estar progredindo em sua própria existência espiritual?", foi a pergunta que lhe fiz.

Ouvi duas respostas diferentes, em tons completamente distintos. Uma delas era algo que eu já ouvira muitas vezes de entidades possessoras: "Estou com medo", sussurrou uma voz trêmula. "Não sei o que vai me acontecer. Não quero ir."

A outra resposta, no entanto, surpreendeu-me pelo sarcasmo breve e ríspido: "E daí?" De repente, tive perfeita consciência de que Peter e eu já tínhamos o nosso trabalho delineado.

Fiz uma pausa e, em seguida, pus em prática novamente o meu processo comum de despossessão, explicando com minúcias a natureza da experiência espiritual, o aprendizado e a cura que teriam lugar no domínio do espírito e, a seguir, invocando amigos espirituais chegados ou parentes para ajudar-nos.

Antes de tirar Peter do transe hipnótico, fiz um rápido sinal com o dedo para verificar a presença de entidades. A resposta foi negativa; de acordo com a mente subconsciente dele já não havia espíritos em sua aura nem em seu corpo.

No início da sessão seguinte, uma semana depois, Peter confessou que se sentia muito melhor. Ainda sofria de ansiedade, porém menos aguda, e seu relacionamento com a esposa parecia ter melhorado um pouquinho.

Pareceu decepcionado quando sugeri que fizéssemos outra verificação da presença de espíritos. Expliquei-lhe que, muitas vezes, as entidades só fingiam ter partido na primeira tentativa e outras, não raro, só aos poucos "saíam do esconderijo".

Ele entrou logo em transe e, como eu estava desconfiada, os sinais dos dedos indicaram que, efetivamente, havia outras entidades com ele.

Desta feita, dei-me pressa a estabelecer contato com uma delas, que declinou o seu nome com clareza, Joseph Biddle, e disse saber exatamente por que estava com Peter: "Eu o odeio e o farei pagar pelo que me fez."

"Você está se ferindo também", revidei.

"Não me importa. Valerá a pena, enquanto eu puder fazê-lo pagar."

Pedi a Joseph que voltasse ao momento da sua morte. Ele contou que se achava sozinho num hospital de Kansas. Estava zangado quando morreu. Aparentemente, casara-se com uma mulher mais moça do que ele e que lhe dera um filho, mas ela fugira levando a criança. Ele carregara a dor dessa experiência pelo resto da vida e se sentia particularmente amargo em relação a bebês.

Pedi a Joseph que se movesse para o momento em que o espírito deixara o corpo. Ele contou que via o próprio corpo, debilitado, estendido na cama; ficara ao lado dele por algum tempo e, em seguida, entrara a perambular pelos corredores do hospital.

"Vejo um minúsculo bebê, um recém-nascido. Creio que talvez seja o meu bebê. E sei que posso fazê-lo pagar por me haver deixado. Juntei-me ao bebê. E tenho estado com ele desde então."

Conheci de pronto que aquela entidade era muito importante na vida de Peter, e talvez lhe explicasse os periódicos acessos de raiva e a crueldade.

Expliquei, paciente, a Joseph o perigo da sua situação espiritual: o modo com que ele estava, a um tempo, aumentando o próprio infortúnio e atormentando um ser humano

vivo, que não tinha nada com os seus problemas. Pedi a espíritos amigos que viessem ajudar-me a orientá-lo. Logo depois, Joseph viu a irmã e partiu com ela.

Antes de tirar Peter da hipnose, entrei em contato com mais um espírito. À diferença de Joseph Biddle, este mostrou-se menos claro a respeito da própria identidade anterior ou a respeito do que estava fazendo com Peter — na realidade, parecia estonteado, quase estuporado.

"Vamos lá, meu chapa, vamos tomar um gole", repetia a entidade, a todo instante, jovialmente, "vamos ao bar do Rocky divertir-nos um pouco."

Acabei sabendo que ele fora operador de equipamento pesado em sua existência anterior, com uma óbvia inclinação para a garrafa. Estivera, aparentemente, com Peter desde a primeira infância deste último. A última coisa de que se lembrava em sua vida era estar manejando um caterpillar no local de uma construção.

Não foi preciso instar muito para que partisse.

Quando Peter saiu da hipnose, discutimos os últimos achados. Ele sentia vigorosamente que Joseph Biddle exercera muita influência em sua vida. Rememorou as primeiras imagens do sonho com um velho hostil. Em relação ao operador do caterpillar, entretanto, já se mostrava menos seguro. Concordamos em que essa entidade talvez explicasse o seu hábito de beber e o seu fascínio pelo jeito de viver da rude classe operária. Ele saiu da sessão cheio de esperança e de entusiasmo.

Na sessão seguinte, contudo, o operador do caterpillar veio imediatamente à tona quando Peter entrou em transe.

"Você ainda está aqui? Como se chama?", perguntei.

"Lou, acho eu."

"Mas por que ainda está aqui, com Peter?"

"Ele me deixa beber. Às vezes, é divertido, e posso fazê-lo ir aos lugares de que gosto."

"Que tipos de lugares?"

"Você sabe, lugares onde há homens de verdade, que sabem beber — e não um bando de incompetentes e pretensiosos."

"Faz muito tempo que está com Peter, não faz?"

"Sim, creio que faz."

"Mas sabe que precisa partir, não sabe?"

"Por quê?"

Expliquei-lhe a situação, visto que ele se achava manifestamente confuso e supunha ainda estar vivo no próprio corpo. Tornei a levá-lo para o momento da morte em sua última existência. Ele descreveu um acidente em que o caterpillar passou por cima dele.

"Você morreu nesse acidente."

"Morri?" voltou, incrédulo.

"Que aconteceu depois disso?"

"Vi um menininho brincando num pátio. Ele me parecia bastante agradável e amistoso. E eu me sentia solitário — e perdido. Por isso fui para ele."

Tornou-se finalmente claro para Lou o que de fato acontecera. Confessou lamentar o mal que fizera a Peter e perguntou como poderia ir-se embora. Pedi-lhe que olhasse à sua volta para ver se não havia ali alguém que ele conhecia. Viu a esposa, que ele receava houvesse morrido odiando-o por causa da bebida. Percebendo que ela já o perdoara, partiu, feliz, em sua companhia. Desta vez tive a impressão de que ele partira mesmo.

Eu esperava que tivéssemos podido chegar à raiz dos problemas de Peter.

Ele sorriu, sem muita convicção: "Eu também o espero", disse, "mas, aconteceu uma coisa gozada quando eu estava saindo da hipnose desta vez. Alguma coisa dentro de mim, alguma coisa que faz parte de mim, parecia estar dando risada. Eu não saberia dizer se era apenas imaginação, mas a coisa parecia dizer: 'Tornei a enganá-los, vocês ainda não descobriram que estou aqui.' "

Peter saiu do consultório perguntando a si mesmo se algum dia receberia ajuda dessa abordagem. Quando ele partiu, pus-me a imaginar se continuaria com o tratamento o tempo suficiente para alcançar a cura, que era possível.

Na sessão seguinte, ele sorriu ao contar-me que se sentira muito melhor naquela semana — em especial porque não tivera, virtualmente, nenhum desejo de beber. Franzindo o cenho, confessou que a falta de desejo sexual pela esposa lhe colocava uma verdadeira pressão sobre o casamento. Sugeri-lhe a hipnose e, depois de tanta prática, Peter não tardou a entrar em transe profundo.

A princípio, quando perguntei se havia ali algum espírito presente, os sinais dos dedos disseram "não", mas quando perguntei se não haveria algum "escondido", veio em resposta um "sim".

"Posso falar com você?", perguntei.

"Ela não está preparada para falar com você, ela está com medo", acudiu Peter em tom monótono e modorrento.

"Fale-me a respeito dela."

"É loura, bonita, mas tímida e sossegada. Sente-se muito solitária. Não sabe por que é tão infeliz; acha que gostaria de fazer amor comigo, mas não gosta de fazê-lo com minha mulher. Essa é a coisa que ela odeia!"

"Sabe há quanto tempo está com você?"

"Acho que não."

"Ela talvez fale comigo."

Peter silenciou e fiquei esperando. Volvido um minuto, perguntei: "A mulher que está com Peter está disposta a falar agora?"

"Sim, estou aqui", chegou-me a voz de Peter, porém mais suave, mais hesitante, quase feminina.

"Como se chama?"

"Laurie. Mas por que estou aqui?"

"Pois é isso o que vamos tentar descobrir, Laurie."

Fazendo perguntas com muita delicadeza, descobri que essa entidade conhecera Peter numa festa, cinco anos atrás, pouco antes de Peter haver conhecido a atual esposa.

Sentira-se imediatamente atraída por ele, à conta da sua natureza dominadora e agressiva. Lembrava-se de tê-lo visto chegar à festa com uma garota em cada braço. Mais tarde,

encaminhara-se para ele, apresentara-se e os dois haviam passado meia hora conversando.

Ela morrera num desastre de automóvel, a caminho de casa, depois de sair da festa.

Expliquei cuidadosamente a Laurie que, ficando com Peter, ela estava retardando grandemente o próprio progresso e fazendo a ele um mal imenso.

"Eu não sabia", retrucou, "sinto muito."

"Assim sendo, você precisa ir embora. Será muito melhor para os dois."

"Mas eu não posso! Para onde iria? Isso tudo aqui é tão solitário."

Eu já me dispunha a fazer mais algum trabalho de persuasão, quando Peter interveio: "Ela não irá. Não quer ouvir o que você tem para dizer-lhe. Não lhe prestará atenção."

Tentei comunicar-me com ela por mais alguns minutos, mas em vão.

Quando saiu da hipnose, Peter lembrou-se de ter conhecido Laurie. O fato de que um encontro tão breve tivesse podido levá-la a possuí-lo deixava-o perplexo. Lembrava-se, porém, de que, logo depois de conhecer Laurie, seus sentimentos em relação a mulheres haviam sofrido uma mudança gradativa e sutil.

Estávamos enfrentando agora o problema de induzir Laurie a partir, fosse como fosse. Peter disse também que ao sair do estado de transe, voltara a sentir, mais uma vez, a presença de uma personalidade forte e malévola, que se divertia à nossa custa.

Nas semanas que se seguiram, nossas sessões não foram particularmente dignas de nota. Tentamos trazer à luz entidades, em diversas ocasiões, mas sem êxito. Peter não experimentava nenhum sentido latente de presenças estranhas, quer sob o efeito da hipnose, quer na existência cotidiana.

A vida sexual com a esposa melhorara. As coisas iam bem no trabalho, e ele continuava a não sentir desejo algum por bebidas alcoólicas.

Durante essas sessões, forneceu novos pormenores acerca dos seus sentimentos íntimos de indignidade, culpa e insegurança. De um modo geral, todavia, as coisas pareciam desenrolar-se tão bem para ele que eu já estava começando a acreditar que todos os espíritos haviam partido. Talvez tivessem partido espontaneamente — por conta própria. Acharo que os demais problemas poderiam ser ajudados com os instrumentos comuns da psicoterapia, comecei a explorar com ele seu primeiro relacionamento com os pais.

Sem embargo disso, em cada sessão continuamos a utilizar um período rotineiro de hipnose, com a esperança de restabelecer contato com Laurie e verificar a presença de qualquer outra entidade.

Eis senão quando, na primeira sessão de dezembro, abrimos inesperadamente uma brecha.

Nos minutos iniciais do transe hipnótico, a voz de Peter mudou sutilmente de tom. "Você ainda não sabe que estou aqui, não é mesmo?", vangloriou-se.

Reconheci imediatamente a voz chocarreira que ouvira meses atrás.

"Há quanto tempo você está com Peter?" perguntei, esperando uma resposta.

"O tempo suficiente para conhecê-lo bem — faz mais de quatro anos."

"Por que ficou com ele tanto tempo se sabe que, assim, só conseguirá feri-lo e ferir-se? Você teve muitas oportunidades para partir nestes últimos meses."

"Eles não gostariam de mim. Tenho feito algumas coisas muito más. Se fosse para lá, eu teria de mudar."

"Mas terá de mudar de qualquer jeito. Não pode ficar aqui. Olhe à sua volta. Talvez encontre alguém que conheceu outrora e que veio buscá-lo. Está vendo a Luz?"

"Vi a Luz muitas vezes e vi minha mãe ao lado dela. Mas sempre fujo dela. Não quero ver-me frente a frente com ela — e tenho medo do que eles seriam capazes de fazer-me."

"Eles não fariam nada para feri-lo."

"Não sei, não."

Compreendendo que não chegaria a parte alguma com essa abordagem, senti-me, sem impedimento disso, animada por haver entabulado um diálogo com a entidade recalci-trante. Pedi-lhe que retrocedesse para a sua última existência. Ele contou que vivia em San Francisco com a mãe, mais ou menos na virada do século.

"Meu nome é David", disse. "Não me lembro do que eu fazia para viver, mas sei que praticava magia negra e logrei muito poder utilizando-a. Eu era chefe de um grupo de adoradores de Satanás. Minha mãe nunca soube disso. Mas ela me teria odiado se soubesse. Destruí muitas vidas."

"Você poderá ser ajudado a esse respeito, mais tarde, no inundo espiritual", expliquei. "Mas pare de destruir vidas agora. Progrida no tempo. Rememore a sua morte."

A terra está tremendo — um terremoto. Alguma coisa acaba de cair na minha cabeça, parte do prédio. Sou esmagado pelos tijolos que caem! Vejo meu corpo sem vida e quero voltar para dentro dele. Enganaram-me para tirar-me a vida. (Pausa longa.)

Vi a Luz, que tenho visto muitas vezes depois disso, e ouvi vozes das pessoas que vieram pegar-me. Mas eu estava com medo e voltei-lhes as costas.

Em seguida, lembro-me de estar com um homem cujo ofício era limpar as ruas. Juntei-me a ele para continuar vivo, se bem a escolha não fosse muito boa — era um ofício terrível. O homem morreu de morte natural - prematuramente.

Depois disso, juntei-me a muitas, muitas pessoas. Descubri que podia entrar nelas quando quisesse. Era interessante. Quando me sentia entediado ou deprimido, a coisa mais fácil era sair e encontrar outra pessoa para incorporar-me a ela.

Fiz a infelicidade de quase todas elas. Dei-lhes algum poder, algumas se sentiram muito interessadas pelo ocultismo, mas todas acabaram deprimidas, e não me agradava quedar-me perto delas por muito tempo.

"Como se juntou a Peter?" indaguei.

"Ele estava bebendo num bar em San Francisco, em companhia de amigos, mas me pareceu retraído e infeliz. Pude perceber que ele era fraco e que me seria fácil ficar com ele. Peter já conhecera Satanás."

Quando Peter e eu discutimos o que fora revelado sob o efeito da hipnose, ele inclinou a cabeça, envergonhado, e contou-me que, adolescente, intrigado pelo ocultismo, lera diversos livros sobre os rituais satânicos. Acrescentou que, durante anos, conservara uma estatueta de gesso pintado, que figurava um Satanás barbudo, de pés fendidos, sobre a cômoda. Em várias ocasiões a figurinha o perturbara emocionalmente, mas ele não fora capaz de persuadir-se a jogá-la fora.

Na sessão seguinte, fiz Peter regredir hipnoticamente a uma existência passada, e descobrimos que ele fora, com efeito, ativo adorador de Satanás, o que ajudou a explicar a atração de David por ele.

Na sessão que se seguiu foi-me possível estabelecer contato com David quase imediatamente e perguntei-lhe: "Você pretende permanecer neste ciclo interminável, sentindo-se desgraçado e causando a desgraça alheia, quando sabe que existe um meio de acabar com isso?"

"Ainda estou com medo", redargüiu ele, relutante.

Enfatizei que nada havia para temer; qualquer mudança seria para a felicidade e a alegria.

"Mas eles me odeiam!"

"O ódio e a vergonha estão do seu lado — estão em você. Sua mãe o ama. Olhe à sua volta, é possível que ela esteja aqui agora."

Passaram-se alguns segundos.

"Sim, ela está aqui. Quer que eu vá com ela e me perdoe. Eu vou. Adeus."

Dizendo isso, a entidade torturada, David, partiu.

Peter e eu estávamos ambos otimistas no final da sessão. Reunindo os pedaços do quebra-cabeça, ele relacionou o período em que David se juntara a ele a um aumento considerável de sentimentos de insegurança e ódio de si mesmo.

Nas semanas que se seguiram, a auto-estima de Peter continuou a melhorar. Sentindo renovada a confiança em si mesmo, descobriu-se capaz de conhecer pessoas no trabalho e trabalhar com elas sem nenhuma ansiedade. O relacionamento com a esposa estava melhorando e a memória também.

Durante a sessão, continuamos a usar a hipnose para constatar a possível presença de entidades. Todavia, os sinais dos dedos mostravam, repetidamente, não haver nenhuma, de modo que empreguei o resto do tempo do transe fazendo sugestões positivas para melhorar-lhe a estima própria.

Nos fins de janeiro, Peter se apresentou para a sessão nervoso e constrangido. Estava à beira de uma crise de ansiedade, que começara pouco antes de haver saído de casa para vir, de automóvel, ao meu consultório. Enquanto se avizinhava do prédio, presa de um temor progressivo, quase pôde ouvir, dentro dele, uma voz que lhe suplicava que mudasse de idéia e voltasse para casa. Durante o breve trajeto, o nariz, repentinamente, foi-se-lhe entupindo, como se ele tivesse apanhado um resfriado forte. Precisou de toda a sua força de vontade para entrar no consultório e permanecer ali.

Coloquei Peter, sem detença, em transe, imaginando que David, tendo feito uma cabeça-de-ponte, houvesse recuperado a sua posição. Os sinais dos dedos indicaram, com efeito, que uma entidade do sexo masculino se achava presente e pedia socorro. Em lugar de David, porém, apareceu um espírito despreocupado, brincalhão, chamado Eddie Vineburg, que declarou ter vinte e sete anos e haver-se juntado a Peter num bar de Sacramento em 1978.

A princípio, Eddie recusou-se a admitir que estava morto. Quando lhe perguntei como se sentia ao ser chamado de "Peter", replicou jovialmente:

"Sou cantor de *rock* e as pessoas podem chamar-me do que bem entenderem, contanto que ouçam a minha música e paguem para ouvi-la."

Também deu um jeito de observar que me julgava "esperta" e que até gostaria de marcar um encontro comigo!

Constatou-se que ele havia sido um cantorzinho sem importância que cantara em salas de espera e pequenos clubes em torno de Sacramento. Morrera carbonizado num desastre de automóvel em 1978, imediatamente antes de juntar-se a Peter. Ficara preso entre as ferragens do carro e a última coisa de que se lembrava nessa existência era ter aspirado uma fumaça grossa e pungente, que lhe queimara o nariz e a garganta.

Depois da colisão, ficou por ali mesmo, de olhos fitos no seu corpo morto. Mas o choque de ver os paramédicos transportarem-lhe o corpo torrado para uma ambulância afugentara-o de lá.

"Eu me senti, então, muito só e perdido, e dirigi-me para o bar onde estivera bebendo antes do acidente. Mas ninguém falava comigo, e não consegui atrair sequer um olhar de mulher. Senti-me como Gasparzinho, o fantasma camarada!"

Quando avistou Peter sentado no bar, Eddie achou que ele parecia um "verdadeiro otário", quieto e retraído. Mas também percebeu que poderia facilmente juntar-se a ele, o que, induzido pela solidão, acabou fazendo.

Indaguei de Eddie se estava pronto para partir, e ele disse que sim. Quando lhe perguntei se estava vendo alguém ali para escoltá-lo, reconheceu o espírito de uma tia, Sylvia — e, logo depois, se foi.

Ao voltar do transe, Peter sentia-se bem, e todos os traços da incipiente crise de ansiedade se haviam desvanecido completamente. Por incrível que pareça, o entupimento do nariz também se fora. Lembrou-se de haver experimentado uma mudança insignificante de personalidade em 1978, passando a interessar-se, de improviso, por bandas de música e cantores ao vivo, que nunca lhe haviam chamado a atenção. Tornou-se também exímio conquistador e desenvolveu um talento recém-descoberto para arranjar mulheres depressa e levá-las para a cama.

Na sessão seguinte, quatro dias depois, Peter contou que as coisas, profissionalmente, estavam indo bem e que a

sua autoconfiança era grande. Entretanto, os problemas sexuais com a esposa haviam, de súbito, voltado à tona com violência. Descobriu que ela, decididamente, não lhe despertava nenhum desejo sexual — sentia-se, na verdade, avesso à idéia de fazer amor com ela. Sempre que ela o tocava, ele se perturbava. E ela se queixara de que, até sonhando, ele a empurrava para longe.

Depois de hipnotizado, os sinais dos dedos de Peter indicaram que, como eu suspeitara, havia uma entidade do sexo feminino com ele. Verifiquei tratar-se de Laurie, a garota que morrera no desastre de automóvel.

"Por que você ainda está com Peter?"

"Senti-me presa, e estou com medo. Não sei para onde ir. Isto aqui está tão solitário agora! Todo o mundo se foi! Mas não suporto que ele faça amor com Betty."

"Você está pronta para partir?"

"Estou."

"Olhe à sua volta. Está vendo alguém que tenha vindo buscá-la? Há alguém aí."

"Há uma velha, uma amiga de minha mãe. Ela é uma. . . Ela trazia bebês ao mundo."

"Uma parteira?"

"É."

"O que é que ela lhe diz?"

"Ela me diz: Venha, menina, está na hora de partir. Deixe de tristezas. É hora de começar um novo dia.' E eu vou com ela agora."

Como os sinais dos dedos de Peter indicassem que não havia mais espíritos com ele, tirei-o do transe.

Ele observou haver experimentado a imensa alegria de Laurie por finalmente partir. Acrescentou que ela se sentiria desamparada por todos os espíritos que tinham partido. Eram a única companhia que conhecera.

Peter sentiu-se muito aliviado, como se um grande peso lhe houvesse sido retirado dos ombros. Convencera-se de que, afinal, estava livre. A essa altura, contudo, eu aprendera a tomar com ele uma atitude de "deixe como está para ver como fica".

Nas diversas sessões que se seguiram à partida de Laurie, Peter confessou que seu relacionamento sexual com Betty estava melhorando. A confiança em si e o desempenho no trabalho continuavam fortes. E o problema da bebida desaparecera de todo. Chegara o momento, para nós, de terminar o tratamento. As metas de Peter haviam sido alcançadas.

O caso intrincado de Peter revela as complexidades do relacionamento entre um ser humano vivo e os espíritos apegados à terra. Sua própria existência passada de satanista criou-lhe um sentimento de culpa profundamente arraigado, que o tornava suscetível à possessão. Cada entidade parasítica sucessiva, a começar pelo amargo Joseph Biddle, enfraquecia-o ainda mais, aumentando-lhe a vulnerabilidade. O fato de, aos cinco anos, haver-se incorporado a ele o espírito do alcoólatra Lou só piorara a situação, eis que mais tarde — através do hábito de beber — Peter abria continuamente a aura para novas possessões.

Ele era presa de espíritos muito perturbados. Acabou-se consumindo de amargura, medo e ódio de si mesmo. À medida que se tornava mais possuído e perturbado, sentia-se menos capaz de enfrentar a vida — tanto profissional quanto pessoal. No fim, os espíritos possesores puderam revelar suas personalidades e seus impulsos diretamente através do comportamento de Peter, ao mesmo tempo que a própria personalidade dele estava sendo cada vez mais subjugada e empurrada para um lado.

A estrada de volta à saúde espiritual e psicológica era difícil e penosa para Peter. Começara com o desalojamento de um único espírito. A cada desposseção sucessiva, seu próprio espírito se tornava mais forte e definido. A regressão à existência em que fora satanista ajudou-o a libertar o seu ódio de si mesmo, profundamente arraigado, e sua suscetibilidade subconsciente à possessão.

Com a libertação final de todos os espíritos possesores, Peter passou a ser verdadeiramente a sua própria pessoa e deu passos largos ao longo do seu caminho espiritual.

ESTUDO DE CASO - BARBARA

"Faz dezesseis anos que o meu peso tem sido uma luta para mim. Desde que fiz uma histerectomia total, tem-me sido impossível manter os quilos a distância. Tentei tudo. Falhei com demasiada frequência. Cheguei à seguinte conclusão: *Chega de regimes!*" Barbara viera procurar-me como medida de última instância.

Tudo indicava, com efeito, que ela experimentara tudo! Fizera o primeiro regime com os Vigilantes do Peso, e custara-lhe oito meses angustiantes perder treze libras. O regime seguinte, supervisionado por um médico, consistira em injeções de gonadotropina humana e uma dieta de quinhentas calorias diárias. Ela engordara oito libras — sem trapacear uma única vez! Em seguida, buscara a ajuda de um centro de dietas local e fora submetida a um "jejum" de proteínas — choques de altas proteínas e nenhum sólido. Perdera trinta libras. Depois de um "fim de semana ruim" de extravagâncias, ficara com medo de voltar, esperando uma esfrega. As trinta libras voltaram logo, acrescidas de algumas adicionais! Foi quando ela voltou aos Vigilantes do Peso e, logo, a outro centro de dietas. Durante muito tempo, nada lhe valera.

Adiara o momento de telefonar-me para marcar uma consulta até sentir-se desesperada. Uma depressão crônica, a seu ver intricadamente ligada à sua obesidade, levou a melhor sobre ela e obrigou-a a dar esse primeiro passo.

Como a maioria dos pacientes com excesso de peso, Barbara veio pedir-me ajuda quando já estava com o peso mais alto - oitenta libras acima do normal. No mais profundo de sua mente, conhecia que a sua terapia consistiria num exame de consciência e seria, provavelmente, penosa.

É difícil para as pessoas reverterem a tática defensiva da mente e voltarem os olhos para dentro. A cada sintoma, correspondem traumas e motivos ocultos. A mente ergue barreiras cuidadosas para proteger o equilíbrio, o que, repetidas vezes, é impossível — pelo menos até certo ponto.

Barbara era uma mulher jovial e inteligente, com os seus quarenta e tantos anos. Quando lhe perguntei que espécie de trabalho fazia, respondeu-me dando risada:

"Sou a mulher dos sete instrumentos, mas não domino a fundo nenhum!"

Casada havia vinte e três anos, tinha dois filhos crescidos.

Minutos após o início da nossa primeira sessão, tornou-se óbvio para mim que ela era uma pessoa sensível, afetuosa, de espírito metafísico. Comentou que se lembrava espontaneamente de ter vivido num templo na China como mística. Fosse isso verdade ou não, o certo é que me dava a entender que, nesta existência, se encontrava no caminho espiritual.

Quando criança, padecera de nefrite. Hospitalizada por três semanas, já ninguém esperava que arribasse. Lembrava-se de ter ouvido os médicos confienciarem a sua mãe que não esperavam que ela chegasse viva ao dia seguinte. Por mais doente que estivesse, *sabia* que não ia morrer.

Depois dessa doença, ficou magérrima. O irmão a atormentava trazendo os amigos para ver-lhe as costelas! A família fazia tudo o que podia para engordá-la — mas debalde. Ela simplesmente não podia comer uma refeição completa. Como ela mesma dizia: "Sustentei uma luta com o peso desde a minha nefrite, aos sete anos de idade!"

A meu ver, ela tivera inúmeras oportunidades de ser possuída. Discuti-o com ela, e Barbara aceitou a possibilidade. Acrescentou que, além dos internamentos em hospi-

(ais por causa da nefrite, da histerectomia e dos partos, sofrera a ablação da vesícula biliar vinte anos antes.

E confirmou: "Sinto espíritos ao redor de mim à noite. Tenho amiúde a impressão de que há alguma coisa à minha esquerda. Muitas vezes imaginei se não seria o menino que morava em nossa casa. Ele foi morto num acidente de surfe pouco antes de nos mudarmos. Na verdade, foi por isso que os pais venderam a casa. Havia um cômodo, um quarto de dormir, que, se não me engano, era dele. Posso quase senti-lo ali."

Como as reações dos pacientes à fita de desposseção me fornecem pistas robustas que me ajudam a diagnosticar a posseção, gravei a dela nesse ponto.

Enquanto eu falava com entidades apegadas à terra que podiam estar presentes, notei grande quantidade de mudanças na expressão facial de Barbara, que iam do medo ao prazer. Quando eu estava terminando, o corpo e o rosto dela relaxaram consideravelmente. Supus que pelo menos um espírito havia partido.

"Vi Billy, Ricky e Linda partindo. Conheci-os no Leste. Eles pareciam tão alegres por estar indo embora! Devo ter ficado com eles há anos! Ricky morreu quando tínhamos ambos seis anos!"

Durante as sessões seguintes, ela libertou muitos espíritos, à proporção que eu fazia, de cada vez, desposseção após desposseção. Numa delas, os sinais dos dedos indicaram a presença de treze — muitos se tinham juntado a ela durante a doença na infância. Alguns não percebiam que os seus corpos tinham morrido, outros não percebiam que seus seres queridos estavam lá. Umhas poucas vezes, vi-me obrigada a fazê-los olhar num espelho para ver que não estavam nos próprios corpos. Não raro, fazia-se mister fazer Barbara regredir ao momento em que eles se haviam juntado a ela, esclarecer quem eram e por que ela lhes permitira a incorporação. Havia choro e ranger de dentes e alguns se mostravam obstinados.

Em certos momentos, a resistência era quase invencível. Alguém lutava com todas as suas forças! Em várias ocasiões, Barbara esteve a pique de cancelar completamente o tratamento, mas depois, milagrosamente, compreendia que ela não queria parar.

Toda semana contava que havia ocasiões em que possuía mais energia e notava mudanças positivas em seus hábitos de comer. O peso começou a diminuir sem nenhum regime. Mas nem tudo era um mar de rosas. Havia retrocessos quando lhe minavam a energia e ela se sentia inexplicavelmente cansada e sonolenta. Também experimentava um variado sortimento de dores. Surgiam temores de muitas espécies, os mesmos que costumavam ir e vir durante anos. Percebia que ainda havia pessoas integradas a ela e, não raro, sentia que algumas partiam quando ela usava em casa a fita gravada.

Ela resumiu tudo com estas palavras:

"Tenho-me sentido bem — e muito mal! Às vezes, parece que estou em carne viva. Tenho sentido também a necessidade de ser posta no colo, embalada e paparicada, e tenho chorado um bocado."

Uma entidade, com a qual havíamos trabalhado, voltou. Não fora para a Luz. Tomando ao pé da letra a promessa de Barbara de que poderia voltar se não estivesse satisfeita, voltara. Foi preciso ajudá-la a fazer uma conexão firme com o seu ente querido, e ela, afinal, partiu — para sempre!

Barbara experimentou tocar a gravação da desposseção no quarto que supunha haver pertencido ao moço que tinha sido morto. Tudo fazia crer que ele partira, porque a reação dela ao quarto modificou-se e ele lhe pareceu mais claro. No entanto, ela sentia que a sua casa não ficara totalmente clara. Desde então, tenho sugerido métodos similares a outros pacientes, com bons resultados.

Quando Barbara chegou para a sétima sessão, percebi que as coisas não iam bem para ela. Parecia deprimida, e todo o corpo refletia o estado de espírito.

"Estou desanimada! Há tanto lixo em minha vida! Experimento uma sensação real de impotência. Nas duas últi-

mas semanas, tenho muitas vezes ficado tão deprimida que preciso de todo o meu esforço consciente para me reanimar. Tenho a impressão de que nunca emagrecerei — morrerei deste jeito!"

"Você já pensou em suicídio?"

"Oh, já! Tem sido uma idéia muito forte. Sei que não sou eu. Sou uma sobrevivente de verdade! Na primeira vez que a idéia me acudiu, eu tinha quarenta anos. Fiquei incrivelmente deprimida. Senti-me do mesmo jeito na semana passada. Cheguei a passar mal, e foi por isso que cancelei a última entrevista. Faz muito tempo que não me sinto mal - um ano, pelo menos. Criei essa situação para esconder-me. Eu estava exausta, tremendo, suando! Dormi vinte e quatro horas de uma enfiada. Está tudo ligado à depressão."

Sob o efeito da hipnose, os sinais dos dedos de Barbara indicaram a presença de uma entidade incorporada quando ela andava pelos vinte anos — mais de vinte e cinco anos atrás. Quando perguntei se pertencia ao sexo masculino, os dois dedos, o do "sim" e o do "não", se ergueram. O prosseguimento do interrogatório revelou que o espírito havia sido uma mulher homossexual que se suicidara.

Regredindo para a morte da mulher, Barbara relatou que ela saltara da ponte de Golden Gate. Seu rosto registrava preocupação, e ela disse:

"Sei quem ela é — a filha de uma amiga! Eu realmente gostava muito dela. Uma pessoa tão boazinha! Não consigo imaginar por que era tão infeliz! A princípio, recusei-me a acreditar que se havia suicidado. Pouco antes de fazê-lo, ela escreveu uma carta a um amigo, confessando-se homossexual. Nem o seu próprio psiquiatra conseguia alcançá-la."

Pedi-lhe, então, que recordasse o momento em que a entidade se apossara dela.

"Quando levei o retrato dela para casa. Não sei por que, pedi à sua mãe que me deixasse ficar com ele." Após longa pausa, ela admitiu que não conseguia lembrar-se do nome da moça. Imediatamente, uma voz diferente se fez ouvir e pronunciou, tranqüila: "Jean."

Não perdi tempo e dirigi-me a ela, chamando-lhe a atenção para alguém que ela amava com ternura e que viera buscá-la. Jean partiu, sem mais delongas, com a tia-avó.

Barbara anunciou: "Estivemos juntas— lutando!"

"O que quer dizer com isso?"

"Eu me olhava no espelho e a pessoa para a qual estava olhando não era, de fato, eu. Às vezes, sentia-me muito estranha. *Eu nunca relaxava!* Estava sempre ansiosa. Com pavor das alturas. Sentia-me aterrorizada ao atravessar a ponte de Golden Gate, o que fizemos em 1979. Eu poderia facilmente ter-me arrastado até lá em cima e saltado — outra vez! Não me sentia bem comigo mesma. Tinha uma forte identificação com Jean."

Após uma pausa, parecendo perplexa, contou:

"Elas ainda estão aqui, sentadas e prestando atenção, Jean e sua tia-avó."

Pedi a Barbara que falasse diretamente com ela, explicando-lhe que deveria ir para a Luz e para o mundo espiritual.

"Foi quase como se eu a tivesse convidado, Jean. Eu tinha inveja de você. Você era tudo o que eu queria ser. Eu sabia que você sofria muito por dentro. Fiquei tão triste quando você se matou!"

Barbara continuou a falar com ela e, por fim, persuadiu-a a ir para a Luz, o que ela aparentemente fez.

"Eu não sabia quem eu era. Tenho a impressão de que nunca mais me senti a mesma depois que ela morreu. Ela tem estado comigo como um grande fardo há anos. Agora que se foi, sinto um vazio — como um câncer que tivesse sido extirpado. Alguma coisa me foi tirada, como se eu estivesse vestindo um costume que me arrancaram. Tiraram de mim uma grande dose de tensão.

"Sinto-me estranha — como se houvesse outra pessoa aqui! Ela é a outra pessoa que estava com Jean. Muito branca e muito pesada. Tão gorda que até parece uma bolha grande. O queixo lhe chega até o peito. Possui cabelos quase cor de laranja. (Longa pausa.) Chama-se Margaret. Era amiga de Jean desde os tempos do ginásio. Tinha uma ligação com

Jean — estava apaixonada por ela. Matou-se. . . talvez porque Jean não correspondesse ao seu amor do jeito que ela queria que fosse correspondido — fisicamente. Aí, então, ela a possuiu."

Jean, portanto, fora possuída no momento da sua morte! Quem se suicidara, Margaret ou Jean? É possível que a homossexualidade de Jean, que ela não podia aceitar, a tivesse levado a dar cabo da vida. Ou teria sido o espírito em ação? Todas essas hipóteses me passavam pela cabeça quando perguntei a Barbara o que Margaret estava sentindo.

"Perdida e zangada."

Resolvi dirigir-me diretamente ao espírito. Eu queria que Margaret reconhecesse a própria morte a fim de prepará-la para a desposseção final.

"Como foi que você se matou?"

"Engoli aspirinas. (Pausa.) Não estou me sentindo bem. Sinto muita dor no abdome. (Pausa longa.) Jean também engoliu aspirinas, antes de saltar da ponte. Eu queria que ela vivesse. Eu não sabia o que fazer. Não podia falar com ela. Eu, simplesmente, estava com ela. Não foi por minha culpa que ela morreu! (Pausa comprida.) Tínhamos estado juntas — só nós três, durante muito tempo."

Pedi-lhe que procurasse os seus entes queridos, que estavam lá para levá-la ao mundo espiritual.

"Não há ninguém aqui. Jean era a minha única amiga."

"Alguém está aqui à sua procura. Olhe à sua volta."

"Não."

Cheguei à conclusão de que teria sido fútil continuar nessa direção. Sabendo-a gorda, imaginei poder persuadi-la a partir acenando-lhe com a possibilidade de ter um corpo esbelto. Perguntei-lhe se não desejava ter um corpo esguio e lindo — sem fazer regime!

"Essa é uma pergunta estúpida!"

Notei-lhe um grande sorriso no rosto — o plano estava dando certo! Falei-lhe a respeito da Luz e do modo com que, ao entrar nela, ela, Margaret, se veria num corpo perfeito.

"Acho isso muito divertido. Como é que a Luz vai mudar o meu corpo? E como é que você sabe disso?"

Chamei-lhe a atenção para o fato de que um professor viera ajudá-la a compreender. Sugeri-lhe igualmente que, depois de entrar na Luz, estaria, sem dúvida alguma, em companhia de Jean.

"Vieram dois."

"O que é que eles dizem?"

"Querem ajudar-me, exatamente como fizeram alguns anos atrás. Afinal de contas, não sei por que haveria alguém de querer ajudar-me depois de todos esses anos."

Perguntei-lhe o que os professores estavam dizendo.

"Querem ajudar-me." Olhando para o lado, ela dava a impressão de dirigir-se a seres invisíveis. "O que vocês vão fazer para me ajudar?"

Depois, voltando-se para mim:

"Estão me prometendo. . . Não sei se devo confiar em alguém. Quero ver Jean. . . quero ir para onde ela está." (Rompe a chorar.)

"O que dizem eles sobre isso?"

"Que podem levar-me para ela, porque nós duas precisamos da mesma ajuda. (Pausa.) Agora estou caminhando na direção da Luz. É como uma centelha que fica cada vez maior. . . e é tão brilhante! Não consigo manter os olhos abertos. Eles dizem que 'isso está certo'. Tenho a pele toda arrepiada. Não está quente. . . mas está gostoso. Não é misterioso. Estou começando a relaxar. Meu corpo está muito leve! Não o sinto. Não é um corpo. É muito diferente. . . como se fosse um pensamento. . . apesar disso, posso ver. Há beleza. . . e cores. Estou tão *leve* (Pausa.) Tenho a sensação de haver posto o pé na água fria. . . mas é tudo tão bonito!. . . e isso é apenas o começo. (Pausa longa.) Não posso ir mais adiante. Há um período de ajustamento. (Pausa.)

"Tenho uma mensagem para você. A mensagem é que não existe medo. Não há nada de que se possa ter medo! (Pausa longa.) Não posso falar muito mais tempo através de Barbara. Estão me dizendo que isso não é bom para ela. Uma

pessoa só deve fazê-lo por um curto período de tempo. Barbara não pode sentir o seu corpo. (Pausa.) O trabalho que você está fazendo é muito bom."

Achei que seria melhor restituir a Barbara o domínio do próprio corpo. Preocupava-me a idéia de que ela tivesse podido sair dele. Eu ia aceitar o conselho dos professores!

"Barbara, volte para o seu corpo. Quando estiver preparada, diga-me, por favor, o que representou para você canalizar Margaret."

(Longa pausa.)

"Eu não conseguia sentir o meu corpo. Agora é que estou começando a fazê-lo. Como a minha voz, que está aqui, mas o meu corpo não está. Como um rádio regulado para certa vibração. Agora, porém, ele está sintonizado em outra vibração. Se você estiver regulada e não estiver preparada, queima-se! Se ficar assim por muito tempo, às vezes não poderá voltar. Foi muito bom. Quando voltei para o corpo, comecei com a mente, depois a cabeça, o cérebro, os ombros, os braços, o torso. Agora sinto a barriga das pernas e os pés, mas ainda assim me sinto mais leve."

Fiz-lhe sugestões para basear-se e centrar-se e perguntei como se sentia.

"Relaxada." Sacudiu as mãos como se elas estivessem adormentadas. "O outro lado não é tão longe assim. Em certo sentido, é um estado de espírito, com o qual é muito fácil entrar em contato." Ela inclinou afirmativamente a cabeça. "Meu corpo dá-me a impressão de estar diferente."

"Diferente como?"

"Sinto-me como se tivesse estado boiando na água com pesos colocados sobre mim. Não me afoguei, mas estava sempre me segurando para não afundar. Uma parte de mim sabia que eu não estava me afogando. Os pesos se foram. Agora me compenetro de que tenho de aprender a caminhar de novo. Na verdade, deixei de viver por muitos anos. Eu estava lutando, me segurando, me controlando. . . satisfazendo a todo o mundo, menos a mim mesma. Como um bonequinho de João-minhoca acionado por cordinhas."

"Quem puxava as cordinhas?"

"Margaret me vem à mente, os cabelos vermelhos e o corpo branco, Jean. . . todo o mundo, menos eu. Antes de Jean e Margaret, outra pessoa, e, antes dela, mais outra. *Eu o permiti*] Eu me deixei, a mim mesma, influenciar por tantas sugestões. Quero tomar as minhas decisões.

"Como poderei saber que tudo não passa de sugestões? Que não estou inventando todas elas? A coisa, todavia, é tão real quando a vejo. . . tantas almas sofredoras! Toda a gente se agarra a mim, pedindo ajuda, mas quem vai me ajudar? Quando posso conseguir ajuda?"

"Sinto-me só, em certo sentido. Ainda que aliviada, sinto-me sozinha. Caminho com as mãos nas costas e a cabeça inclinada. Minha missão na vida, na realidade, é caminhar a sós e servir. Não haverá pessoa alguma que me ajude. É como uma voz de Jesus — um espírito. Na verdade não lhe compreendo a mensagem. Não *quero* compreendê-la. Não faz sentido que ninguém queira ajudar-me. (Pausa.) É difícil articular esses sentimentos."

Antes de tirá-la da hipnose, expliquei-lhe que somente ela mesma sabia se isso fora realidade ou fantasia, mas só se tornaria claro quando ela estivesse preparada.

Depois que ela saiu do transe, perguntei-lhe o que achara de experimentar os dois espíritos, o de Jean e o de Margaret.

"Margaret era muito mais forte do que Jean. Eu não conseguia lembrar-me do seu nome. Nisso, ele voltou a explodir em minha mente, como quando ela se apossou do meu corpo. Eu não o percebera enquanto falava, mas tinha-o percebido.

"A sensação na Luz era de total ausência de peso. Existe um período de transição do Outro Lado a que você precisa acostumar-se ao chegar ali. Quando os professores estavam falando com ela, eu tinha a impressão de um eco. Não era bom ficar fora do corpo por muito tempo. Se você me tivesse tocado, eu não o teria sentido. Você poderia ter-me atravessado o corpo com a mão.

"Margaret estava muito zangada — cáustica! 'Não é você quem vai me dizer!' Isso realmente se ajusta a mim. Tro-

cando de posição e mudando tão depressa — a personalidade inteira. E, mais tarde, alegria, um entregar-se ao bem, uma dissolução de toda a negatividade na Luz.

"A outra parte — a mensagem para você — apenas isso lhe foi dito na ocasião. . . apenas o que se supõe que você deva ouvir. O que você está fazendo é importante. As pessoas ainda não estão inteiramente preparadas — o processo é lento.

"A diferença entre o aqui e o ali é muito tênue — um estado de espírito. Você pode explorar aquela fonte, mas precisa tomar cuidado. Você precisa saber o que está explorando!"

Aquela havia sido uma sessão emocionante e produtiva. Nós duas havíamos aprendido muita coisa. Fora uma experiência rara para mim, mercê dos muitos desvios e voltas interessantes que a nossa excursão envolvera: uma entidade possadora que também estava possessa — enquanto viva e enquanto desencarnada! E a descrição de Margaret do fato de estar na Luz — isso nunca se ouvira numa desposseção! Muitos pacientes hipnotizados carregavam a própria regressão para além de suas mortes, para a imediata experiência pós-morte, e para a jornada para dentro da Luz — e além. Mas um espírito apegado à terra libertando-se de outro, que ele possuía, e continuando a descrição enquanto permanecia fora do corpo físico — isso era único.

Quando se refestelou na poltrona, Barbara anunciou que passara realmente bem a semana toda. Não havia vestígios da grave depressão e dos pensamentos de suicídio de que sofrerá antes da nossa última sessão. Não obstante, sentia-se sozinha. Como se tivesse perdido alguns bons amigos.

A depressão partira com Jean e Margaret, mas as extravagâncias persistiam. Ela estendeu-se sobre o assunto:

"Alguém está-me forçando a comer! É como se alguém pegasse a minha mão e me obrigasse a fazê-lo. Eu não quero! Há uma pessoa que me diz constantemente: 'Alimente-me!'

Isso me dá a impressão de haver quase perdido o controle da minha consciência."

"Barbara, tudo indica que você está chegando aos fatos básicos do assunto. É curioso o modo com que os espíritos sobem à tona. Às vezes, me parece que eles partem em grupos. Alguns têm de partir antes que outros possam fazer o mesmo.

"Aparentemente Margaret não era responsável por todo o seu problema de peso. Ela pode ter contribuído um pouco, mas visto que você ainda come compulsivamente, o meu palpite é de que há mais alguém — aquele que diz: 'Alimente-me!' Utilizemos agora a hipnose e vejamos se alguém está aqui."

Depois da indução hipnótica, interoguei a mente subconsciente de Barbara usando os sinais dos dedos. Estes indicaram que havia uma entidade com ela, e que outra estava procurando esconder-se.

Baseando-me numa suposição, perguntei quando a entidade do "alimente-me" se juntara a ela. Barbara respondeu: "Ela me visitou no hospital quando fiz a histerectomia."

Novos esclarecimentos revelaram que a "visitante" era um espírito confuso, que errara pelo quarto e a possuía. Realizei uma despossessão imediata, e ela pareceu partir com os seus entes queridos sem a menor hesitação.

Estremecendo de repente, Barbara murmurou:

"Dorothy está aqui! Ela morreu de câncer alguns anos atrás. Tem raiva de mim porque casei com Gary. Ela e Gary saíam juntos antes mesmo que eu o conhecesse. Ela acha que o tirei dela. E pula de um lado para outro — entre mim e ele."

Foi excessivamente difícil persuadir Dorothy a ir para a Luz. Presa a um sentimento de injustiça pelo fato de seu corpo haver morrido, ao passo que Barbara continuava viva e saudável, estava decidida a deixar doente a rival.

E explicou;

"Se eu ficar no corpo dela, ela comerá até arrebentar, e morrerá também — como eu morri. E conhecerá como é isto aqui. Eu era tão cheia de vida! Eu gostava de fazer uma

porção de coisas físicas, como Gary. Saltava de pára-quadras. Velejava. Minha vida se acabou tão depressa! Não foi justo!"

Além da amargura e do ressentimento para com Barbara, ela se mantinha no plano terreno por causa do vigoroso apego a Gary. Achava que seria uma companheira muito melhor para ele do que o era a esposa. Vangloriava-se, descrevendo o quanto curtia o fato de estar com ele — enquanto o possuía. Confessou que criava deliberadamente confusão entre os dois e exultava porque o casamento deles estava desmoronando.

Falei com Dorothy e expliquei-lhe que ela teria um corpo saudável e enérgico, como o que tivera antes de ficar doente. De início, ela não confiou nas minhas promessas, mas acabou pensando em partir ao reconhecer sua falecida avó e ao constatar que esta possuía um corpo de verdade. Quando eu já me preparava para abençoá-la, mudou de idéia no último minuto e recusou-se a partir.

Estava na hora de proporcionar-lhe algo mais do que o que eu podia dar-lhe! Requisitei a ajuda de especialistas do mundo espiritual. Eu verificara no passado que eles eram extremamente úteis em desposseções difíceis.

Barbara falou:

"Tudo o que você precisa fazer é pedir. É o que eles estão dizendo. São cinco seres. Belos. Seres leves e brilhantes! Estão formando um círculo. Não podem chegar muito perto dela, porque suas vibrações são demasiado fortes. Cercam-na e cercam também a avó e um velho amigo de Dorothy, Ted. Ted está aqui!"

O rosto de Barbara iluminou-se com um sorriso radiante, ao mesmo tempo que explicava:

"É um amigo de minha sogra. Escrevia poesias tão lindas!"

Depois, lembrando-se, dirigiu-se a Dorothy:

"Esqueci-me de que você também escrevia poesias muito bonitas. Mesmo que não o conheça, ele veio para ajudá-la - e pode fazê-lo. Antes de morrer, era um homem velho — muito doente! Tinha de usar bengala, e mal podia enxergar. Veja, agora, veja como é bonito!"

Inclinando a cabeça para o lado oposto, dirigiu-se a Ted:
"Oh, Ted! Obrigada! Muito obrigada!"

Depois me explicou:

"Os cinco seres estão mandando energia e curando, postados como se formassem uma estrela de cinco pontas. Dorothy está se levantando. Está chorando. Quer que eu diga adeus a Gary por ela." Depois de longa pausa, durante a qual sorria, continuou: "Aquela Luz é tão curativa! É uma tentativa tão grande caminhar para dentro dela! Mas não posso!"

Perguntei se Dorothy havia partido. Enxugando uma lágrima alojada no canto do olho, ela fez que sim com a cabeça, e o seu dedo do "sim" ergueu-se.

Nesse ponto, invoquei espíritos curadores para lhe fortalecer e reparar a aura e o corpo. Enquanto eu esperava a conclusão do trabalho, acudiu-me uma inspiração.

Visto que Barbara era um sujeito hipnótico inusitadamente visual e sensível, decidi fazer com ela uma experiência que dera incrivelmente certo com outros pacientes igualmente perceptivos.

"Com os olhos da mente, traga Gary para cá e faça-o ficar bem na sua frente. Agora, conte-me se você é capaz de ver espíritos com ele."

"Vejo o pai. . . e um velho." E acrescentou, depois de uma pausa: "Agora, vejo mais dois."

Dirigi-me a eles, *en masse*, levando a cabo uma desposseção à revelia. Expliquei-lhes que os seus corpos estavam mortos, que eles estavam com Gary na qualidade de entidades possessoras, e que os seus entes queridos tinham vindo buscá-los — a fim de levá-los para o estágio seguinte de suas vidas. Abençoei-os, dizendo-lhes que entrassem na Luz.

Ela os descreveu partindo com os espíritos que os ajudavam e, enquanto fazia, o seu dedo do "sim" voltou a erguer-se espontaneamente.

Outra sessão memorável havia chegado ao fim. Antes de deixar o consultório, ela observou que se sentia cansada, como se tivesse passado por muita coisa. E passara mesmo!

ESTUDO DE CASO - PAOLO

"Todos os meus problemas começaram quando fiz quinze anos — antes disso, eu estava muito bem. Passei um ano na Itália, e tudo mudou para pior. Perdi a confiança em mim mesmo. Perdi toda a minha autodisciplina. Não estudei, não passei bem. A partir de então, tenho tido uma infinidade de problemas. Não compreendo. E por isso estou aqui."

Aos cinquenta anos de idade, Paolo decidira seguir o conselho de sua mulher e fazer alguma coisa para reverter os continuados padrões autodestrutivos que o impediam de atingir suas metas — e lhe tornavam a vida miserável.

Perguntei-lhe o que acontecera na Itália que pudera ter provocado a mudança.

Não acontecera nada traumático e muito menos insólito. Ele fora mandado para a sua terra natal a fim de cursar o 'American College, uma escola cujas aulas eram dadas metade em inglês e metade em italiano. Seus pais, sem dúvida, teriam suas próprias razões para mandá-lo à casa dos avós. Disseram-lhe que seria bom para ele praticar o italiano e conhecer os familiares antes que morressem.

Ele perguntava a si mesmo por que motivo seu comportamento se alterara de maneira tão drástica e repentina. Comentou que, antes, até aquela altura de sua vida, fora aplicado na escola, houvera-se bem e gostara de estudar, porque possuía um vasto leque de interesses e capacidades. Durante o ano passado na Itália perdeu todo o interesse pelas aulas

e dava a impressão de não poder motivar-se. Fora obrigado a esforçar-se apenas para conseguir passar.

Na Itália, pela primeira vez na vida, tentou sair com uma garota. Queria conhecer o sexo. Não o conseguiu, mas o desejo, forte, persistiu!

O seu problema atual consistia em viver descontrolado grande parte do tempo. Demasiava-se no beber. Comia compulsivamente — e estava sempre batalhando para perder trinta libras adicionais. Todas as noites enfrentava um dilema: ir para casa, para o convívio da família, ou passar a noite num motel. Se ficasse no motel, sentia-se culpado. Se fosse para casa, tinha de enfrentar as recriminações da mulher, que ele achava detestáveis. Nos negócios, num dia, mostrava-se medroso e sem confiança em si próprio, ao passo que, no dia seguinte, transbordava de otimismo e planos novos.

Seu relacionamento com Kathy, sua esposa há vinte e três anos, estava abalado ao máximo. Ele confidenciou:

"Em certas épocas do ano sinto uma vontade realmente forte de fugir — na primavera e no Natal. Já rompemos diversas vezes. E, então, simplesmente saio de casa — e fico fora três meses, ou coisa parecida. Na última vez — faz cinco anos agora — chegamos muito próximos do divórcio. É preciso que haja uma razão para isso. Mas não tenho a mínima idéia de qual seja."

Interroguei-o sobre os sentimentos que tinha por Kathy.

Ele declarou que lhe votava muito respeito e sabia que ela — de muitas maneiras — era a mulher perfeita para ele. Coçou a cabeça, franziu o cenho e disse:

"Eu a amo, mas vivemos brigando. O conflito principal é por causa do sexo. Não consigo excitar-me — ela não me atrai. Não sei por quê; antigamente me atraía. É uma mulher muito atraente. Rosto lindo. Corpo bonito. Às vezes, não suporto a idéia de ir para a cama com ela. O sexo entre nós está tão ruim agora que tenho medo de tentar."

Ajuntou que bebia para fugir à ansiedade de todas aquelas tentativas frustradas e para evitar a necessidade de ir para casa.

O álcool parecia ser um problema ainda maior do que Paolo estava disposto a admitir. Confessou que chegara a desmaiar no correr do último ano. Começara a usá-lo à guisa de muleta vinte e cinco anos antes e, desde essa época, frequentava bares todas as noites após o trabalho. Quando os negócios, de vez em quando, desandavam, voltava a beber para levantar o moral.

Fazia um ano que fora preso por dirigir embriagado. De um modo ou de outro, a multa, a auto-escola e a ficha na polícia motivaram-no a disciplinar-se.

A coisa funcionou. Ele deixou completamente de beber. Depois disso achou que seria capaz de seguir um regime de baixas calorias. Perdendo com facilidade trinta libras, sentiu-se tremendo e enérgico. Conservou o novo peso e o seu respeito próprio elevou-se às nuvens. Começou a voltar para casa à mesma hora e passou a dar-se melhor com Kathy e os três filhos.

O estresse dos negócios provocou a derrocada de tudo o que ele edificara naquele período de seis meses. Recomeçou a beber. Recuperou as libras perdidas — e reiniciaram-se as brigas em casa.

O problema que mais pesava na mente de Paolo era a maneira com que geria os negócios. Dono da loja de ferragens mais popular da cidade, gabava-se de relacionar-se extremamente bem com os fregueses, a despeito dos conflitos.

"Num minuto sou o melhor. No minuto seguinte, estou totalmente paranóico. Persuadi-me de que não serei bem-sucedido — de que fracassarei. Dou início a um projeto, fico entusiasmado e certo de que, desta vez, vai dar tudo certo. Depois, um sentimento avassalador me solapa toda a confiança e todo o entusiasmo. Jogo o plano na cesta de papéis e apelo de novo para a bebida. Isso me acontece muitas e muitas vezes. E o pior de tudo é que *sei* que tenho capacidade para ser um sucesso."

Por estar desconfiada de que uma possessão poderia estar causando a maioria dos seus problemas, interroguei-o sobre a sua personalidade quando bebia.

"Todas as mudanças são otimistas! Fico perambulando de bar em bar. Minha meta é arranjar pessoas que gostem de mim. Quando bebo, sou a alma da festa para todo o mundo — menos para Kathy. Chego a ficar ainda mais furioso com ela!"

Dei-lhe parte da minha preocupação de que ele poderia estar abrigando um ou mais espíritos possesores, que se rezevavam, às vezes, no controle da sua personalidade e que estariam causando os muitos conflitos que ele esboçara.

Paolo acreditara em entidades a vida inteira, como a sua família. Contou-me que a área em que agora vivia estava cheia de vibrações más. Tinha havido ali muitos casos de mortes, suicídios, pessoas que se haviam tornado alcoólatras, — e até casos de visão de fantasmas no antigo cemitério, que ficava ali perto. Sua filha andava freqüentemente a cavalo beirando o campo santo e, em diversas ocasiões, avistara o espírito de uma moça. Quando a avistava, tanto ela quanto o cavalo ficavam sempre "assombrados".

Intrigado com a idéia de que espíritos poderiam estar atrapalhando a sua vida, Paolo consentiu numa desposseção.

Como sempre, comecei gravando uma fita de descontração para ele, repleta de sugestões positivas, tendentes ao seu bem-estar generalizado. Rematei a gravação com sugestões para dormir, que ele poderia usar toda noite. Ele pareceu entrar num belo transe, liberando completamente as tensões tão manifestas alguns minutos antes.

Enquanto eu gravava a desposseção do outro lado da fita, ele se pôs a falar, interrompendo o processo. A voz era consideravelmente diferente da de Paolo.

Colérico, anunciou:

"Não vou a parte alguma!"

A voz era estrondosa e roufenha, como se ele estivesse embriagado.

"Quem é você?"

"George. Mas não diga a Paolo, aquele filho da mãe!"

Na esperança de facilitar-lhe a partida, perguntei-lhe se não via ninguém conhecido.

"Pete está aqui! Mas ele morreu! Que droga! Não me importo. Bom velho Pete, meu companheiro", falou ele, mastigando as palavras.

Enquanto falávamos, tornou-se evidente que o seu rompage de valentia nada mais era do que um disfarce para o medo. Em certos momentos, tornava-se frenético e até rompia em soluços profundos, quando aceitava com medo o fato de que o seu corpo morreria.

Quando me referi a Kathy, ele abriu a vociferar:

"Não suporto aquela mulher! A única coisa que ela sabe fazer é pegar no pé do pobre Paolo, aquele palerma!"

Perguntei-lhe se era ele quem decidia ir beber e pernoitar no motel.

"Sou eu mesmo. Se eu nunca mais a vir, ficarei feliz. Mas aquele merda volta para casa quando se sente mal. Não posso detê-lo o tempo todo."

Conquanto tivesse cessado a despossessão *per se*, eu continuava gravando a conversa e vi que ela poderia ser sumamente valiosa em nosso trabalho.

Não fiz nenhuma tentativa para promover a partida de George durante o resto da sessão. Em vez disso, tentei doutriná-lo acerca da sua condição e plantei algumas sementes tocantes à boa vida que os espíritos levavam no outro mundo.

Meu propósito principal consistia em estabelecer uma relação com aquele rude e bombástico personagem.

Após sair da hipnose, Paolo confessou:

"Conheço esse sujeito! Esse cara sou eu quando me pongo a beber. Mas não sou eu!"

Marcamos uma entrevista para dali a dois dias. Sugeri que ele partilhasse com a esposa a conversação gravada. Presumi que isso a ajudaria a compreender o que ela estivera enfrentando todo aquele tempo, e ele conseguiria obter dela o necessário *feedback*. Paolo saiu do consultório animado e otimista.

"Kathy me disse que tem conversado muito com esse espírito. Depois que me embriago, ela diz que o vê saindo de mim. Não é que o veja mesmo, mas é o modo com que me comporta. É George!"

Perguntei-lhe se sentira alguma ansiedade ao vir de automóvel ao consultório. Eu estava preocupada com o medo de George.

"Foi esquisito. Ontem senti uma vontade muito grande de vir vê-la. Não sei quem queria estar aqui. Depois, nesta última noite, embriaguei-me. Faz muito tempo que não encho a cara desse jeito! E fui ficando cada vez mais nervoso à proporção que me aproximava de Saratoga."

Sugeri que recorrêssemos imediatamente à hipnose, para eu poder falar com George.

Dra. Fiore. Ontem, quando Paolo sentiu uma vontade muito grande de me ver, era você?

George. Era.

Dra. Fiore. Para que você queria ver-me?

George. Eu só queria ouvir um pouco mais.

Dra. Fiore. Pois vou ajudá-lo a compreender. É isso o que você realmente quer, não é?

George. (Acenos afirmativos com a cabeça.)

Dra. Fiore. Muito bem. Mas, agora, relaxe-se. Vou mostrar-lhe uma coisa. (Estende-lhe o espelho.) Abra os olhos. Está vendo este rosto? Relaxe-se. Está vendo minha mão aqui em cima?

George. Estou.

Dra. Fiore. Está sentindo minha mão?

George. Estou.

Dra. Fiore. Está sentindo este cabelo crespo?

George. Estou.

Dra. Fiore. Este é o rosto de Paolo. Você está compreendendo? Este não é o seu rosto, é?

George. Não.

Dra. Fiore. Mas você pode sentir-me tocá-lo, certo?

George. Certo.

Dra. Fiore. Não se trata de saber se eu o estou tocando, ou não. Mas você está vendo este outro rosto, não está?

George. Estou.

Dra. Fiore. Muito bem. Este é o rosto de Paolo, e é um rosto familiar, não é? Você já viu esse rosto antes porque já olhou através dos olhos dele, talvez quando ele se barbeava, ou se vestia. Agora olhe bem para ele. Este é Paolo.

Ora, você tem estado com ele provavelmente desde que ele tinha quinze anos de idade, e Paolo agora cresceu. É um homem adulto, cinquentão. E tem um rosto simpático, mas que não é o seu. Muito bem. Agora feche os olhos. Relaxe-se. Acalme-se. Isso. . .

Esse é o passo número um, George. Você precisa compreender que está no corpo de outra pessoa. Você compreende, não compreende?

Viu aquele rosto, que não é o seu rosto, e senti minha mão na cabeça que supunha ser a sua, e agora compreende que não é a sua cabeça. Ora, a coisa mais importante que você pode aprender — que qualquer pessoa pode aprender, que eu posso aprender, que Paolo pode aprender, que qualquer um pode aprender — é que o que nos ensinaram a respeito da morte não passa de um mito. A vida continua depois da morte, mas o corpo morre. O seu corpo morreu. Mas *you* não morreu. Compreende agora?

George. (Acenos afirmativos com a cabeça.)

Dra. Fiore. Agora você começa a aceitar a idéia de que já não está em seu corpo — que está no corpo de Paolo. Muito bem. Você aceita também a idéia de que não existe essa coisa de morte de uma pessoa? A única coisa que existe é a morte do corpo.

George. (Acenos afirmativos de cabeça.)

Dra. Fiore. Você sabe que está vivo porque está falando comigo, não está? E ouve o que digo. E sente-se muito vivo, não se sente? Por conseguinte, você não morreu. Mas o seu corpo morreu.

Agora eu gostaria que você olhasse para o corpo em que está. Abra os olhos e olhe para ele. Olhe para as mãos. Olhe para a forma. Este é o seu corpo tal e qual você o recorda?

George. (Sacode a cabeça negativamente.)

Dra. Fiore. Como era o seu corpo antigamente? E quantos anos tinha?

George. Vinte e oito. . . cabelos pretos lisos. . . Gosto de dançar. Gosto de todas as mulheres ao redor de mim.

Dra. Fiore. Bem, aposto que você se cansou de Paolo.

George. Não! Não encontrei mais ninguém com quem eu desejasse estar.

Dra. Fiore. Por que não se ajuda a si mesmo? Quando partir, poderá ter o seu próprio corpo. Isso não seria interessante, para variar?

George. (Grita.) Mas eu tenho um corpo.

Dra. Fiore. Quando partir, terá um corpo novo.

George. Agora. . . agora você está mentindo para mim.

Dra. Fiore. Sua mãe morreu, não morreu?

George. Morreu.

Dra. Fiore. Pois, então, imagine agora você ver sua mãe no corpo dela. Que significa isso para você?

George. Que não é verdade.

Dra. Fiore. E se ela se aproximar de você e o tocar? (Pausa.) Não sente alguém tocando-o agora?

George. Não.

Dra. Fiore. Não sente que alguém está tocando na sua mão?

George. Não! Não! (Chora e olha para um lado, como se olhasse para alguém.)

Dra. Fiore. Você está sendo muito teimoso.

George. (Dirigindo-se aparentemente a outra pessoa.) Deixe-me em paz! (Choraminga.)

Dra. Fiore. Não fale com sua mãe desse jeito.

George. Não é minha mãe, é apenas. . . uma pessoa.

Dra. Fiore. Não acredito.

George. (Chora.) Desculpe-me, Mamãe. Serei forte. (Sussurra.) Serei forte.

Dra. Fiore. Você é muito forte. Está sendo forte ao compreender a sua condição — é a coisa mais forte que você pode fazer.

George. Alô, Mamãe.

Dra. Fiore. Agora você pode ver sua mãe, que está num corpo muito bonito, num corpo perfeito. E quero que repare no quanto ele é real.

George. Não posso vê-la, não posso vê-la. (Sussurra.)

Dra. Fiore. Ela está bem aqui ao seu lado. Você pode vê-la. Ela está em seu corpo espiritual.

George. Ela não é um espírito!

Dra. Fiore. É claro que é.

George. Ela tem seios.

Dra. Fiore. É verdade.

George. Os espíritos não têm. . . Oh, não acredito nisso!

Dra. Fiore. Ela é muito real, George.

George. Vejo uma porta. . . lá atrás.

Dra. Fiore. E não vê uma Luz na porta?

George. Muito brilhante.

Dra. Fiore. Continue olhando para a Luz, e diga-me o que sente quando a vê.

George. (Pausa longa.) Ela está-me puxando.

Dra. Fiore. No instante em que entrar naquela Luz, você se verá dentro de um corpo e terá vinte e cinco anos de idade. Não lhe agradaria isso?

George. Agradaria.

Dra. Fiore. E bonito. Você terá um corpo com cabelos escuros — e não cinzentos — e será magro.

George. Não. Não quero ir!

Dra. Fiore. Você não precisa ir. Eu já lhe disse que não farei esforço algum para obrigá-lo. Se quiser ir, pode fazer uma tentativa. E se não gostar do que encontrar, Paolo o deixará voltar.

George. Oh, não! Ele não me deixará voltar! Se se livrar de mim, nunca mais me deixará voltar!

Dra. Fiore. Pois bem, vou pedir a ele que o deixe voltar. Sei que se você ingressar nessa vida, não voltará de maneira alguma para cá. Por que trocaria um corpo de cinquenta anos por outro de vinte e cinco — o corpo de outra pessoa pelo seu próprio corpo? Sei que você não quererá voltar. É a última coisa que desejará fazer, por-

que terá o seu próprio corpo, e o seu corpo será forte e saudável.

George. Cale a boca, Paolo.

Dra. Fiore. O que é que ele está lhe dizendo?

George. Está insistindo comigo para que eu vá. E eu não quero ir!

Dra. Fiore. E não precisará ir. Não tem necessidade de ir. Não gostaria que nós — não gostaria de aceitar-me nesse negócio hoje, certo?

George. Que negócio?

Dra. Fiore. O negócio de partir e voltar — digamos, numa semana, se você não gostar.

George. Não!

Dra. Fiore. Não tentei forçá-lo, tentei?

George. Você vai tentar enganar-me e fazer-me partir.

Dra. Fiore. Não, espere um minuto. Sem truques e sem forçar nada. Só quero que você reflita no que eu lhe disse, a saber, que a vida continua depois da morte do corpo físico.

Acontece apenas que você está preso no corpo de outra pessoa. Se tivesse entrado no mundo espiritual quando deveria tê-lo feito, durante todo esse tempo teria estado num corpo que nunca envelheceria, e que seria perfeito em todos os sentidos. Quero que você pense a respeito disso até a próxima vez, está bem?

George. (Pausa.) Você acredita em reencarnação?

Dra. Fiore. Acredito. Acho que sim. E você?

George. *Tenho medo disso!* (Em tom de desafio.)

Dra. Fiore. Por quê?

George. Porque não sei na pele de quem vou entrar. De que tipo de pessoa.

Dra. Fiore. A decisão a esse respeito só dependerá de você.

George. Que decisão?

Dra. Fiore. Quando trabalho com pacientes em hipnose, eles se lembram de haver-se reunido com os guias e depois decidido qual seria a sua vida futura.

George. Por que haveria alguém de querer voltar como alguns desses bundas-sujas que andam por aí?

Dra. Fiore. Você terá muita coisa para dizer a respeito disso, e essa será uma experiência muito interessante. Agora vamos falar sobre. . .

George. (Interrompendo.) Eu estava tentando ler um livro sobre reencarnação, mas vivia interrompendo a leitura porque não queria saber demais sobre o assunto. (Pausa longa.)

(Rindo-se.) Bem, Paolo está-me dizendo que não acredita em mim. Que estou realmente aqui!

Dra. Fiore. O que é que ele diz?

George. Ele está-me dizendo que não acredita em você. Mas eu acredito! (Ri-se.) A verdade é que enganei esse filho da puta. Vou fugir daqui e deixá-lo sofrendo. Esse maldito bastardo!

Dra. Fiore. Não pode ser muito divertido ficar no corpo de Paolo.

George. Às vezes.

Dra. Fiore. Quero que se acostume à idéia. Estou aqui para ajudá-lo a pôr fim à prisão que você criou para si. . . ajudá-lo a estar em seu próprio corpo.

George. (Suspira fundo.)

Dra. Fiore. Que aconteceu?

George. Estou ficando louco. Fico louco da vida com essa situação. Porque Paolo vai deixar Kathy escutar a gravação, e ela ficará sabendo. E acabará compreendendo. E ficará danada da vida!

Dra. Fiore. Acalme-se.

George. Não gosto disso!

Dra. Fiore. Acalme-se, acalme-se. Vamos.

George. Ela não será como você.

Dra. Fiore. Vamos, acalme-se. Você talvez nem esteja por perto e, assim, não terá de enfrentar tudo isso. Aposto que você foi um garotão bonito, não foi? Pois bem, você poderá voltar a sê-lo com esse mesmo corpo, bastando para isso que decida partir.

George. Esse corpo?

Dra. Fiore. Esse mesmo. . . e logo.

George. Oh, Deus! (Chora.) Oh, Deus!

Dra. Fiore. Isso não é o fim do mundo. É o começo — para você. Não está acontecendo nada de mau, por isso acalme-se.

George. Não quero ser um bom sujeito.

Dra. Fiore. Isso também é bom.

George. Vou fazê-lo.

Dra. Fiore. O que você vai fazer?

George. Quero ser uma boa pessoa.

Dra. Fiore. Quer mesmo?

George. Quero. (Chora.) Quero mesmo.

Dra. Fiore. Muito bem. Aqui está uma pessoa para ajudá-lo a partir.

George. Não o conheço. (Agitado. Chora.)

Dra. Fiore. Conhece, sim.

George. Tio Jim.

Dra. Fiore. O que é que ele lhe está dizendo?

George. Convidou-me para ir. Mas não quero ir. (Chora.)
Estão todos mortos. Como posso andar com pessoas mortas? (Chora muito.)

Dra. Fiore. Ouça-me! Ouça-me! Acalme-se!

George. (Chora.). . . ora, vá-se foder!

Dra. Fiore. Acalme-se. Você não gostaria de que eu lhe explicasse tudo o que aconteceu?

George. Gostaria.

Dra. Fiore. E só há uma coisa que você precisa fazer, a coisa mais simples do mundo. Só precisa abrir a mente. Sei que você é durão, mas gosta de imaginar-se uma pessoa de mente aberta, não gosta? Pois bem, agora quero que examine as provas. Não procurarei persuadi-lo a fazer coisa alguma. Seu tio Jim está aqui, sua mãe está aqui e Pete, seu velho amigo, está aqui. Todos vieram por sua causa. E lhe explicarão as coisas desde agora até a próxima vez. Está certo?

Ora, se você chegar à conclusão de que quer partir, poderá partir. Não precisará esperar que Paolo volte

aqui. Agora, se precisa de alguma ajuda adicional para partir, terei muito prazer em ajudá-lo da próxima vez. Para isso estou aqui. Portanto, só lhe direi até logo por enquanto. Está certo, meu amigo?

George. (Grunhe.)

Dra. Fiore. Adeus. Deslize agora para trás e deixe Paolo voltar.

Paolo agradeceu-se das mudanças positivas que observara no correr da semana anterior. Contando nos dedos, enumerou as melhorias:

"A vontade de comer diminuiu. A vontade de beber não existe mais. Tenho uma porção de sentimentos mais positivos em relação a Kathy. Estou até gostando de voltar para casa à noite. E estou mais eficiente em todas as áreas."

Achava que agora tinha um domínio maior sobre si mesmo, o que atribuía ao seu conhecimento do que estava acontecendo. No seu entender, a idéia da possessão explicava muita coisa antes inexplicável. Com uma expressão de perplexidade, ajuntou:

"Não sei se ainda há alguém comigo, ou não. Minha mente se apaga. Concentro-me em alguma coisa, depois faço outra coisa diferente, como olhar para lá", disse, apontando para a direita, "e não consigo lembrar-me do que estava fazendo!"

Lembrou-se de que, na noite da última sexta-feira, depois de encerrar o trabalho, determinara voltar para casa. Mas sentiu, então, a mais estranha vontade de parar e tomar um trago. Confirmando a decisão de não dar a George o que este queria, disse em voz alta:

"Não, você não vai beber! Não lhe darei nada!"

E se afastou, para fazer uma necessidade.

Depois que terminou — ao encaminhar-se para o carro notou que os faróis estavam acesos. Lembrava-se perfeitamente de havê-los apagado após estacionar o automóvel. Explicou que, por serem perigosas as estradas de duas pistas, tinha o hábito de dirigir com os faróis acesos, e sempre os apagava automaticamente — já era um hábito antigo.

"Acho que alguém imaginou que, se a bateria do carro pifasse, eu não poderia voltar para casa. . . Deve ter sido George. Ele detesta Kathy!"

No sábado, tentou a auto-hipnose. Conversou com George, que quase partiu — mas alguém entrou na sala e interrompeu a despossessão.

A essa altura, sugeri que usássemos a hipnose.

Ele recostou-se na poltrona, reclinando-a ao máximo. Cobri-o com o cobertor. Cerrando os olhos e respondendo às minhas sugestões hipnóticas, passou rapidamente para o torpor sonolento característico do estado de transe. Dirigi, então, minha atenção para George.

Dra. Fiore. Como vai, George?

George. Vou bem.

Dra. Fiore. Ótimo! Como se sentiu a respeito de vir hoje aqui para me ver?

George. Eu não queria vir.

Dra. Fiore. Paolo me contou que você quase partiu no outro dia, mas alguém o interrompeu.

George. É verdade. Eu tinha uma porção de gente boa me puxando.

Dra. Fiore. Por que essa gente toda o puxava?

George. Porque eu não queria partir.

Dra. Fiore. Você está meio nervoso por causa da partida?

George. Não muito.

Dra. Fiore. O que o está perturbando?

George. Faz tanto tempo que estou aqui! Estou tão cansado! Estou cansado mesmo!

Falei-lhe a respeito da bela vida que ele teria, e de como poderia descansar em companhia dos seus entes queridos.

George. Uma porção de gente está-me estendendo as mãos.

Dra. Fiore. Pegue a mão de alguém.

George. Quero pegar, mas não posso. *Não posso!* (Desesperado.)

Acalmei-o e tentei ajudá-lo a reconhecer rostos familiares entre os que se encontravam lá. Ele estava agitado demais.

Dra. Fiore. Relaxe. Quer que eu o hipnotize?

George. Já estou hipnotizado.

Dra. Fiore. Vou hipnotizá-lo um pouco mais. Preste atenção à minha voz.

Sugeri que ele relaxasse progressivamente o "seu" corpo. Ele se aquietou e pareceu mais calmo. Em seguida, expliquei-lhe que o partir era a coisa mais fácil que poderia fazer. Contei-lhe que uma pessoa adorável o enlaçava com os braços. Talvez fosse a mãe, uma irmã, uma namorada. Ela o segurava e ficaria com ele, para ajudá-lo, pois sentira muita falta dele.

(Pausa longa.) "Ele foi embora!" exclamou Paolo de repente.

"Como é que você se sente?"

"Perturbado!" Chorou, e as lágrimas lhe rolaram pelo rosto e pelo pescoço. "Sinto-me livre!" Desferindo um suspiro profundo, ajuntou: "Oh, Deus!. . . aquela voz que eu ouvia sempre se foi!" Soluços fortes sacudiram-lhe o corpanzil. "Oh, Deus! Perdi tanto tempo. Uma parte tão grande da minha vida! Tenho tanta coisa para fazer!"

Senti que Paolo se acabava de curar da aflição que o atormentara naqueles trinta e cinco anos. Ao mesmo tempo que eu compartia com ele desses pensamentos, Paolo me pareceu comovido e radiante.

Quando ele deixou o consultório, senti-me alegre, certa de que ele se curara — e George também — num nível espiritual profundo. O tempo o diria.

"Eu não podia acreditar! O sexo com Kathy foi melhor do que tem sido em vinte anos! Vou muito para casa. E sinto-me também totalmente avesso a beber. Mas o melhor de

tudo é que a nossa vida sexual é maravilhosa. Aquele George realmente me prejudicou! Sinto-me tão bem agora que ele se foi!"

Paolo voltou ao consultório duas semanas mais tarde, para a quarta sessão de terapia. E continuou:

"Faz pouco menos de um mês que vim aqui pela primeira vez. Estou abismado com a mudança que se operou!"

"Um espírito pode afetar todas as áreas da sua vida, Paolo. Ele era muito dominador — e, simplesmente, tomou conta de tudo. Lembre-se, porém, de que você também tinha poder. Se não o tivesse, nunca teria casado com Kathy. Ele não o teria permitido. Não admira que você tenha tido problemas durante toda a vida de casado. Tenho absoluta certeza de que foi ele quem o obrigou a partir daquelas vezes. Apesar disso, você ainda era responsável. Poderia tê-lo detido, se realmente o quisesse. O problema foi que você não percebeu que tinha uma entidade consigo. Pensou que fosse você. Mas tudo isso agora são águas passadas."

Ele franziu o cenho e inclinou-se para a frente da poltrona, firmando os cotovelos nas coxas e levando as mãos à testa. Era evidente que alguma coisa o perturbava.

"Nada mudou em minha atitude para com o sucesso. Eu esperava uma mudança. Não posso ter êxito pensando do jeito que penso. Vejo-me simplesmente como um perdedor."

"Roma não se fez num dia", ponderei. Assinalando que existe uma causa para todo problema, sugeri que a sua luta com a possessão talvez não tivesse terminado. E argumentei:

"É muito pouco provável que você tivesse apenas um espírito, com toda a bebida que ingeria. Em cada bebedeira, você abria a sua aura, e outros espíritos poderiam ter facilmente subido a bordo. Além disso, pode ser também que alguma existência passada o esteja afetando."

"É verdade. Quando você falou em espíritos, lembrei-me do que me aconteceu ontem. Estamos de mudança e, enquanto eu carregava meus trens na garagem, comecei a ficar irresistivelmente deprimido. Senti-o aproximar-se de mim.

Quando saí da casa, estava um pouquinho melhor. Mas tive a impressão de ser perseguido o dia inteiro."

Suspeitando que nada de verdadeiramente novo acontecera, perguntei:

"Você já passou por isso antes?"

"Já. Mas quando George se achava comigo, parecia-me estar vagabundeando muito, especialmente em casa. Só ontem me dei conta da diferença. É estranho, porque eu me sentia ótimo — até entrar na garagem."

Pedi-lhe que se explicasse melhor.

"Nada dá certo. Nada *nunca* dará certo. É tudo um bando de negativos. Depois que saí, comecei a perguntar a mim mesmo se alguém não dera cabo da própria vida naquela garagem. Só isso explicaria o quanto eu me sentia deprimido."

Acredito que nós experimentamos a vida em dois níveis — ou mais — simultaneamente: no nível consciente e no subconsciente — a mente interior. A mente subconsciente dele teria dado tento de desencarnados e saberia de muita coisa a respeito deles. E teria registrado todo e qualquer impacto que houvessem produzido sobre ele.

Sugeri que verificássemos se ele acolhera uma ou mais entidades apegadas à terra. Ele concordou. Quando dei início à indução hipnótica, as pálpebras começaram a tremer-lhe, sinal de que já estava entrando em transe.

Depois que o transe se aprofundou, pedi-lhe que voltasse por meio da memória, ao dia anterior — quando ele estava na garagem.

Paolo. Uma porção de luzes à minha volta — figuras em movimento. Todas me empurram para baixo. . . como um cobertor pesado. *Realmente pesadol* Preciso sair daqui!

Dra. Fiore. Alguém vem com você?

Paolo. Alguém está dependurado na minha periferia.

Dra. Fiore. Não está dentro?

Paolo. Não.

Dirigi-me à entidade presa à sua aura, e perguntei-lhe se algum ente querido não se achava presente. O espírito respondeu que sua esposa chegara. Levei a efeito a desposseção, e ele, aparentemente, foi com ela para a Luz.

Paolo observou:

"Senti alguns arrepios. Quando ele partiu, era como se um cobertorzinho estivesse sendo levantado aos poucos." E rematou, com um grande suspiro: "Quanta leveza!"

Apenas para certificar-me, perguntei quem mais estava lá. A resposta foi:

"Barry."

Ele saiu com a mãe. Paolo descreveu a cena:

"Como se alguém o estivesse puxando. .. ele se foi!"

Agora chegara o momento de atacar o problema que mais o preocupava: sua falta de sucesso nos negócios. Como ele experimentara o mesmo medo de fracasso desde a partida de George, não podíamos incriminá-lo.

Pedi à mente interior de Paolo que o conduzisse ao acontecimento responsável pelo conflito.

Paolo. Continuo desejando pensar nos anos vinte. Um grande homem de negócios — realmente poderoso. Manipulou muitas pessoas — fez uma série de coisas ilegais. (Longa pausa.) Eu tinha uma bela esposa, mas andava ainda metido com mulheres. Ela me deixou. Comecei a ir por água abaixo. Tudo o que eu tinha ia por água abaixo. Eu não tinha nada. Tornei-me um pinguço a mais na zona dos marginais. . . sentado na rua com nada. Deus, como eu odiava isso! *Era horrível!* Sentado ali na minha própria vergonha. (Pausa.) Ainda me sinto assim. Não sou nada. Não tenho nada. Nunca irei a parte alguma. Eu o mereço. (Pausa longa.) Vejo-me ali. . . e é medonho.

Dra. Fiore. Você está fora do corpo quando se observa?

Paolo. Estou. Sinto pena daquele sujeito sentado ali. Eu quisera poder deixá-lo. Ir-me embora para outro lugar. . . mas não quero morrer. Não me ocorreu matar-me. (Longa pausa.) Estou começando a sentir-me melhor. . . erguen-

do-me em pé. . . realmente feliz. Agora estou dançando. . . nesta festa. (Pausa.) É brilhante. Sou o único ali!

Eu desejava explorar a mudança operada na pessoa de um homem de negócios muito bem-sucedido que se transformara num ébrio vagabundo atirado na zona dos marginais, por isso fi-lo regredir desde a óbvia experiência pós-morte de estar na Luz ao tempo em que era um triunfador.

À proporção que ele progredia através desse período, tudo fazia crer que se tornara possesso enquanto bebía e andava com prostitutas. Como ele mesmo disse:

"Isso me pegou desprevenido. Depois, tudo o que eu queria era deixar de trabalhar e divertir-me."

A partir desse ponto veio o inevitável deslizamento la-deira abaixo.

Saindo da hipnose, Paolo começou a rir alto — ao mesmo tempo que as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. A princípio era difícil dizer se ele chorava ou ria. Talvez estivesse fazendo um pouco das duas coisas a um tempo!

"Sinto-me *maravilhoso!* Um grande peso foi-me tirado das costas! Já me sinto diferente. Essa deve ter sido a minha última existência. Sempre me senti atraído pelos anos vinte. . . as roupas, as músicas, o estilo de vida. Não é para admirar!"

Dir-se-ia que ele tivesse alcançado as suas metas terapêuticas com essa sessão. Eu disse-lhe:

"A prova do pudim está no comê-lo."

Por mais relevantes que fossem as desposseções ou regressões, somente a sua vida fora do local de trabalho mostraria o que havia sido realizado.

A experiência me ensinou que quando as pessoas são liberadas dos problemas principais, a vida se lhes torna tão premente - e tão interessante — que elas se negam a perder tempo com um retorno. A maioria dos meus pacientes não se considera empenhada numa terapia permanente. Eles querem tão-só a resolução dos sintomas. Até quando concordam em

comunicar-me como responderam ao tratamento, raramente o fazem. Entretanto, estou convencida de que, na ocasião, tencionam fazê-lo. Algumas vezes, anos depois, encontro-os em algum lugar, ou um novo paciente, que me mandaram, me conta que os problemas deles foram eliminados — completamente! Essas notícias são sempre reconfortantes e, muitas vezes, me surpreendo pensando naqueles a cujo respeito não tive informações.

Quando estávamos concluindo a sessão, pedi-lhe que me telefonasse para informar-me sobre como estava passando — se não sentisse necessidade de retornar.

Daí que Paolo, naturalmente, promettesse voltar para outra consulta, ou fazer-me saber como o nosso trabalho o afetara.

Seis semanas depois, telefonei para Paolo a fim de saber como estava passando.

O relatório foi excelente. Ele sentia-se enérgico e otimista; a vontade de beber desaparecera; voltava sempre para casa e suas relações conjugais, segundo estimativa sua, tinham melhorado setenta e cinco por cento desde a nossa primeira sessão; perdera oito libras — sem fazer regime. Tudo estava sob controle! Ou, melhor dizendo, ele assumira as rédeas da própria vida!

Quando lhe perguntei sobre o problema dos negócios, sua voz mudou, refletindo-lhe a decepção:

"Ainda é um problema — mas está melhor. Não sei o que posso fazer."

"Quando você quiser trabalhar nisso, Paolo, telefone-me. Tenho agora a impressão de que precisamos dar uma espiada em mais algumas existências passadas para ver por que você está bloqueando o seu sucesso."

Ele concordou em telefonar depois que tivesse voltado de uma viagem de negócios — quando surgisse algum tempo livre em sua agenda.

Eu sabia que ele pediria ajuda quando estivesse pronto para enfrentar-se — através de regressões a vidas anteriores.

ENTRADA DO ESPÍRITO

Vocês aprenderam muita coisa a respeito de possessão com a leitura dos últimos cinco capítulos, através da vida de pessoas anteriormente possesas. Muitas perguntas foram respondidas para vocês mas, provavelmente, muitas outras lhes acudiram à mente, a mais importante das quais é, sem dúvida, a seguinte: "Que posso fazer a esse respeito?" Em primeiro lugar, vocês precisam compreender o que gera a vulnerabilidade que prepara a cena para a possessão.

Parecemos estar protegidos contra a possessão pela força das nossas auras. Quando elas vibram em altas frequências, não podem ser penetradas por espíritos que vibram em frequências mais baixas. Explico esse processo aos meus pacientes da seguinte maneira:

"Suponham que a sua aura está vibrando a mil — número totalmente arbitrário — e, então, somente sistemas de energia de mil, ou maiores, podem penetrá-la. Se as suas vibrações caírem para quinhentos, os espíritos que vibrarem entre quinhentos e 999, que não poderiam ter tido acesso antes, entram com facilidade. Quaisquer situações, emoções ou comportamentos que abaxem as vibrações da sua aura aumentam a probabilidade da possessão."

A aura está para a dimensão emocional, mental e espiritual de uma pessoa como o sistema de imunização está para o corpo físico. E assim como o sistema de imunização enfra-

quecido deixa o indivíduo suscetível a doenças e infecções, assim uma aura enfraquecida gera vulnerabilidade à invasão de espíritos.

Descobri duas categorias principais de condições ou comportamentos que resultam em possessão: aquelas em que as pessoas efetivamente convidam os espíritos a entrar e aquelas em que elas não só não têm consciência da possessão mas também não querem de maneira alguma — num nível consciente — que ela aconteça.

Possessão Não Desejada

Acredito que somos espíritos que habitam veículos físicos — nossos corpos — que largamos ao morrer, de maneira muito semelhante àquela com que jogamos fora velhos e puídos sobretudos. A consciência do corpo vem do ser interior — o eu, ligado ao corpo por um "cordão de prata". O corpo torna-se inconsciente quando o espírito se afasta temporariamente. Julgo interessante a nossa língua reconhecer essa idéia. Por exemplo, dizemos que ele "passou" ou "foi posto fora de combate". Um acidente, uma dose excessiva de droga, um golpe ná cabeça, toda situação que provoca inconsciência — mesmo que seja breve — "abre a porta" a uma possível possessão, porque a aura é extremamente vulnerável nessa ocasião e quando a consciência está sendo recuperada.

Uma das razões da eficácia da anestesia, a meu ver, é que ela força a pessoa a sair do corpo, de modo que este, inconsciente, pode ser operado sem dor.

As regressões hipnóticas revelam que, durante as operações, os pacientes ficam geralmente acima dos seus corpos, observando a cirurgia — às vezes com um interesse desapassionado. Não raro, crianças, que são emocional e mentalmente as mesmas fora e dentro do corpo, sentem-se aterrorizadas e desamparadas, como vimos no caso de Howard, relatado no capítulo 1.

Quando o efeito da anestesia se dissipa, o corpo se torna habitável de novo, e os espíritos originais — os pacientes — voltam a ele.

Médicos, enfermeiras, pessoal de hospital, paramédicos, quiropráticos, agentes funerários e pessoas que trabalham em cemitérios são todos alvos da possessão, em virtude da natureza e do local do seu trabalho.

Se tivéssemos a visão dos clarividentes, provavelmente ficaríamos chocados com o número de espíritos que povoam os hospitais. As pessoas morrem, amiúde drogadas ou em estado de confusão e medo, e podem permanecer ali, apegadas à terra. A maioria — sem compreender que está morta — fica esperando que as enfermeiras e os médicos continuem a tratar dela — a ponto, às vezes, de possuí-los. Um deles entrou em meu paciente, enquanto este, um enfermeiro, fazia respiração boca-a-boca, e o corpo do espírito morreu de uma dose excessiva de drogas. Outros espíritos estão tão desesperados para "viver", que abrem caminho, pela intimidação, para quaisquer vítimas que se ajustem ao seus propósitos.

John era uma dessas entidades. Falou comigo através do meu paciente hipnotizado, alcoólatra, Glen. Contou que havia morrido de um infarto fulminante, durante um teste rotineiro de estresse, num hospital local. Lívido em razão do que lhe acontecera, só pensava numa coisa - voltar para o corpo. Precisava também, desesperadamente, de um trago! Nisso, avistou Glen, internado no centro cardíaco para observação durante a noite, após experimentar sintomas de infarto, mais tarde diagnosticados como de intensa indigestão. Compreendendo que não lhe era possível reclamar o próprio corpo, John, deliberadamente, insinuou-se no corpo de Glen e, poucos dias depois, estava bebendo outra vez. A partir daí, passou sistematicamente a beber vodca, de que antes não gostava, embebedando-se com frequência. No capítulo 6, vimos que essa entidade quase o matou.

Os espíritos que vagueiam pelos hospitais, agarram-se com facilidade a pessoas cujas auras estão abertas. Uma en-

fermidade grave debilita a aura, de modo que a maioria dos pacientes hospitalizados é vulnerável. É o caso de crianças pequenas que podem ser prontamente dominadas por entidades adultas. Muitas vezes, porém, vistos como pessoas confortadores, os possesores são bem recebidos. Depois de possuídas, as auras das vítimas se enfraquecem ainda mais, porque se fundem com as dos possesores, que, via de regra, são negativas, por efeito dos seus temores e da sua confusão. Com a proteção diminuída, eles tornam-se agora presa fácil para outros que também desejam corpos físicos. Quanto maior o número de espíritos que sobem "a bordo", tanto mais baixas serão as vibrações da aura do posseso.

Os comportamentos que mais colocam as pessoas em risco são o abuso das drogas e do álcool. Até uma experimentação inocente com drogas "recreativas" resultou em anos de possessão. Todas as centenas de pacientes de que tratei, que haviam abusado das drogas e do álcool, estavam possuídas! Em todos os casos havia muitas entidades, na maior parte toxicômanos também, que prosseguiram em seus hábitos através das vítimas, enfraquecendo-as e ensinando-lhes assim nova possessão. Uma paciente alcoólatra, de que tratei, ainda tinha dezoito espíritos alcoólicos consigo, em que pese ao fato de haver-se mantido abstinência nos quatro anos anteriores!

Emoções negativas excessivas, como a cólera, a depressão e o desgosto, abaixam a frequência da aura e lhe diminuem temporariamente a proteção. A fadiga, sobretudo a exaustão, e, a doença também reduzem a capacidade protetora da aura. Se houver espíritos nas proximidades, à espera de corpos em que possam entrar, eles se esgueiram para dentro dela.

A morte de entes queridos ou amigos íntimos gera vulnerabilidade por causa da comoção física e emocional dos sobreviventes. Por cúmulo do azar, que lhes hipertrofia os problemas, eles costumam ficar expostos aos três lugares em que existe a maior concentração e o maior número de espíritos: os hospitais (incluindo clínicas de repouso e hospitais

de convalescentes), casas funerárias e cemitérios. As pessoas, muitas vezes, se põem a beber depois dos serviços fúnebres. Aos espíritos que tiverem seguido os convivas e os membros da família às suas casas, oferece-se, então, a possibilidade de possuí-los com muita facilidade.

Elos de amor e de afeição criam, por vezes, atrações praticamente obrigatórias quando sobrevém a morte de um ente querido. Os falecidos, não raro, impedidos de prosseguir, são puxados magneticamente para as auras dos sobreviventes.

Lembro-me de um caso que se inclui perfeitamente nessa categoria. Grace sofreu muitíssimo com a morte do namorado; segundanista de uma universidade, quando o rapaz foi morto num desastre de automóvel, passou a escrever poemas e poemas dedicados a ele e mantinha conversações "imaginárias" com o namorado. Depois disso, principiou a ter problemas, que, anos mais tarde, em meu consultório, descobriu terem sido provocados pela penetração dele na sua aura naquela ocasião.

Muitos pacientes descobriram que os pais permaneceram com eles, e assim têm permanecido, desde a sua morte. Paradoxalmente, são os que se mostram, reiteradas vezes, os mais difíceis de se persuadirem a partir. Na sua opinião, conheciam o que era melhor para os filhos e não queriam ouvir o que eu, uma estranha, pudesse dizer sobre isso!

Na vasta maioria dos casos, as vítimas eram avessas a ser possuídas e não se davam conta da possessão. Algumas pessoas, todavia, pediam deliberadamente para serem possuídas — sem ter a menor idéia das conseqüências!

Possessão Desejada

Escritoras populares, entre as quais se incluem Shirley MacLaine, Jane Roberts e Ruth Montgomery, têm aberto a mente de milhões de pessoas para os reinos do sobrenatural. Sou de parecer que elas contribuíram sobremodo para o pro-

gresso espiritual de muita gente espalhada pelo mundo, que agora aguarda, ansiosa, as próprias experiências psíquicas. Uma das mais fascinantes é conhecer os mistérios da vida no outro mundo e dos seus habitantes, o que leva um sem-número de pessoas a tentar receber mensagens dos espíritos.

Em consequência desse interesse sempre crescente, o *Ouija board* permaneceu popular por décadas a fio. O jogo compreende um tabuleiro pintado com o alfabeto, números, um "sim" e um "não"; e uma *planchette*, ou seja, um objetozinho triangular com pernas curtas e um ponteiro. Diversas pessoas sentam-se em torno do tabuleiro, colocando os dedos, de leve, sobre a *planchette*, fazendo perguntas aos espíritos, a que estes respondem *tomando conta* das suas mãos. Isso obriga a *planchette* a girar pelo tabuleiro, formulando respostas com a ajuda das letras, dos números, do "sim" e do "não". A brincadeira pode ser interessante, excitante, divertida — e devastadora!

A escrita automática é outra maneira que têm as pessoas de convidar os espíritos a se incorporarem temporariamente nelas. Segundo a prática usual, elas seguram canetas ou lápis sobre folhas de papel e esperam que as entidades façam uso de seus braços e mãos para escrever mensagens. Isso pode ser perigoso, porque atraí espíritos que não respeitam as propriedades de outras pessoas — o seu próprio corpo!

Uma paciente falou-me a respeito de uma experiência que tivera muitos anos antes. Ela estava aprendendo a escrever automaticamente com uma médium e recebia comunicações interessantes em diferentes escritas. Uma noite, acordando, deparou-se-lhe a própria mão "escrevendo" no ar. Não conseguia dominá-la, a despeito de toda a sua força e vontade. Após dez minutos de terror, aquilo cessou de repente. Ela desistiu do treinamento e nunca mais passou por nenhuma experiência semelhante. E teve sorte. A sua professora continuou a receber mensagens em línguas estrangeiras, que não conhecia, assim como partituras musicais. Sua escrita acelerou-se — mas suas defesas desmoronaram e ela foi hospitalizada!

Sua experiência foi semelhante à de uma ex-futura paciente, que nunca vi. Minha secretária recebeu um chamado urgente de uma mulher que insistia freneticamente em ver-me naquele mesmo dia. Ela tinha medo de enlouquecer: estava exausta e tomada de pânico ante a insistência dos espíritos em obrigá-la a redigir mensagens noite e dia. Recomendei-lhe que procurasse um centro de saúde mental, pois eu estava com a agenda completa. Muitas vezes me surpreendi a pensar no que lhe teria acontecido, e espero francamente que ela tenha encontrado a ajuda de que precisava.

O abrir-se uma pessoa aos espíritos não conduz necessariamente à possessão mas, se não conduzir, será uma bênção — pois as barreiras terão sido abaixadas — deliberadamente!

As pessoas lamentam:

"Eu desejava que entrassem somente espíritos evoluídos — espíritos bons." "Eu não esperava isto!"

Com uma carta branca, qualquer tipo de espírito pode entrar e ficar.

O Exorcista, filme a respeito de uma menina possessa do demônio, baseou-se no caso verdadeiro de um menino cuja possessão diabólica resultou da brincadeira com um *Ouija board*. No filme, um padre católico, exorcista experimentado, foi morto durante o exorcismo. Muitos exorcistas acabaram perdendo a vida em exorcismos ou em decorrência deles! "

Agora que vocês estão inteirados das últimas conseqüências — a possessão demoníaca — mostrar-lhes-ei resultados menos catastróficos. No caso de Tina, felizmente, embora apegadas à terra, as entidades quase provocaram uma insanidade mental permanente.

Tina veio ver-me porque sua mãe "a enviara". A princípio, na única sessão que tivemos, ela deixou claro que, no seu entender, não precisava da minha ajuda. Como ela mesma declarou: "Não ouço mais nenhuma voz."

Uma moça baixa, gorda, extremamente sensível, de vinte e poucos anos, apareceu-me vestida inteiramente de preto — com meias pretas e tudo o mais. Narrou-me a sua histó-

ria, começando com um colapso nervoso ocorrido dois anos antes. A súbitas, depois de um período de intensa utilização de um *Ouija board*, de cartas do Tarô e de escrita automática, principiou a ouvir vozes. Elas se identificaram dizendo-se pertencentes às mesmas três entidades que costumavam transmitir-lhe mensagens através do tabuleiro e da escrita.

"Eram realmente simpáticas, polidas e amistosas. Falavam pelos cotovelos — o dia inteiro."

Tina explicou que as interrogava a respeito da escola e das amigas, e elas lhe davam respostas e conselhos. Quando lhe perguntei se lhe tinham sido úteis, ela tergiversou e prosseguiu:

"Eram minhas amigas. Até me diziam 'Boa noite' e paravam de falar para eu poder dormir."

Ela estendeu-se sobre a amizade que as ligava e, logo, franzindo o cenho, acrescentou:

"Depois ficaram más e me disseram coisas más, chamando-me de 'Negra' e dizendo-me 'Você é uma assassina!'" Notando que as vozes eram diferentes, conjecturou que as amigas originais haviam partido.

As vozes se tornaram tão persistentes que ela já nem podia entabular conversação com outras pessoas. Finalmente, exausta e confusa, tivera de sair do colégio. Ordenou à nova "ninhada" que partisse — mas isso levou os espíritos a azucriná-la ainda mais. Agora, exibia um sem-número de sintomas físicos, o pior dos quais eram intensos acessos de vômito, que duravam vinte dias. Os pais, preocupados, levaram-na a um psiquiatra, que diagnosticou esquizofrenia e encetou a terapia e a medicação, conseguindo que ela passasse os dias numa unidade especial num centro de saúde mental, e voltasse para casa à noite. Volvido um ano — quando ainda estava sendo medicada — foi-lhe facultado regressar ao colégio numa base muito limitada, para seguir apenas um curso, como, por exemplo, o de canto.

Concluindo sua história, acrescentou que não compreendia por que os pais haviam levado embora o seu *Ouija board*. Mesmo depois de lhe haver eu explicado o que achava que

lhe tinha acontecido — possessão — ela declarou, calma e firmemente, que não tinha a menor intenção de abrir mão da escrita automática, porque ainda "estava se divertindo" com os três espíritos originais — suas amigas, que tinham regressado.

Como ia regularmente ao consultório do psiquiatra, ela não quis continuar o nosso tratamento. Acredito, porém, que a razão verdadeira era saber que, na minha opinião, as suas "amigas" estariam melhor se fossem todas para o mundo espiritual, ao qual pertenciam.

Outra prática que abre deliberadamente a porta é "sentar-se" numa sessão espírita. Aqui, a idéia consiste num grupo de pessoas estabelecer contato com espíritos. Muitas vezes, essas pessoas não têm a menor idéia do modo com que as entidades se manifestarão. Eu soube de adolescentes que - experimentando, meio a sério, meio por brincadeira — ficaram terrivelmente assustados quando alguma coisa aconteceu. Mais uma vez, como no caso do *Ouija board* ou da escrita automática, o chamado chega diretamente aos espíritos. Se existem pessoas psíquicas particularmente sensíveis ou algumas com auras enfraquecidas, podem ser incorporadas — e nem sempre temporariamente.

Vimos certo número de modos — o *Ouija board*, a escrita automática e as sessões espíritas — com que as pessoas permitiram deliberadamente o ingresso dos espíritos. E vimos anteriormente que algumas foram possuídas mau grado seu. Existem duas amplas categorias, cujos limites, muitas vezes, são imprecisos. Na "fronteira" entre as duas existe uma área em que as pessoas se dirigem aos espíritos pedindo ajuda ou pedindo para superar a solidão ou a perda. Abrem-se, desejosas de contato, de maneira não planejada. E, às vezes, recebem muito mais do que pretendiam.

Um exemplo divertido me vem à mente. No princípio do seu tratamento, Marilyn liberou umas poucas entidades: a mãe dominadora e outros parentes. Numa sessão ulterior, confessou, tímida, que estivera lutando com uma decisão

importante e convocara espíritos para ajudá-la, mesmo estando ciente dos perigos possíveis. Riu-se e disse:

"Todos entraram na discussão com suas opiniões — eu tinha um comitê — e todos discordaram uns dos outros!"

Descobrimos que alguns tinham ficado com ela, como a própria Marilyn desconfiara.

Um fenômeno não geralmente compreendido é o companheiro de folguedos invisível ou imaginário. Sob o efeito da hipnose, meus pacientes têm percebido com clareza que eram realmente espíritos. Laços estreitos de amizade e uma dependência mútua num ponto redundaram numa fusão dos dois, o espírito e a criança. A partir de então, passaram a coabitar o corpo, e o possesso, conscientemente, não deu tentos da possessão.

Acredito que a maioria dos meus pacientes possessos de muitos espíritos e que freqüentemente acolhiam novos entre uma e outra sessão de terapia, era constituída de médiuns "não controlados" ou de "sensitivos". Isso acontecia sobretudo quando eles *não* haviam abusado de drogas nem do álcool. As menores coisas lhes enfraqueciam a aura: comer uma refeição com MSG ou tomar um comprimido de analgésico. Até passar de automóvel por um cemitério ou ir visitar um amigo num hospital resultava em nova possessão.

Sou de opinião que uma das razões por que algumas pessoas são mais mediúnicas do que outras é porque têm a capacidade — que a maioria não tem — de extrair informações da própria mente subconsciente. De mais disso, acredito que temos todos uma percepção subconsciente da mente subconsciente uns dos outros, mas o que extraímos dela geralmente não "se infiltra" em nossa mente consciente, onde poderíamos usar os dados. Às vezes, quando isso chega até lá, temos um "palpite", uma premonição ou uma intuição a respeito de alguma coisa.

Os médiuns têm uma relação especial com sua mente interior. Infelizmente, porém, essa sensibilidade é uma espada de dois gumes, pois transparece do meu tratamento deles que são particularmente vulneráveis à possessão. Tudo faz

crer que alguns têm barreiras — defesas — fragilizadas entre a mente consciente e a subconsciente. Isso permite à negatividade (temores, lembranças traumáticas, etc.) do subconsciente sobrenadar, resultando em instabilidade emocional, a qual, evidentemente, diminui a freqüência da aura e, associada ao desejo deles de ajudar as pessoas, e até os espíritos, acarreta a possessão, que costuma começar na infância, como é especialmente o caso de clarividentes que vêem espíritos quando crianças.

Alguns pacientes meus — interessados em metafísica — levaram adiante inflexivelmente seu desenvolvimento como médiuns e sensitivos, a despeito dos meus conselhos, e foram acolhendo constantemente novos espíritos. Nós os libertamos, e tentei reduzir-lhes a negatividade interior o máximo possível a fim de reforçar a integridade da sua aura. Foi como tentar tapar buracos num açude.

De minhas conversas com médiuns *treinados* no Brasil e na Inglaterra, fiquei sabendo que eles também tiveram essas experiências, para o seu próprio mal-estar e o de suas famílias, até conseguirem controlar a mediunidade, o que, às vezes, envolvia intenso treinamento e ajuda de outros médiuns durante alguns anos. Em seguida, faziam uso da sua sensibilidade de forma razoada e benéfica — para servir outras pessoas. Neste país, infelizmente, temos poucos centros, se é que temos algum, em que as pessoas podem receber esse tipo de treinamento. Vejo meu papel terapêutico em relação a tais pessoas como uma interrupção da mediunidade — a não ser em casos raros — e uma ajuda à pessoa para tornar-se mais firme, centrada, equilibrada.

Já comparei a aura ao sistema de imunização — ambos nos protegem. Já lhes mostrei como as pessoas reduzem as vibrações de sua aura de bom e de mau grado, sendo a possessão o resultado final. Agora desejo partilhar com vocês de um achado enigmático, que suscita muito mais perguntas do que responde a elas.

Muitos dentre os meus pacientes rastrearam a origem das suas possessões até o nascimento, a infância ou a idade

adulta, quando eram felizes e estavam bem. Eles apenas "acolham" espíritos. Não faziam coisa alguma para gerar vulnerabilidade. Eu não conseguia encontrar nenhuma razão para isso — e, todavia, eles estavam possessos.

Conservando a analogia do sistema de imunização, é possível que algumas pessoas tenham uma susceptibilidade inerente, comparável a uma fraqueza genética do corpo físico.

A explicação talvez resida nas existências passadas. Pode ser que a possessão fosse o seu carma. Pode ser que se formassem elos entre possessos e possesores no correr de existências anteriores. Em muitos casos complicados de possessão, sobretudo quando a possessão não se rendia à minha estratégia, descobri conexões e motivações para a possessão em existências passadas. No caso de Anne, vocês viram o forte laço entre ela e o possessor, resultado de um caso de amor numa existência passada.

Agora que vocês viram o modo com que os espíritos obtêm acesso à aura e ao corpo das pessoas, examinemos um aspecto mais positivo — o modo com que se pode fazer alguma coisa no que tange à possessão, detectando-a. Feito ou suspeitado o diagnóstico, podem tomar-se providências para eliminar essa condição. Os dois capítulos seguintes mostrarão técnicas para alcançar essas metas.

DETECTANDO A POSSESSÃO DO ESPÍRITO

Agora que vocês viram, através dos estudos de casos, como cinco pessoas experimentaram suas possessões, podem ter notado certos sintomas, que muitos tinham em comum, bem como outros, que eram únicos em cada caso. No capítulo 6 também mostrei as várias maneiras com que a possessão afeta as pessoas.

A fim de ajudá-los a averiguar se vocês, ou pessoas com as quais se preocupam, estão possessos, descreverei os sinais e sintomas que são os indicadores mais claros. Não se esqueçam de que, em regra geral, o importante é o efeito total, e não apenas um ou dois sintomas.

1. Uma característica que toda pessoa possesa exhibe é uma diminuição persistente do nível de energia. Um tempo particularmente bom para verificar a sua energia é de manhã. Permaneça calmamente na cama — antes de levantar-se — e sintonize o corpo. Verifique se está preparado para o dia e se tem energia suficiente para enfrentar as suas necessidades. *Use o bom senso!* O cansaço pode ter muitas causas: sono de má qualidade ou insuficiente, as atividades na véspera, alergias, crises por que você pode estar passando, e estresse. Não havendo diferenças no mais, se não houver razões lógicas para a fadiga, considere-a um sinal positivo de possessão *possível*.

2. A característica mais reveladora da possessão é a mudança de personalidade — às vezes, rápidas oscilações do estado

de espírito. Você, por exemplo, de vez em quando, usa uma linguagem ou age de uma forma que destoam do seu caráter? E pensa: "Este não sou eu"? Isso pode acontecer especialmente se você tiver bebido demais ou tiver estado sob a influência de drogas. As pessoas nunca lhe disseram que você, às vezes, parece "outra pessoa"?

Você notou, por acaso, uma mudança repentina em si mesmo? Se isso aconteceu após a morte de entes amados ou de amigos íntimos, eles talvez se tenham juntado a você. Repare numa coisa: você está exibindo alguns dos hábitos, interesses, idiossincrasias ou traços de personalidade deles? Você os avocou ou atribuiu-os a eles? A mudança, porventura, parece ter ocorrido depois de uma intervenção cirúrgica, durante uma hospitalização ou depois dela?

3. Muitos de nós falamos sozinhos — verbal ou mentalmente. Isso pode ser confortante e até divertido. Tais "conversações" podem ter-se tornado tão habituais que você nem sequer se dá conta delas.

Quando os diálogos se travam entre você e uma entidade, podem revelar muita coisa a respeito da personalidade do seu possessor e o "relacionamento" entre vocês: quem está com medo ou está zangado, e quem é que manda.

Quando você sintoniza os pensamentos da entidade e os aceita por seus, é difícil distinguir a qual dos dois pertencem.

Muitos dos meus pacientes compreenderam mais tarde que, quando supunham estar falando consigo mesmos, estavam, na realidade, falando com os seus espíritos possesores, *que conheciam subconscientemente!*

Entre as observações típicas figuravam algumas como estas: "Você não tem nada a temer." "Acalme-se!" "Pare com isso!" "Você não deveria pensar dessa maneira; tem uma contribuição muito grande para dar!" Eles falavam, muitas vezes, "consigo mesmos" como falariam com crianças, ou com outras pessoas de personalidade diferente.

As coisas ficam mais fáceis quando o espírito "se dirige" a você ou "fala" com você na segunda pessoa do singu-

lar. Por exemplo: "Queres tomar sorvete" ou "Não acreditas em espíritos", etc. É muito mais fácil — nesse caso — perceber que não se trata de você.

De vez em quando, os possesores lhe darão instruções, ordens, ou até ralarão com você. Dependendo da personalidade dos espíritos, o tratamento que lhe dispensarão poderá ser protetor, crítico ou humilhante. "Você não precisa trabalhar tanto." "Não deixe que ele se aproveite de você." "Sua cadela; ninguém jamais será capaz de amá-la!" "Seu palerma gordo!"

Na maioria dos casos, esses diálogos ou reparos são pensamentos. Em casos extremos, os pacientes revelaram ter realmente ouvido vozes dentro da cabeça — e, não raro, vozes de pessoas conhecidas.

4. Como você tem visto em todo o correr de *Possessão Espiritual*, o abuso de substância é amiúde um grande elemento na possessão. Se você abusar das drogas e/ou do álcool, pode ter certeza de que está possesso. Se decidir abandonar as drogas, o álcool ou o fumo, e depois mudar de idéia, ou ouvir discussões a propósito dos diálogos interiores, acima descritos, é provável que tenha um ou mais espíritos com interesses adquiridos em que você continue a praticar esses hábitos.

5. Você é impulsivo e faz coisas sem pensar? Talvez seja critério*so no tocante ao orçamento e, nada obstante, se entrega a verdadeiras orgias de compras extravagantes. Pode ser que outros, e não você, se estejam entregando dessa maneira. Os espíritos têm idéias próprias e, na verdade, não são eles que pagam as conseqüências — nem as contas!

6. Se houver duas ou mais pessoas habitando o seu corpo, você poderá esquecer coisas e ter brechas na consciência. Isso pode ser extremamente sério; horas, e até dias, parecem faltar em sua memória! Não lhe sucede entrar numa sala e depois não se lembrar do motivo por que entrou? Se tiver uma porção de coisas na cabeça, isso talvez explique esse tipo de comportamento, mas não o esquecimento de horas ou dias inteiros, nem de atividades recentes. Se des-

cobrir que isto está acontecendo, considere-o um sinal positivo.

7. Problemas de concentração estão intimamente relacionados com a perda da memória. É difícil para você persistir em atividades mentais? É impossível focalizar a atenção no que está lendo, ou conversando? Sente-se, às vezes, como se estivesse no meio de um nevoeiro? É possível que uma entidade drogada ou um espírito idoso estejam com você.

8. Você experimenta ansiedade ou depressão sem que haja para isso uma razão discernível? Isso lhe "cai do céu", ou já está em segundo plano há muito tempo? Como já tive ocasião de explicar no capítulo 6, é assim que se sentem alguns espíritos, que se estão manifestando por seu intermédio.

9. Espíritos acolhidos num hospital podem ter morrido doentes, drogados ou sofrendo, ou seus corpos podem ter sido levados para lá depois da morte causada por desastres ou por um ataque do coração.

Você conheceu, alguma vez, momentos difíceis num período de recuperação? Nunca sentiu dores nem sintomas novos, desde a sua hospitalização, que parecem não ter relação alguma com seu estado? Mais uma vez, apele para o seu discernimento e não chegue a conclusões precipitadas!

10. Suas reações à leitura deste livro podem ser extremamente diagnosticas. Se você o achar difícil de ler, se não puder terminar a leitura de casos ou seções à conta da ansiedade ou de qualquer outra resposta emocional, é provável que esteja ecoando reações de espíritos possessores.

Enquanto estiverem frescas em sua mente, tome nota das suas respostas e do que as disparou num caderninho de apontamentos. Você terá de ser o seu próprio detetive; por isso fique atento às pistas! Registre todo e qualquer comportamento que lhe parecer suspeito. Torne a ler *Possessão Espiritual* com o caderno de notas ao alcance

da mão e observe suas reações. Sintonzize as respostas do seu corpo: as batidas do coração, a transpiração, os problemas da respiração, os tremores, os formigamentos. São todos sinais de ansiedade. Existem, acaso, sentimentos de medo ou de pânico? Seja muito consciente de si mesmo.

Agora que você tomou conhecimento dos dez sinais mais comuns de possessão, chegou o momento de avaliar-se ou de avaliar alguém que o preocupa.

Seja tão objetivo quanto possível. Isso ajuda. Existem pessoas em sua vida com as quais você se sente à vontade compartilhando das suas preocupações? Nesse caso, peça-lhes que o ajudem no exame da lista que se segue e discutam qualquer evidência adicional que possam ter notado.

Lista para Conferência

Os itens que se seguem foram extraídos do material acima no intuito de criar uma lista de conferência para avaliar a possibilidade de possessão em você mesmo ou em outros. Uma vez que a maioria dos itens pode ser o resultado de outras condições, não presume que você tem "visitantes" só por causa de um ou dois itens. O importante é o quadro global. A vantagem da lista consiste em ajudá-lo a tornar-se mais discernente, e essa discriminação muito bem sintonizada pode acarretar uma consciência da possessão. Depois que você conhecer a causa do seu estado, ou desconfiar dele, pode começar a fazer alguma coisa para ajudar-se e para ajudar o seu possessor.

Valores das Notas do Questionário:

Nenhum problema, não observado — **0**

Às vezes, nenhum problema sério — **1**

Agora sempre, na maior parte das vezes, ou sim — **2**

Lista com peso das notas para Conferência

1. Nível baixo de energia
2. Mudanças de gênio ou vaivém de estados de espírito
3. Voz(es) que falam com você
4. Abuso de drogas, incluindo o álcool
5. Comportamento impulsivo
6. Problemas de memória
7. Concentração fraca
8. Início repentino de ansiedade ou depressão
9. Início repentino de problemas físicos sem causa manifesta
10. Reações emocionais e/ou físicas à leitura de *Influências negativas*

Uma nota global de 10, ou mais, sugere possessão. (Uma nota 2 nos itens de número 2, 3, 4 ou 10 sugere-a vigorosamente!) Se você obtiver uma nota inferior a 10, utilize o seu discernimento; isso não significa que você não é possesso. O simples fato de "ouvir" vozes interiores poderá indicar que você traz espíritos consigo.

A possessão não é uma "sentença de morte" nem uma doença terminal. É uma condição que usualmente pode ser remediada. Se você mesmo for incapaz de resolver o problema, ainda assim estará em muito melhores condições do que estava, porque agora compreende os seus sintomas — e pode conseguir ajuda. As técnicas de autodesposseção e de desposseção de outra pessoa serão descritas no capítulo 14, onde incluí uma cópia do verdadeiro processo de desposseção genérica que uso com meus pacientes a fim de torná-la mais fácil para você, e lhe darei conselhos adicionais no capítulo seguinte.

COMO FAZER UMA DESPOSSESSÃO

Você pode livrar-se ou livrar outra pessoa de espíritos possesores utilizando para isso a técnica descrita neste capítulo. Muitos pacientes o fizeram por conta própria entre uma e outra sessão de terapia.

Nenhum dano resultará de uma desposseção. Na melhor das hipóteses, as entidades partirão, e na pior, ficarão perturbadas por algum tempo e não sairão. A desposseção não atrai nenhum novo espírito desencarnado que esteja à procura de "residência"; na realidade, o efeito que produz é o oposto — ela os repele.

É essencial ter consciência de certos pontos-chave quando você estiver fazendo uma desposseção para si mesmo ou para outrem. Os espíritos possesores são almas perdidas, em sentido literal e figurado. Não se esqueça de que estão sofrendo, mesmo que sustentem o contrário. Para mim, são os verdadeiros pacientes, e não as pessoas que os abrigam. Em lugar de pensar nesse processo como "livrar-se de" ou "chutar para longe" as entidades, pense nisso como um método de ajudá-las da melhor maneira possível. Elas vão de situações totalmente sem esperança a situações em que podem finalmente quedar-se em paz, deixando para trás todas as preocupações e medos terrenos. O principal esforço deve ser calculado para convencê-las dessa verdade. Feito isso, ajudá-las a partir passa a ser um processo simples.

Explico aos meus pacientes que, se eu deles removesse à força os espíritos possesores sem a garantia de que eles

estavam sendo conduzidos a reinos superiores, estaria criando um problema horrendo para essas entidades e, muito provavelmente, para outras pessoas vivas a quem elas, depois, viriam a agarrar-se. É pouco provável que os novos possesores procurassem ajuda qualificada e, por conseguinte, poderiam ver-se sobrecarregados com suas possessões para o resto da vida.

A atitude mais importante que se deve assumir numa despossessão é a preocupação pelos possesores, o que é extremamente difícil quando, há uma grande taxa a ser paga. Em casos de suicídio iminente, é especialmente tentador esquecer de quem são as necessidades que vêm primeiro. A ajuda de um profissional de saúde mental é *obrigatória* nesses casos, como também nos casos que envolvem violência física. Se o terapeuta não estiver disposto a tratar o caso como o de uma possessão, seu trabalho com os espíritos continuará simultaneamente com a ajuda profissional que você estiver recebendo. Está visto que a situação ideal seria aquela em que o terapeuta o ajudasse a lidar com as entidades e, nesse caso, você agiria com prudência deixando a despossessão inteiramente nas suas mãos capazes.

Habitualmente, você não terá consciência da identidade dos espíritos possesores. Sem embargo disso, às vezes é muito fácil descobrir quem está com você, sobretudo se se tratar de entes queridos, pais, avós, esposos, filhos ou amigos íntimos.

Com os entes amados, é indispensável que você assuma o *firme* compromisso prévio de deixá-los partir emocionalmente. Às vezes, o fator que permitiu a ocorrência da possessão, em primeiro lugar, foi a sua própria dependência emocional deles, que pode ter continuado após a morte.

Algumas pessoas suplicaram, na realidade, aos entes amados que ficassem com elas, depois de mortos. Pacientes me contaram, orgulhosos, que tiveram consigo pais ou cônjuges durante anos a fio. Descreveram as muitas maneiras pelas quais os possesores os ajudaram e se constituíram numa fonte constante de conforto e apoio. Entretanto, por

serem os entes amados espíritos apegados à terra, estavam ambos cometendo um erro tremendo.

Uma que outra vez, a possessão proporciona benefícios de escassa importância, capacidades especiais dos espíritos, companheirismo, etc, mas essa *nunca* é a solução saudável e atalha o crescimento espiritual dos dois participantes. E não deve continuar depois que a pessoa possesora se der plena conta da situação, *por mais íntimos que sejam os laços que a unem ao possessor!*

Instruções para a Desposseção

A maneira mais eficaz de levar a efeito uma desposseção é gravá-la, utilizando a transcrição que se segue ou elaborando uma transcrição própria, baseada nos princípios que desenvolverei dentro em pouco.

Tocando a fita uma ou mais vezes por dia, se for necessário, você estará doutrinando os espíritos possesores repetidamente, e chamando-lhes a atenção para os entes amados, que terão ficado com eles desde a primeira desposseção em que foram invocados. Às vezes, as entidades levam de fato algum tempo para ouvir o que está sendo dito — que enfrentem suas condições e opções.

O fato de tocar a fita também dá a você ou à pessoa que você está ajudando a oportunidade de reparar nas pistas que possam confirmar o diagnóstico da possessão, pois, às vezes, os espíritos "se escondem". Todas as reações, que não sejam as de um interesse neutro, sugerem a presença de espíritos possesores. As reações que se devem observar com cuidado são pensamentos que vêm à mente, como: "Não quero ouvir mais nada", "Não quero ouvir a gravação", ou outra ainda mais reveladora: "*Você não quer ouvi-la!*"

As respostas emocionais que se podem notar durante a desposseção, como ansiedade, medo, alívio, alegria e raiva, são as da entidade que está reagindo.

O espírito disfarça as sensações físicas com muita dificuldade: as náuseas, os tremores e as dores são pistas excelentes.

A manutenção de um diário em que se registram datas e impressões pode dar-lhe uma idéia do momento em que o espírito parte. Se você, por exemplo, se sentir nauseado quatro vezes, uma atrás da outra, e depois deixar de experimentar náuseas, isso pode ser uma indicação de que o espírito se foi.

Outra maneira excelente de realizar uma desposseção consiste em fazer alguém — esposa, pai ou amigo — ler a transcrição para você. Ou, se você estiver fazendo a desposseção em outra pessoa, leia-a para ela. Se o preferir, poderá descrevê-la com suas próprias palavras. Isso é particularmente apropriado se você souber quem são os possesores, especialmente se forem membros da família.

Arranje um grupo de pessoas e reúna-as com a finalidade de dar assistência a você ou à pessoa que você supõe estar possessa. Uma delas age como desposseadora, ao passo que as outras mandam energia para o corpo do possesso, virando a palma das mãos para o corpo dele e colocando as mãos muito perto do corpo, mas sem tocá-lo. Rezem juntos primeiro e peçam ajuda para convencer a entidade a partir. Cada membro do grupo deve cercar-se de Luz Branca. (Visualize uma luz branca brilhante ao seu redor.)

Se você estiver realizando uma desposseção para outra pessoa, faça-a relaxar, feche os olhos dela e imagine-se rodeado de Luz Branca (veja o capítulo 15). Em seguida, peça ajuda espiritual e/ou diga uma oração. Fale diretamente com a entidade, expondo as mesmas particularidades descritas abaixo. Se você sabe quem é o espírito, dirija-se a ele chamando-o pelo nome. A não ser assim, fale com ele em termos gerais ou leia a transcrição que se segue.

Se você acredita que o espírito seja alguém que só entende outra língua, fale com ele nessa língua.

Quando se conhecem as pessoas e as circunstâncias de sua morte é muito mais fácil ajudá-las. Você pode conven-

cê-las mais prontamente das suas condições explicando-lhes como morreram. Ato contínuo, se forem entes queridos, apele para o amor que lhe votam a fim de persuadi-los a partir, explicando-lhes que a presença deles o prejudica sobremodo. Tranqüilize-os, mostrando-lhes que as pessoas, quando se amam, nunca se separam, nem mesmo pela morte, e que você será "apenas um pensamento distante" depois que eles partirem. Deixe claro que poderão voltar do mundo dos espíritos para visitá-lo. Depois que estiverem convencidos de que lhe estão causando dano e que vocês não ficarão separados para sempre, esses espíritos possesores costumam partir imediatamente.

Se for preciso, a fim de convencer os possesores de que *não* são os possesores, valha-se de um espelho e faça-os olharem para ele e verem o rosto do posseso. E frise o quanto é diferente essa imagem da imagem deles.

A fim de ajudar as entidades a superarem o mais comum dos medos — o medo do inferno — diga-lhes que um especialista em educação religiosa, procedente do mundo dos espíritos, está aqui para ajudá-los: padre, freira, ministro, rabino, etc.

Se você ainda desconfiar de que o espírito era doente e/ou velho, dê-lhe a entender que, no mundo espiritual, poderá dormir entre lençóis confortáveis e acordar num hospital ou num lugar em que enfermeiros e médicos bondosos tomarão conta dele.

Se se suspeitar que os espíritos são alcoólatras, viciados em drogas ou fumantes inveterados, diga-lhes que poderão ter todo o álcool, drogas, cigarros de que precisam no mundo espiritual. Chame-lhes a atenção para o fato de que os entes queridos chegam a acenar para eles com essas substâncias. Das regressões que tenho feito deduzo que, no mundo dos espíritos, essas drogas são dadas às entidades e depois retiradas, aos poucos, pelos curadores e médicos espirituais, num ritmo próprio.

Em problemas de vício, é indispensável que o posseso se abstenha de qualquer substância para a qual a entidade

mostre propensão. O processo pode revelar-se muito trabalhoso durante alguns dias. Isso ajudará a mostrar ao espírito que ele tem maiores probabilidades de conseguir o que deseja no mundo espiritual. Uma entidade, que possuía um paciente durante quarenta anos, partiu por acreditar no paciente quando este afirmou que nunca mais tocaria numa só gota de álcool pelo resto da vida.

Um medo freqüente das entidades possessoras é o de deixarem de existir se abandonarem os seus possesores. Força é convencê-los de que isso não é verdade. Mostre-lhes que os seus entes amados falecidos estão muito vivos. Faça-os pegarem nas mãos desses entes para sentir o quanto são reais. Use o seu engenho. Mas convença-os de que suas vidas continuarão!

Você poderá convocar todos os espíritos de que precisar para lhe darem uma ajuda adicional. Por exemplo, um adolescente rebelde poderá partir se o espírito de uma garota bonita vier buscá-lo. Se aparecer um espírito de que a entidade possadora não se agrada, chame outro. Um espírito do sexo masculino detestava a esposa. Quando a viu, recusou-se a partir com ela. Limitei-me a chamar-lhe a atenção para outra entidade, que se achava presente, e ele partiu prontamente. Você pode convocar espíritos de médicos ou de enfermeiras para aplicar injeções de sedativos ou tranqüilizantes. Pode pedir a São Miguel, a São Gabriel ou a Jesus que venham socorrê-lo.

Instruções Gerais

1. Faça a despossessão numa ocasião em que você não seja interrompido. Destine meia hora ao processo, se bem que, na maioria dos casos, não seja necessário esse tempo todo. Procure estar tão bem descansado e calmo quanto possível. Não ingira drogas, álcool inclusive, antes da despossessão.

2. Comece relaxando por uns poucos minutos numa poltrona ou diva confortável. Cerre os olhos e faça três ou

quatro respirações lentas e profundas, inspirando e expirando comodamente pelo nariz. Recite suas orações favoritas — o Pai-nosso é particularmente útil. Se tem fé em figuras religiosas, como Jesus Cristo, Buda, anjos, etc, invoque-as para ajudá-lo no processo. Se tiver pendores metafísicos, chame curadores espirituais para ajudá-lo. Tudo isso pode ser feito mental ou verbalmente. Entretanto, você descobrirá que será mais fácil falar em voz alta.

3. A fim de proteger-se contra quaisquer forças ou entidades negativas possíveis, é importante formar uma barreira espiritual defensiva. Empregue a técnica da Luz Branca (veja capítulo 15). Faça-o imaginando ter um sol em miniatura no plexo solar (uma área circular um pouco acima e um pouco abaixo do umbigo). Imagine esse sol irradiando uma Luz Branca brilhante, que o circunscreve com uma aura ofuscante, numa extensão de cerca de um braço de comprimento para fora partindo de todas as partes do corpo, incluindo a cabeça e os pés. Deixe que se imprima em sua mente a idéia de que essa aura o protege totalmente de toda negatividade ou dano.

4. Dirija-se ao espírito possessor, mentalmente ou em voz alta, da maneira que lhe for mais confortável, com bondade e afeto. Se o conhecer, chame-o pelo nome e explique-lhe que você não se dera conta de que ele estava com você.

Incute nele a idéia de que ele é um espírito, que mora em seu corpo desde que o corpo dele morreu, e recorde-lhe as circunstâncias da sua morte. Diga-lhe que somos todos espíritos e nunca morremos — que apenas morre o corpo físico. Explique-lhe que, depois da morte física, ele se viu fora do corpo, completamente consciente, ocasião em que deveria ter ido diretamente para o mundo espiritual, onde os seus entes queridos estavam à sua espera. Em vez disso, ele se juntou a você. Declare que, sem o perceber, ele o tem prejudicado, drenando a sua energia e confundindo-o, visto que você não pode distinguir os próprios pensamentos e emoções dos dele.

Nesse ponto, dirija-lhe a atenção para os seus entes queridos espirituais, que vieram buscá-lo e levá-lo para casa, a

fim de viver com eles. Se você desconfiar de que certa pessoa (a mãe, a esposa, etc.) está lá, diga-lhe que a procure. Ensine-o a pegar na mão da "acompanhante" e insista com ele para ir com ela. Explique-lhe que terá uma vida maravilhosa pela frente, que estará num corpo perfeito, e que é importante, para você e para ele, que vá *agora*. Diga-lhe que o inferno não existe, e que há mestres do mundo espiritual encarregados de aconselhá-lo a respeito disso.

Abençoe-o quando ele partir, despachando-o com o seu amor. Faça amiúde o sinal da cruz, dizendo: "Vá agora em nome do Pai, do Filho, Jesus Cristo, e do Espírito Santo, vá em paz, em luz e amor com as minhas bênçãos." Você talvez queira empunhar uma cruz na mão direita, ou simplesmente erguer a mão direita no ar, movê-la para baixo, depois para a esquerda e cruzar a linha vertical imaginária para a direita. Os não-cristãos podem dizer a oração ou fazer a afirmação que considerarem apropriada para o caso.

5. Continue a relaxar. Agradeça aos seus auxiliares espirituais e passe alguns minutos em perfeita calma.

Sumário dos Pontos Gerais que Devem Ser Deixados Claros

1. Você não é (nome do possesso).
2. O seu corpo está morto.
3. Você se juntou a (nome do possesso).
4. Você está-se prejudicando e prejudicando (nome do possesso).
5. Os seus entes queridos estão aqui.
6. Você estará num corpo perfeito.
7. O inferno não existe.
8. Você terá uma vida pacífica e maravilhosa.
9. Vá em paz com as minhas bênçãos.

Transcrição

Segue-se a transcrição literal de uma desposseção típica que uso no consultório. Às vezes, insiro nela algumas variações, dependendo do que sei a respeito da entidade. Descreverei essas mudanças mais adiante, neste mesmo capítulo. À guisa de ilustração, usei um nome arbitrário, Mary. Basta que você o substitua pelo nome do possesso, ou pelo seu.

Leia devagar, fazendo pausas frequentes.

Técnica de Desposseção

Você está aqui com Mary, mas não é Mary. Você é alguém completamente diferente. Tem um nome diferente, personalidade diferente, necessidades, idéias e atitudes diferentes. E houve um tempo em que você vivia no seu próprio corpo, muito antes de se juntar a Mary. (Pausa.) Procure lembrar-se desse tempo. Pense num acontecimento agradável que tenha ocorrido enquanto você se encontrava em seu *próprio* corpo. (Pausa longa.)

Nisso, alguma coisa aconteceu àquele corpo e ele morreu. (Pausa.) Quando o seu corpo morreu, você se surpreendeu vivo, exatamente como estivera momentos antes, mas fora do corpo morto. Nesse momento, deveria ter ido diretamente para o mundo espiritual. Lá estavam auxiliares, entes queridos vindos do mundo dos espíritos para acompanhá-lo à sua nova vida.

Em vez disso, porém, você deixou-se ficar no mundo físico sem o seu corpo físico. (Pausa.) Você talvez estivesse confuso e não compreendesse que o seu corpo morreria e, portanto, não entendia o que lhe estava acontecendo. (Pausa.) Foi aí que você cometeu um erro *muito sério*, porque, naquele momento, se tornou uma alma perdida. (Longa pausa.)

Você não se lembra de haver tentado falar com as pessoas sem que elas lhe respondessem? Ou, se as tocasse, não

pareciam dar-se conta do toque? E pareciam olhar diretamente através de você, como se não soubessem sequer que você estava lá? Você talvez se tenha sentido muito confuso — trans-tornado e solitário — e frustrado, talvez até zangado com elas.

A razão por que elas não lhe respondiam era porque você, agora, é um espírito invisível. Não estava num corpo e, desse modo, elas não podiam vê-lo. Não sabiam que você estava lá. Não é que não fizessem caso de você, mas simplesmente não compreendiam que você estava lá. (Pausa longa.)

E depois, a certa altura, você se juntou a Mary, e foi aí que cometeu o seu pior erro. Porque, veja bem, até aquele ponto você estivera apenas ferindo-se a si mesmo, prejudicando-se a si mesmo, pelo simples fato de estar se privando da vida maravilhosa que poderia ter tido no mundo espiritual, em companhia dos seus entes queridos e vendo satisfeitas todas as suas necessidades. Mas, quando se juntou a Mary, começou a prejudicá-la. O menos que você lhe tem feito é usar-lhe a energia, fazendo-a cansar-se. E também pode confundi-la, porque ela não consegue distinguir os seus pensamentos, desejos e necessidades dos dela.

Ora, não lhe agradaria que alguém fizesse o mesmo com você. Você talvez não tivesse compreendido que estava fazendo mal a Mary.

Afortunadamente, podemos resolver o seu problema desde já, porque existem pessoas que o amam muito, muito, e vieram do mundo dos espíritos para ajudá-lo. (Pausa.) São pessoas que, ao morrerem, você supôs nunca mais poder rever, e aqui estão elas com um aspecto absolutamente maravilhoso. . . melhor até do que o da última vez que você as viu. . .com grandes sorrisos no rosto.

Elas estão felicíssimas por vê-lo, porque têm estado realmente preocupadas com você. Têm andado à sua procura, ansiosas por encontrá-lo, saudosas de você e, agora que o encontraram, loucas de alegria por vê-lo. (Pausa.) E estão lhe estendendo os braços. (Pausa.) E agora se aproximam e lhe dão um quente e caloroso abraço. Seguram-no. Repare no quanto é maravilhosa esta sensação. (Pausa comprida.)

Agora lhe seguram a mão. (Pausa.) Repare no quanto são reais e sólidas as mãos delas. Se as apertar um pouquinho, sentirá os ossos debaixo da pele. Porque elas estão em seu corpo espiritual, tão real e tão sólido quanto o físico. (Longa pausa.)

Daqui a alguns momentos você estará deixando Mary e, quando o fizer, ver-se-á em seu próprio corpo espiritual. (Pausa.) Este é o seu corpo verdadeiro, que você usará enquanto precisar usá-lo. (Pausa.) E é um corpo perfeito em todos os sentidos. Um corpo jovem e atraente — um corpo que nunca envelhecerá, nunca se enrugará, nunca ficará doente nem sofrerá nenhum dano. Se você for homem, ver-se-á num corpo de homem, robusto e saudável. Se for mulher, ver-se-á num lindo, saudável e jovem corpo feminino. (Longa pausa.)

Agora, se você estiver com medo de ir para o inferno, quero que saiba que aqui está alguém, procedente do mundo espiritual — um professor de educação religiosa — que lhe explicará que não há nada para temer, porque o inferno não existe. Se você tiver sido educado como católico, esse espírito-professor será uma freira ou um padre. Se for protestante, será um ministro da sua própria denominação. Se for judeu, o mestre será um rabino. Seja quem for a pessoa de que você precisa, ela estará aqui para explicar-lhe que você não tem absolutamente nada a temer! (Pausa longa.)

E eis que chegou o momento de você ir para a sua maravilhosa vida nova. Segurando a mão do seu ente querido e, se quiser, de braço dado com o seu auxiliador, saiba que, daqui a pouquíssimos momentos, você estará na Luz que fulge lá em cima. (Pausa.) Talvez possa vê-la a distância, ou ela talvez se esteja aproximando de você. Está apenas a alguns segundos de distância. E você vai indo para ela, de mãos dadas com o seu ente querido. E no mesmo instante em que o fizer, estará em seu corpo novo e perfeito. Quando penetrar na Luz, você experimentará alguma coisa que transcende as palavras, bela, linda, indescritivelmente maravilhosa. Sentir-se-á inteiramente amado e aceito. (Pausa longa.) Você

tem uma bela existência à sua espera. Estará com uma porção de entes amados, familiares e amigos. Nunca mais ficará sozinho. O pior já passou. Você está bem agora — o melhor ainda está por vir.

(Pausa longa.) Chegou o momento de partir. Estou pedindo a Mary que lhe perdoe mentalmente todo e qualquer dano que você lhe tenha causado. (Pausa.) E agora vá com as nossas bênçãos e o nosso amor, em nome do Pai, do Filho, Jesus Cristo, e do Espírito Santo. Vão em paz, na luz e no amor. (Trace o sinal da cruz no ar.) Os não-cristãos poderão dizer a oração ou fazer a afirmação que se lhes afigurem mais apropriadas.

Durante o processo, você ou a pessoa que você está ajudando pode experimentar uma variedade de intensas emoções, incluindo dor, raiva ou medo mas, quando o espírito possessor finalmente partir, haverá quase sempre uma profunda sensação de bem-estar. Às vezes, o corpo tenso da pessoa se relaxa, com um suspiro de alívio e um largo sorriso de alegria. Quando isso acontecer, ou quando você sentir que isso está acontecendo, esteja razoavelmente seguro de que uma despossessão bem-sucedida se verificou.

Muitas pessoas disseram sentir que "alguma coisa estava sendo tirada" deles, geralmente passando pela cabeça, ondulando pelo corpo todo ou partindo do peito ou de outras áreas. Algumas conseguem "ver" efetivamente os espíritos partirem de mãos dadas com os espíritos de entes queridos, endereçando-se a uma Luz Branca brilhante. Às vezes não se registra uma sensação definida das entidades que partem, senão uma percepção de que o fizeram — e a pessoa se sente mais leve, aliviada ou mudada de forma positiva. A maioria afirma, pura e simplesmente, "saber" que está finalmente livre da possessão. Em outros casos, não existem indicações do momento em que o espírito partiu, mas a mudança que se verifica depois é notável.

Concluída a despossessão, é importante despedir os espíritos da sua mente o máximo possível nos dias que se se-

guirem. Se você continuar pensando neles, é possível que os atraia de volta, se eles não tiverem penetrado completamente a Luz. Todas as vezes que pensar neles, abençoe-os, e reforce para si mesmo a certeza de que eles se foram e depois, deliberadamente, pense em outra coisa. Isso é importante quando os espíritos forem pessoas que você amou profundamente em vida. Tenho visto casos, em especial quando envolvem membros falecidos da família, em que pessoas anteriormente possesas, inadvertidamente, atraíram os espíritos de volta.

As probabilidades de que a desposseção funcione depende de estar a entidade mais ou menos disposta a partir. Na maioria dos casos, ela será logo bem-sucedida, independentemente do tempo que durou a possessão.

Em inúmeros casos podem ser necessárias muitas desposseções repetidas para se conseguir que o espírito, querido ou estranho, parta.

Às vezes, a desposseção é parcialmente bem-sucedida — o espírito parte, mas não vai para o mundo espiritual nem para a Luz. Esgueira-se para fora do corpo e da aura e permanece com a pessoa anteriormente possesora ou perambula por ali — para voltar mais tarde. Nesse caso, faz-se mister outra desposseção, dando-se ênfase à ligação do espírito com os entes amados.

Nesses casos, é preciso mostrar aos espíritos que eles ainda estão no mundo físico, que não foram para onde deveriam ter ido, nem se fizeram acompanhar das entidades que deveriam ir com eles, e com isso ocasionaram o problema. Às vezes, a entidade volta terrivelmente assustada, depois de uma dessas incursões! Quando isso ocorre, descobri que eles são amiúde receptivos à idéia de partir nesse ponto.

Um caso particularmente fascinante ilustra esse fenômeno: trata-se, no meu modo de entender, de uma síndrome da "última oportunidade", e vocês verão por quê.

Roger me procurou movido por sentimentos extremos de inadequação, por uma incapacidade de fazer que a vida o ajudasse. Tinha um problema muito real e muito persis-

tente, uma compulsão para freqüentar diariamente prostitutas em salões locais de "massagens"!

Depois de uma sessão, isolamos a causa: um espírito chamado Bill, obcecado por sexo. Levou-se a efeito uma desposseção e ele partiu com a esposa, que veio procurá-lo procedente do mundo espiritual.

Roger parecia descoroçoado no encontro seguinte, que se verificou numa terça-feira de manhã.

"Tive cinco dias e meio de liberdade. Não senti o menor desejo de procurar uma prostituta. Não pude acreditar nisso! Saí da cidade para passar o fim de semana com minha namorada. O sexo foi ótimo — e normal, apenas duas vezes. Mas depois de deixá-la em casa, no domingo à noite, a coisa me atingiu como uma tonelada de tijolos! Fui diretamente para o salão de massagens mais próximo. Desde domingo, já tive catorze orgasmos, com prostitutas e masturbação. Está pior do que nunca! Ela [a desposseção] não deu certo."

Assegurei-lhe que a desposseção funcionara, porém não completamente, e que o "nosso amigo", Bill, deveria ter voltado. Sob a ação da hipnose, Bill confessou, envergonhado, que se afastara deliberadamente da esposa, porque achava que nunca mais teria relações sexuais. Contou, que ficara perambulando ao redor de San José, pensando no que haveria de fazer. Por fim, determinara-se de juntar-se de novo a Roger e fazer a última pândega, pois suspeitava que eu o convenceria a partir para sempre na próxima vez! E assim fez. (É por isso que lhe chamo síndrome da "última oportunidade". Tenho visto espíritos fumantes, bebedores e comedores compulsivos se excederem por saberem que logo partiriam.)

Bill não relutou em sair com a esposa quando ela lhe disse que queria fazer amor com ele, acrescentando: "A qualidade é mais importante que a quantidade."

Um trunfo que reservo para a última cartada é garantir que os espíritos possesores poderão voltar da Luz Branca se assim o desejarem. Reitero-lhes que precisam ir para

a Luz, o que pode ser considerado umas férias — com passagem utilizável de ida e volta. Convido-os a experimentá-lo por dez minutos, se quiserem, e voltar.

Enquanto faço isso, obtenho a permissão do paciente. Frequentemente é disso que eles — os possesores — precisam para superar o medo de partir. Não o emprego com frequência — mas sempre funciona! Quando eles voltam, convenço-os de que não ingressaram na Luz Branca — e que devem tentá-lo outra vez, pois agora sabem que podem voltar. A segunda tentativa é cem por cento eficaz.

Por vezes, um deles se esconde e deixa-se ficar. Trata-se, não raro, de um dos pais ou de um dos avós: um membro da família que acredita ser aquele um caso especial. Em tais ocasiões, dirijo-me diretamente a esses espíritos, convenço-os, e eles acabam partindo com os seus entes queridos espirituais.

Entidades particularmente obstinadas poderão exigir a ajuda de um profissional. É a situação em que um médium ou um ministro metafísico podem ser de grande ajuda. Ou, se o próprio ministro ou padre for inteligente e estiver disposto a assisti-lo, poderá prestar-lhe uma ajuda enorme, porque o espírito pode responder à sua autoridade de homem de Deus.

Durante todo o processo de desposseção é muito importante agir como se você levasse a coisa a sério — e mesmo que não acredite nisso, aja como se acreditasse. Mais tarde, quando tudo estiver terminado, você poderá ser tão cético ou analítico quanto quiser. Durante o processo, contudo, mesmo que não esteja inteiramente convencido de que você ou a pessoa que você está desposuindo traz uma entidade consigo, leve a cabo todo o processo com determinação. Não pode haver dano nisso e, independentemente da sua opinião, os espíritos possesores podem partir.

Nunca aceite para si as entidades possessoras de outra pessoa, no intuito de aliviá-la do seu fardo — como um auto-sacrifício, porque você estará efetivamente se sacrifican-

do e a possessão poderá durar toda a vida! Ajude sem se prejudicar. Se não puder ajudar, *consiga ajuda profissional* para a despossessão.

Lembre-se, por favor, de que eu mesma, depois de milhares de despossessões, ainda não estou cem por cento convencida da existência de espíritos. Mas a coisa *funciona!*

COMO SE PROTEGER DAS ENTIDADES

Tenho a certeza de que a questão de como nos protegermos contra a possessão ocorreu à mente de todos — talvez desde o princípio do livro.

Felizmente, há muita coisa que você pode fazer para impedir que os espíritos se incorporem. No capítulo 14, viu como resolver o problema depois de se dar conta dele. Pois agora lhe darei algumas indicações sobre o modo de evitar a possessão.

A possessão pode ser comparada a uma doença física, como a gripe. Sempre haverá pessoas que nunca a contrairão, a despeito do fato de todo o mundo que as rodeia estar caindo vítima dos seus ataques. Seus sistemas de imunização são tão fortes que não permitem ao vírus estabelecer uma cabeça de ponte.

No capítulo 12 aventei a hipótese de que a aura está para o corpo espiritual como o sistema de imunização está para o corpo físico. A *chave* da proteção contra a invasão do espírito é manter a aura "forte". Assim como existem vírus em toda parte, assim o nosso mundo parece povoado de seres desencarnados e, ao mesmo tempo, de seres humanos vivos. Pode-se impedir a entrada dos primeiros mantendo a frequência rápida das vibrações da aura.

Certas pessoas dotadas, clarividentes, são capazes de ver espíritos na aura, assim como de "ler" o estado de saúde, as emoções e muito mais a respeito da pessoa pela forma e

pela cor da sua aura. Alguns livros extrapolam as explicações habituais a respeito da significação das cores e revelam factas fascinantes da aura: por exemplo, o modo com que a raiva despede "setas" vermelho-escuro que penetram a aura de outra pessoa. Vários livros versam o assunto. Quanto melhor você compreender a aura, tanto melhor poderá proteger-se mantendo-a saudável.

Você pode fortalecer a sua aura empregando a técnica da Luz Branca. O ideal seria usá-la rotineiramente, duas vezes por dia, antes de saltar da cama, pela manhã e antes de adormecer, à noite. Quanto mais você a usar, tanto mais forte se tornará a sua aura; acredito que cada vez que você faz uso dela, a aura se fortalece um pouco mais.

A técnica da Luz Branca requer apenas uns poucos segundos para ser posta em ação. Pode ser aplicada em qualquer lugar, sem nenhuma preparação. A transcrição literal seguinte é exatamente o que ensino aos meus pacientes na primeira sessão.

Técnica da Luz Branca

Utilizando sua imaginação criativa, imagine que você tem um sol em miniatura, exatamente igual ao sol do nosso sistema solar, enterrado profundamente no plexo solar. Esse sol irradia através de cada átomo e de cada célula do seu ser. Enche-o de luz desde as pontas dos dedos até o coruto da cabeça e as plantas dos pés. Resplandece através e além de você a uma distância de um braço de comprimento em todas as direções - acima da cabeça, abaixo dos pés, para fora das ilharças, criando uma aura — uma Luz Branca brilhante, ofuscante, radiante, que o cerca e protege completamente contra qualquer negatividade ou dano.

Depois que você tiver se familiarizado com a técnica da Luz Branca, poderá usá-la com um simples pensamento — uma intenção — e instantaneamente será protegido. Pense

em acender uma luz pelo simples toque de um comutador; você pode ligar o sol interior e deixá-lo brilhar através de você como se fora uma lâmpada, com a mesma facilidade e a mesma rapidez. É importantíssimo ter a convicção total de que você está seguro no interior da sua aura de Luz Branca. Seus pensamentos, tanto os negativos como os positivos, são poderosos.

As vibrações da sua aura variam constantemente. Refletem o estado geral do seu ser — a sua saúde física, mental, emocional e espiritual. Você deve usar a técnica da Luz Branca sempre que for necessário. Se enfrentar uma situação ou uma pessoa que envolva negatividade, rodeie-se de Luz Branca. Por exemplo, se alguém está furioso com você, grita ou ralha com você, eis aí uma excelente ocasião para você cercar-se de uma proteção adicional. Além de criar uma barreira contra vibrações coléricas e negativas, você estará impedindo sua aura de reduzir a frequência das vibrações, o que o deixaria vulnerável à possessão.

O estar transtornado, deprimido, amedrontado, enciumado ou invejoso são venenos que alteram a cor da aura para cores escuras e desagradáveis — e a desaceleram. Quanto mais fortes forem as emoções negativas, tanto mais fraca será a sua proteção!

É imperativo que você se mantenha no estado de espírito mais positivo possível, com a vida equilibrada em relação ao trabalho, ao lazer e ao repouso. Os espíritos entram numa aura enfraquecida com a mesma facilidade com que uma pessoa atravessa uma porta aberta.

Uma maneira excelente de proteger-se consiste em evitar o uso de drogas e bebidas alcoólicas "sociais". A quantidade que debilita a aura varia de uma pessoa para outra e também depende do nível de energia da pessoa. Alguns dos meus pacientes diminuíram sua resistência ingerindo apenas dois copos de vinho. O simples fato de ficar uma pessoa drogada ou bêbada uma única vez pode resultar em possessão, que, não raro, dura a vida inteira!

Não presuma poder proteger-se com a Luz Branca enquanto ingere álcool ou drogas! Isso, de certo modo, pode

robustecer a sua aura, mas é claro que não a robustecerá o bastante para impedir a possessão; as vibrações da sua aura serão imediatamente reduzidas.

Como você deve ter visto em todo o correr deste livro, as possessões podem acontecer depois de uma intervenção cirúrgica ou durante o internamento num hospital. Para se proteger nessas ocasiões, você deverá assumir um duplo enfoque: primeiro, use a técnica da Luz Branca com frequência, a partir do momento em que ingressar no hospital e durante toda a sua estada. Use-a imediatamente antes de ser anestesiado e assim que recobrar a consciência.

Permaneça o mais relaxado e positivo que lhe for possível enquanto estiver no hospital. Em seguida, recuperadas as forças, faça uma autodesposseção, ou peça a outra pessoa que a faça por você, caso você tenha acolhido um ou mais espíritos. Isso ajudará essas entidades confusas a partirem antes de "se instalarem", e evitará também efeitos danosos à capacidade protetora da sua aura - evitando, assim, uma possessão adicional. Essa providência pode ser tomada no próprio hospital.

Nos enterros, e em todos os acontecimentos associados a eles, você precisa de uma proteção adicional à sua volta. Enquanto estiver presente ao sepultamento, ou enquanto tiver os olhos postos no corpo morto, instrua-o mentalmente a procurar os entes amados e a dirigir-se para a Luz. Sintonize a sala ou o local e, se sentir ou detectar outros espíritos, insista com eles para que demandem o mundo dos espíritos.

Às vezes vale a pena informar o falecido das circunstâncias da sua morte antes de continuar a doutriná-lo para procurar a Luz, ajudando-o, dessa maneira, a orientar-se na nova existência.

As orações são muito valiosas. Invocam fontes poderosas de ajuda — as mais elevadas. Podem até arrolar a assistência de curadores, de médicos e especialistas espirituais. Lembre-se do "Pede e receberás". O Pai-nosso é um meio potente de proteção. O salmo número 23 é também excelente para

a mesma finalidade. Diga as duas orações e estará não só elevando as vibrações da sua aura, mas também atraindo assistência. Se você não for cristão, diga qualquer oração ou afirmação com as quais se sentir à vontade.

Como você não está lidando com possessão demoníaca, o uso de um crucifixo, de água benta ou de relíquias religiosas não surtirá nenhum resultado positivo *per se*, se se tratar apenas de espíritos recalcitrantes, apegados à terra. Figure um estranho sentado em sua sala de estar. Se ele for tímido e não quiser partir, o simples erguer uma cruz diante dele ou o borrifá-lo com água benta não exercerá sobre ele o menor efeito. Você terá de *persuadi-lo* a partir. Como este livro não versa o tratamento dos espíritos demoníacos, não comentarei a utilidade das cruzes, da água benta, etc. em relação a esses "pesos pesados". Existem livros sobre o assunto.

Sumário dos Principais Meios de Proteção

1. Use a técnica da Luz Branca duas vezes por dia.
2. Mantenha uma atitude positiva.
3. Abstenha-se de drogas e de álcool.
4. Use a técnica da Luz Branca antes de uma cirurgia ou durante uma hospitalização.
5. Faça uma despossessão imediatamente após a cirurgia ou a hospitalização.
6. Ore e peça ajuda espiritual.

O capítulo seguinte trata de espíritos não-possessores — desencarnados — que ou residem na sua casa ou a visitam. Como eles podem representar uma ameaça de possessão, você precisa dar-lhes tento da presença, saber o que fazer para remediar a situação e proteger a sua casa.

COMO DETECTAR, LIBERTAR E PROTEGER SUA CASA DOS ESPÍRITOS

Fantasmas que vagueiam pelos corredores de castelos ou tornam conhecida a sua presença em residências têm sido o tópico de histórias que vêm fascinando as pessoas há séculos. As estantes de bibliotecas, repletas de livros a respeito dos espíritos, atestam o permanente apelo da esperança de que a personalidade sobreviva à morte.

Todos tivemos ou, pelo menos, ouvimos relatos de primeira mão de pessoas que avistaram espíritos, mantiveram conversações com eles ou viram coisas estranhas acontecerem em suas casas — coisas que "estouram de noite"!

Por que os espíritos permanecem numa casa ou num lugar? Por que vêm sem ser convidados? As suas razões são tão variadas quanto as das pessoas vivas por estarem lá.

Alguns ficam porque a casa foi o seu lar durante muitos anos e ali se sentem à vontade. Vagueiam pelos cômodos e se inclinam para as coisas, como estavam acostumados a fazê-lo, sem perceber que estão mortos.

Um paciente particularmente sensível disse haver comprado uma velha casa vitoriana em San Francisco com a reputação de ser assombrada. Ao que pudera discernir, havia ali seis espíritos, os antigos residentes, que ele gostava de ter por perto.

"Não fazem mal a ninguém - e estão-se divertindo."

Outros ficam porque a nova residência foi edificada na terra em que outrora viveram, numa casa ou numa tenda

ou onde foram sepultados. Erram por ali, qual vagabundos à procura de alojamentos gratuitos. Alguns, aterrados, alegam-se por ter um lugar onde possam esconder-se enquanto tentam compreender o que lhes sucedeu. Espíritos nômades, perambulam de um lugar a outro e, não raro, decidem ficar porque se agradaram dos residentes vivos!

Sem o perceber, as pessoas trazem espíritos consigo — e depois ficam todos ali à vontade!

Alguns sítios são povoados por bandos de desencarnados. Outros, atraídos para essas áreas, juntam-se aos que já estão lá. Dois pacientes, que viviam perto de desfiladeiros, referiram inúmeros acidentes, incêndios, desastres, visões de espíritos e mortes infelizes nesses lugares. Um paciente clarividente sintonizou um desfiladeiro e viu centenas de espíritos, a maioria dos quais se diria de criminosos, congregados numa ravina. Realizamos juntos uma desposseção "à revelia" e esclarecemos o assunto — foi, pelo menos, o que nos pareceu.

Os cemitérios estão cheios de entidades e as pessoas só deveriam entrar neles com a proteção da técnica da Luz Branca.

As crianças pequenas são muito mais capazes de ver espíritos do que os adultos, provavelmente porque não têm crenças que lhes entrem o caminho. Muitas vezes, os espíritos que elas vêem se transformam em companheiros invisíveis ou imaginários de folguedos, trazidos de volta do hospital ou recolhidos num lugar qualquer. Algumas vezes, tendo morrido na casa, ali permaneceram anos a fio. De onde em onde, os pais, para agradecer aos filhos, reservam lugares para eles à mesa e entabulam pretensas conversações com esses "convivazinhos", como o fariam com qualquer outra pessoa em suas casas. Muita gente, sob o efeito da hipnose, remonta às origens de suas possessões a interações com esses amigos espirituais.

Alguns sobreviventes conservam acintemente os falecidos perto deles com amor e afeto. Um paciente confesou-me:

"Nunca deixo minha mãe partir — ela está comigo todos os dias. Posso sentir-lhe a presença na sala de estar — e isso, para mim, é muito confortador."

Como Detectar Espíritos na Casa

Com o passar dos anos, encontrei diversos sinais prevalentes e reveladores da presença de espíritos em casa de meus pacientes.

COMPORTAMENTO ESTRANHO DE ANIMAIS

Os animaizinhos de estimação da família podem ser extremamente perceptivos e impressionáveis diante de entidades apegadas à terra. Encontram-se com os pêlos arrepiados e os olhos fitos em alguma coisa que não se vê. O cão rosna, arreganha os dentes, late ou sai correndo com o rabo entre as pernas. O gato bufa, eriça os pêlos e endurece a cauda. Quando há espíritos na casa, o animalzinho de estimação talvez se recuse a entrar num cômodo, ou se enfie furtivamente nos cantos, "por medida de segurança".

OBJETOS QUE SE MOVEM E OUTRAS OCORRÊNCIAS INUSITADAS

De ordinário, não é possível aos espíritos moverem objetos pesados mas, de vez em quando, eles são capazes de manipular objetos pequenos. Uma pessoa contou que encontrava, todas as manhãs, a mesma xícara de chá e a mesma colher ao lado da pia. Um espírito residente tomava, porventura, uma xícara de chá todas as noites? Não se assuste se você vir alguma coisa levitar ou mover-se. Pode ser uma entidade que esteja procurando chamar-lhe a atenção. Algumas, que buscam ajuda desesperadamente, precisam fazê-lo saber que estão ali.

Uma amiga contou-me ter ficado assustadíssima numa noite das bruxas. Tendo regressado tarde ao apartamento,

depois de haver presenciado uma reunião promovida, uma vez por ano, por mágicos de teatro, estava tirando a maquiagem, quando o seu batom deu de mover-se feito louco em cima do toucador. A princípio, imaginou que estivesse ocorrendo um terremoto, mas logo percebeu que nada mais estava tremendo. Sentiu, então, a presença de um hóspede que não fora convidado. Um telefonema dado ao amigo mágico resolveu o problema: ele lhe explicou que o espírito era inofensivo e precisava ser liberado. Depois de desligar o telefone, ela rezou pedindo auxílio e nunca mais foi perturbada.

Uma das minhas pacientes mais mediúnicas, amedrontada por espíritos conturbados, relatou-me uma experiência angustiante que tivera depois da nossa última sessão de terapia. Quando fazia uma segunda viagem do carro à cozinha, descarregando mercadorias que acabara de comprar, seus pés escorregaram sobre vidro estilhaçado. Abaixando os olhos, viu fragmentos de um lustre grande, que fora derubado do teto e se espatifara sobre a mesa, perto da primeira sacola de mercadorias, partindo-se numa centena de lascas. Pela escolha do momento do sucesso, pareceu-lhe evidente que a entidade desejava atrair-lhe a atenção, mas não pretendia machucá-la.

Descobrimos que esse espírito, de uma prostituta, estava furiosa por ter sido mortalmente apunhalada, num quarto de motel, ao exigir o pagamento antes de manter relações sexuais com o freguês. Conversações adicionais com ela, e um trábálinho de detetive da minha paciente, revelaram que a sua história corroborava uma recente matéria de primeira página dos jornais. A entidade fora uma das muitas prostitutas assassinadas por um ex-policial, que lhes escondia os corpos em tambores de óleo. Ela queria vingança! Finalmente, persuadimo-la a partir com os seus entes queridos.

Essa mesma paciente, em outras ocasiões, falou em plantinhas arrancadas da mesa de uma sala de estar, luzes acesas e televisores desligados.

Um caso interessante tinha por protagonista o espírito de um adolescente do sexo masculino, daninho, que, tendo

vivido com os filhos de uma família, acompanhara-os à casa de uns jovens amigos e, depois, decidira ficar lá. No dia seguinte, fora trabalhar com o pai dos moços e semeara a confusão no local de trabalho ligando interruptores e pondo vidas em perigo! Isso continuou por vários dias até que os patrões solicitaram ao empregado que deixasse o "acompanhante" em casa — ou em outro lugar qualquer! Felizmente, a entidade recebeu a mensagem!

É muito comum entidades mexerem com luzes, aparelhos de TV e de rádio a fim de chamar a atenção para si mesmas ou amedrontar os outros deliberadamente.

PANCADAS E BATIDAS

Os espíritos batem em paredes e outros objetos para informá-lo de que estão ali. Às vezes, escrevem recados, não raro os próprios nomes, empregando um código: uma batida quer dizer "A", duas, "B", três, "C" e assim por diante; uma pancada significa "sim", duas pancadas significam "não" e três "talvez" ou "pode ser". Trata-se, por via de regra, de pedidos de socorro, mas às vezes há casos em que não passam de brincadeiras ou até de tentativas maldosas de assustar os ocupantes da casa mutuamente partilhada.

ACONTECIMENTOS INSÓLITOS

Muitas coisas estranhas acontecem em decorrência da visita de espíritos. Livros, chaves e outros itens desaparecem, apenas para reaparecer mais tarde. O relato que se segue é um dos mais estranhos de que já tive conhecimento.

Uma das minhas pacientes contou-me um caso que, se ela nada soubesse a respeito de espíritos, tê-la-ia levado a duvidar da própria sanidade mental.

Enquanto assistia ao noticiário das onze horas, escutou violenta explosão em sua casa e sentiu algumas vibrações moderadas. Passou, rápida, de um cômodo a outro, procurando a causa do barulho. Como tudo estava como devia estar, ficou sumamente apreensiva. Nisso, ouviu o ruído de água "pingan-

do". Conjeturou que um cano de água havia rebentado, mas depois se lembrou de que a explosão não soara como se tivesse ocorrido atrás da parede. Foi examinar a pia da cozinha e o banheiro — e não encontrou coisa alguma fora do lugar. Depois, teve a idéia de verificar o banheiro dos hóspedes, raramente usado.

Para seu horror, viu a porta de vidro do chuveiro estilhaçar-se! E continuou a estilhaçar-se — por quarenta minutos! O som que imaginara ser o som da água pingando era o da porta do chuveiro estalando ao partir-se. Compreendendo que nada de "normal" poderia causar aquilo, pensou imediatamente em espíritos, e acalmou-se — toda a ansiedade a deixou instantaneamente. Cercou-se de Luz Branca e foi para o quarto de dormir. Tocando a fita de desposseção que eu lhe havia feito, adormeceu pacificamente.

Via-a no dia seguinte, na consulta que havíamos aprazado. Depois de gravar uma fita (veja a transcrição na seção seguinte) para ela tocar no banheiro — e em algum outro lugar, se necessário, coloquei-a sob a ação da hipnose e interroguei-a a respeito do espírito.

Ela descreveu-o como um homem agradável, de cabelos cor de areia, de trinta e quatro anos de idade. Arreventara-lhe a porta do chuveiro por ser a única coisa que poderia fazer que ela não saberia explicar. Ela concluiu que ele queria chamar-lhe a atenção para angariar-lhe a ajuda. De mais disso, ela presumia que ele tivesse vindo com o ex-marido, que passara a tarde visitando-a. Como este não se sentisse bem, ela tocara para ele a sua fita de relaxamento. Nessa ocasião, a entidade o deixara e passara a ser um hóspede não convidado da casa dela.

LUGARES FRIOS

Lugares frios em sua casa podem ser indicações da presença de espíritos. Alguns permanecem no mesmo lugar, outros parecem movimentar-se em torno dele.

VER ESPÍRITOS

Pacientes houve que afirmavam ter visto sombras em movimento ou pessoas que se diriam muito reais. Às vezes, isto só acontecia quando eles estavam sós mas, em outras ocasiões, os espíritos eram vistos por diversas pessoas. Outros ainda contavam ter sido despertados de um sono profundo e visto uma pessoa aos pés da cama. Ainda que reconhecessem entes amados já falecidos, muitos, apavorados, ordenavam-lhes rudemente que partissem. Quando a expressão do intruso era ameaçadora, a situação se tornava particularmente aterrorizante.

Uma paciente contou que acordara, um belo dia, trêmula, e vira um homem de rosto preto, carbonizado, olhando para ela. Tomada de pânico, começou a gritar — e ele partira. Mais tarde, ela e a irmã imaginaram ver no espírito alguém que elas tinham conhecido ao visitarem o pai moribundo no hospital. Elas tinham consolado a família de um moço, em estado de coma, muito queimado e mortalmente ferido num desastre de motocicleta. Depois da sua morte, aparentemente, ele acompanhara minha paciente até sua casa. Quando ela compreendeu quem ele era, compreendeu que o seu pânico não tivera razão de ser. Ela doutrinou-o e ele partiu.

SER TOCADO POR ESPÍRITOS

Os espíritos podem tocar pessoas. Você já sentiu alguma vez qualquer coisa parecida com teias de aranha pelo rosto? Ou uma carícia fria? Estas, às vezes, são tão fortes que podem ser consideradas um empurrão ou uma pancada leve. Não se alarme. Lembre-se de que as entidades não lhe podem fazer mal. Talvez seja um ente querido tentando fazê-lo saber que ele está ali. Repare na frequência com que as pessoas vivas se tocam umas às outras, chegando, às vezes, a esmurrar-se afetuosamente.

OUVIR ESPÍRITOS

Anos atrás despertei de um sono profundo ouvindo alguém me chamar. Dava a impressão de ser uma voz no quarto,

mas posso garantir que não era um pensamento dentro da minha cabeça. Desde então, meus pacientes e amigos têm-me falado em ouvir vozes — as quais, de ordinário, se dirigem a eles pelo nome, transmitindo mensagens ou pedindo socorro.

Se você desconfiar que existe um espírito em sua casa, faça um trabalhinho de detetive e instale um gravador com uma fita virgem e um cronômetro indicando uma hora avançada da noite, e poderá encontrar uma mensagem na manhã seguinte. Se for um gravador que funcione ativado pela voz, melhor ainda. Espíritos têm sido gravados, e existem referências a isso em vários livros.

ESPÍRITOS CHEIROSOS

Às vezes, os espíritos são detectados pelo cheiro. Entre os mais comuns incluem-se perfumes, loções de barba, cigarros e fumos de cachimbo. Esses cheiros ajudam muitas vezes as pessoas a reconhecerem seus "hóspedes". Se sua mãe, por exemplo, estiver do "outro lado" e você notar-lhe a fragrância favorita, pode ser que ela o esteja visitando ou, então, presa, sem corpo, no mundo físico. Entidades que não são apegadas à terra, mas apenas aparecem para fazer uma visita, podem trazer deliberadamente perfumes que as identificam a fim de que você as conheça.

Entretanto, os desencarnados que não deixaram o plano da terra ocasionalmente têm cheiros que os acompanham. Pacientes têm aludido a cheiros de remédios, por exemplo, que lhes recordavam os quartos de hospital dos pais. Outros diziam ter sentido o cheiro dos fumos favoritos de cachimbo dos pais ou as águas de colônia das mães.

Como livrar sua casa dos espíritos

Se você sabe quem são os espíritos, fale-lhes com carinho, explique-lhes que seus corpos estão mortos, descreva-lhes a morte e conte-lhes que os seus entes queridos estão

aqui para levá-los ao mundo espiritual. Em seguida, abençoe-os e diga-lhes que se vão. Use o modelo que encontrou no capítulo 13.

Uma paciente bondosa explicou a um espírito visitante que aquela não era a casa dele, mas a dela. Fê-lo ver que nada na sala parecia familiar a ele, mostrando vários objetos a fim de deixar-lhe bem clara a realidade da situação. O espírito deu-se pressa em sair.

Grave a seguinte transcrição ou exponha as mesmas idéias com suas próprias palavras. A que eu elaborei destina-se ao uso geral. Se você sabe - ou imagina — quem é a entidade, ajuste a gravação às circunstâncias. Se você sabe, por exemplo, como a pessoa morreu, inclua-o na "conversa" com ela. Se você tem uma idéia de quem viria do mundo dos espíritos para ajudar — um dos pais, um cônjuge ou um irmão, etc. — chame a atenção para esse ente querido.

Transcrição Genérica para Limpar uma Residência

Você está nesta casa como um espírito apegado à terra. Lembra-se de quando estava em seu próprio corpo? (Pausa.) Muito bem, esse corpo morreu. Mas você não morreu — só morreu o seu corpo. Você nunca morrerá.

Quando o seu corpo morreu, você deveria ter ido imediatamente para o mundo dos espíritos. Na verdade, os seus entes queridos vieram, naquela ocasião, para ajudá-lo. Se você tivesse ido naquela época, teria vivido durante todo esse tempo uma vida maravilhosa e feüz. Teria estado com os seus entes amados — sua família e seus amigos. Nunca teria ficado sozinho.

Ao invés disso, você permaneceu aqui no mundo físico, *sem nenhum corpo!* É por isso que as pessoas não o vêem nem ouvem. Você é um espírito invisível. E deve ter-se sentido muito confuso e sozinho durante esse tempo todo.

Agora você vai ser ajudado. Repare em quem está aqui! Os seus entes queridos. (Pausa.) Eles estão muito felizes por vê-lo,

porque têm andado preocupados com você. Você supôs que nunca mais tornaria a vê-los quando passaram pelo processo da morte. Mas aqui estão eles, muitíssimos vivos. Vieram ajudá-lo. Sorriem para você. Agora o estão abraçando — segurando-o. (Pausa.) Você pode sentir-lhes o amor. (Pausa.) Eles lhe seguram a mão — e ficarão em sua companhia. Você nunca mais se sentirá sozinho.

Observe como são quentes e reais as mãos deles. Elas pertencem aos seus corpos espirituais. E você também terá o seu próprio corpo espiritual daqui a poucos minutos. Um corpo perfeito em todos os sentidos. Que não envelhecerá nem ficará doente. Que não terá dores nem sofrimentos. Um corpo jovem e atraente.

Os seus entes amados o levarão para aquela formosa Luz lá adiante. (Pausa.) No momento em que entrar na Luz, você estará em seu corpo perfeito e jovem. E, depois, irão todos para o mundo espiritual.

Você poderá ter tudo o que quiser na sua nova vida — amor, felicidade, comida, bebida, sexo. Poderá divertir-se, se quiser. *É um mundo muito real!* Os seus entes queridos lhe falarão agora sobre ele. (Pausa longa.)

Muitas pessoas têm medo de ir para o inferno. Mas *o inferno não existe!* Está aqui um professor de educação religiosa, vindo do mundo espiritual, para ajudá-lo a compreender que não existe inferno — que você não tem nada para temer. (Pausa comprida.)

O pior ficou para trás. E uma vida maravilhosa, de paz e beleza, está à sua frente.

Há aqui agora mais entes queridos e auxiliares, que lhe mostrarão o que você deve fazer para ingressar na Luz. Eles irão com você. Ficarão com você. E você não estará sozinho.

Nós lhe perdoamos todos os danos que causou a esta casa. Remetemo-lo para a sua nova vida cercado de bênçãos e de amor.

Agora, vá! Em nome do Pai, do Filho, Jesus Cristo e do Espírito Santo, vá em paz, na Luz e no amor. *Agora parta!*

Prefiro abençoar no fim, mas se você não se sente à vontade fazendo-o, não é essencial. Acredito que isso eleve as vibrações e acrescente positividade. Use qualquer tipo de bênção que lhe pareça apropriado.

A gravação pode ser tocada a qualquer momento, ou tantas vezes quantas você achar necessário. Como acontece numa desposseção, o espírito, às vezes, leva algum tempo para compreender a mensagem ou para superar o medo ou a indecisão.

Você talvez prefira ligar o gravador a um despertador, para tocá-lo quando você está fora de casa. Se os espíritos forem mais ativos em certo momento do dia ou da noite, toque a gravação nesse momento. E, outrossim, se acreditar que existe uma entidade num determinado cômodo da casa, toque-o ali.

Se descobrir que os hóspedes não convidados não têm intenção de partir, você talvez tenha de encontrar um médium local, ou um clarividente, para ir à sua casa e estabelecer contato com eles. O médium será capaz de convencer os espíritos a partirem. Se isso não der certo a princípio, experimente outros médiuns.

Rabdomantes também se revelam muito úteis para averiguar se existem espíritos e, em caso afirmativo, quantos são, quais são as suas intenções e por que estão ali. Além de serem capazes de limpar a casa e a propriedade, alguns rabdomantes talentosos chegam a dizer-se capazes de criar um muro protetor em toda a volta da propriedade outrora assediada.

Os rabdomantes podem ser contatados na Sociedade Americana de Rabdomantes, Danville, VT 05828-0024.

Alguns pacientes nos dão notícia de resultados excelentes ao ordenarem aos espíritos que partam, especialmente se os encontram aos pés da sua cama depois de acordarem durante a noite. Ordenam-lhes que se vão em nome de Jesus Cristo. E também se acalmam recitando o Pai-nosso e o Salmo 23.

Como já ficou dito, isso habitualmente não funciona na autodesposseção ou na desposseção de outra pessoa mas,

de quando em quando, atinge os resultados desejados nessa espécie de situação. Os espíritos talvez partam por se sentirem chocados com a resposta da pessoa, ou por compreenderem que assustaram muito alguém. Isso pode resolver o problema imediato, mas não ajuda a entidade a ir para o mundo espiritual, o que deve ser o propósito final.

Como Proteger sua Casa Contra os Espíritos

1. *Não convide espíritos para entrarem em sua casa!* Por conseguinte, não organize sessões espíritas, não use o *Ouija board*, nem se entregue à escrita automática. Os desastres que disso podem resultar superam definitivamente quaisquer benefícios possíveis.

2. Não faça uso de drogas (maconha, heroína, cocaína, etc.) nem abuse do álcool em sua casa. Espíritos indesejáveis podem ser atraídos à sua residência e, o que é muito possível, à sua aura e ao seu corpo.

3. Cerque a sua casa, diariamente, de Luz Branca. Imagine um halo ou aura de Luz Branca brilhante cercando completamente a sua residência. *Saiba* que ela está totalmente protegida contra os espíritos — ou contra qualquer negatividade ou dano.

4. Imagine cada aposento cheio de Luz Branca. Isso não leva mais do que um minuto. Faça-o diariamente.

5. Peça mental ou verbalmente a proteção dos seres superiores, isto é, de Jesus Cristo, o Senhor, ou de guias espirituais.

6. Mantenha sua casa feliz e cheia de amor. Alguns espíritos se alimentam da energia derivada de brigas e hostilidade. Os rompantes de energia encontrados nessas explosões proporcionam um banquete às entidades cuja energia está enfraquecida.

Os espíritos que tenho descrito são apenas residentes, e não possesores. Sem embargo disso, podem esgueirar-se

para dentro e para fora das auras e dos corpos de pessoas vivas se as oportunidades se lhes oferecerem. Leia, a propósito, o que ficou descrito no capítulo 11.

Além disso, algumas entidades têm a capacidade de ir e vir e possuir pessoas diferentes, uma de cada vez, à sua vontade. Tratei de um espírito viciado, que buscava os estados eufóricos causados pela novocaína, que ia ao dentista nos corpos de dois membros da mesma família — e até do vizinho do outro lado da rua!

Lembre-se de que o fato de ter espíritos em casa não é nenhuma catástrofe. Coisas muito piores poderiam acontecer-lhe. É uma situação que existe, um problema que deve ser resolvido. E pode ser resolvido, como você já viu.

MAIS ALGUMAS PONDERAÇÕES A RESPEITO DAS INFLUÊNCIAS NEGATIVAS

A possessão do espírito é uma fantasia? Ou é a condição freqüente e potencialmente desastrosa descrita em *Influências Negativas*? Depois de todos estes anos que passei trabalhando com espíritos, freqüentemente "lutando" com alguns teimosos, confusos, hostis e aterrados, ainda não estou cem por cento convencida de que eles não são fantasias da imaginação. Para mim, como terapeuta, a questão é discutível — a terapia funciona. Para mim, como pessoa, o problema é importantíssimo, porque encerra implicações de amplas conseqüências.

A convicção de que os espíritos possuem pessoas vivas baseia-se na premissa de que a *vida continua depois da morte*. Entidades apegadas à terra são simplesmente as que não fizeram a transição natural para os planos mais altos da existência. A possessão nos mostra que só o corpo físico morre e que a personalidade sobrevive — somos seres imortais.

Uma das críticas mais freqüentes e mais sérias à teoria de que os espíritos são a causa de muita infelicidade humana, é que ela implica uma abdicação da responsabilidade pessoal. Censuramos espíritos, quando, na verdade, nós mesmos somos a causa dos nossos malfeitos, problemas e sintomas. Além de absolver-nos, essa atitude (vale dizer, acreditar que os responsáveis são os espíritos) obsta à tomada de medidas para fazer as mudanças necessárias.

Se, por outro lado, o conceito se baseia na realidade, a questão da responsabilidade torna-se confusa. Até que ponto podemos ser reputados responsáveis pelo que fazemos, se somos controlados por espíritos e não passamos, com efeito, de joguetes impotentes? Os tribunais admitem a liberação da responsabilidade por nossos atos se formos considerados loucos. Se as nossas personalidades são subjugadas pelas dos nossos possesores, a possessão nos inocenta? Como se trata de uma questão de grau, aceitamos a responsabilidade por alguns de nossos atos e problemas?

Antes do meu trabalho com a despossessão, eu ficava sempre perplexa quando sabia da história de um homem que matara a família inteira e depois dera cabo da própria vida. Muitas vezes não havia nenhuma motivação óbvia para a tragédia. O assassino, não raro, cidadão íntegro, até mesmo um pilar da sua igreja, era amado e respeitado pelos que o conheciam bem. Quantos assassinios, suicídios, incidentes de abusos cometidos contra crianças e outros crimes têm sido perpetrados por espíritos possesores?

Admitindo-se que a possessão seja real, quão generalizada é ela? Toda a gente estará possessa — pelo menos até certo ponto? Que percentagem da população padece dessa angústia? Na vida de todos nós, uma infinidade de situações ou condições enfraquece a aura; minhas descobertas, por exemplo, indicam que o fato de estar uma pessoa embriagada ou sob a influência de drogas, nem que seja *por uma única vez*, já tem conduzido à possessão.

Quão povoado de seres desencarnados é o mundo físico? Por que tantos espíritos permaneceram aqui? Serão essas entidades o refugio da humanidade, um sedimento, permanecendo num nível mais denso de vibrações? O interessante é que nunca conversei com uma entidade possesora de grande evolução espiritual. As evoluídas devem ir automaticamente para o mundo espiritual logo após a morte.

Como os espíritos apegados à terra se movem de um local para outro? Essas almas perdidas parecem tão limitadas em sua capacidade de viajar quanto nós. Dir-se-ia que

se deslocam de um lugar para outro utilizando os mesmos meios que nós utilizamos. O trabalho me ensinou que elas viajam de automóvel e algumas até de avião a jato!

A possessão pode ajudar-nos a compreender os problemas de comportamento anormal e de personalidade, assim como os problemas mentais, emocionais e físicos. Quantos pacientes internados em instituições para doentes mentais *não* são psicóticos, senão possessos? Serão reais as vozes que eles ouvem? Até onde o sofrimento físico é a continuação das próprias dores e sintomas dos espíritos por ocasião da morte?

As remissões inexplicadas e espontâneas de sintomas físicos e emocionais são o resultado da partida de um espírito possessor? Conversei com um músico que me falou da sua depressão. Não vendo resultados, depois de vários anos, descontinuou finalmente a terapia. Anos mais tarde, numa bela manhã, despertou aliviado da depressão e, desde então, nunca mais veio a ser perturbado por ela.

Fico, às vezes, a imaginar se algumas das curas milagrosas, que ocorrem na carreira de curadores poderosos, não se resumirão na expulsão de espíritos possessores — muito parecida com a técnica de Carl Wickland com choques elétricos, descrita em seu livro *Thirty Years Among the Dead*. Levei a efeito a regressão de um paciente que experimentou os benefícios de uma cura dessa natureza — a curadora pousara a mão na cabeça dele e gritara: "Você está curado!" Amparado pelos assistentes dela ao desmaiar, acordou, acordou, passados alguns minutos, no chão do auditório. Sob o efeito da hipnose, lembrou-se da liberação de várias entidades, as quais, em seguida, foram levadas por espíritos auxiliares, que trabalhavam com a curadora.

Sou de opinião que o conceito de possessão precisa ser incluído no material de curso (em psicologia e psiquiatria anormais, etc.) em nossos colégios, universidades e escolas de medicina. Deviam ser encetadas pesquisas que visassem a ampliar o nosso entendimento do papel que os espíritos desempenham na vida humana. As informações sobre possessões deveriam tornar-se públicas, a fim de que as pessoas

pudessem proteger-se melhor, assim como compreender o que lhes está acontecendo e conseguir ajuda.

A despossessão está crescendo como instrumento terapêutico. Já treinei mais de uma centena de profissionais de saúde mental nos Estados Unidos e mais de sessenta no Brasil. As pessoas que treinei estão treinando outras. Além destes, muitos profissionais e não-profissionais, ministros metafísicos e espíritas, psíquicos, médiuns e xamãs, vêm usando variações dessas técnicas há dezenas, centenas e até milhares de anos.

A terapia da despossessão, ou seja qual for o nome que se lhe dê, está-se alastrando, porque é sobremaneira eficaz. Afortunadamente, nem o terapeuta nem o paciente precisam acreditar em espíritos ou em possessão para que ela funcione. Alguns curadores são até capazes de usá-la telepaticamente, sem que o possesso esteja presente — sem que saiba sequer que isso está sendo feito.

Embora produza "milagres", essa terapia não é uma panacéia. Até quando a causa do estado do paciente é manifestamente uma possessão, a terapia da despossessão, às vezes, não resulta em cura. Existem forças poderosas no interior da mente — as forças dos pacientes e as dos espíritos que os estão possuindo. Em alguns casos infelizes, necessidades profundamente arraigadas perpetuam a possessão. Está claro que esses casos são tratados, mas podem não resultar em alívio da condição. Frequentemente, antes mesmo de chegar a essa fase da terapia, o paciente suspende o tratamento — para escapar da cura!

Uma das questões envolvidas na terapia da despossessão é o papel da sugestão — hipnótica ou não-hipnótica. Tenho lutado com os meus receios de implantar sugestões de possessão sem ter a certeza sequer da existência de uma condição dessa natureza. De mais a mais, com alguns pacientes, o diagnóstico não é bem definido. Confesso aos meus pacientes que não estou convencida da validade da possessão, mas peço-lhes que a usem, como eu, como hipótese de trabalho. Mesmo assim, a hipnose é poderosa, e não desejo criar um

problema quando esse problema não existe. Como acontece com muitas decisões psicoterapêuticas, há nisso uma mistura de perícia, de intuição e de bom senso.

Se os espíritos forem incorretamente responsabilizados por problemas, a pessoa talvez não procure a ajuda apropriada, o que seria especialmente grave se sintomas físicos fossem vistos como resultantes de intervenção espiritual.

Tenho encontrado mudanças dramaticamente positivas em pessoas que lançam mão dessas técnicas, e ainda não encontrei nenhum resultado negativo duradouro. A desposseção pode mexer com as coisas, porque as causas subjacentes, as entidades possessoras, desmascaradas, às vezes se sentem ameaçadas e transtornadas. Mas os espíritos estiveram sempre ali, e suas reações são temporárias.

Quando a terapia é prolongada e os espíritos não se vão depois das primeiras sessões, geralmente descubro que o posseso e o possessor estiveram juntos em existências passadas! As motivações para a posseção, nesse caso, poderão ser encontradas em acontecimentos ocorridos nas ocasiões anteriores em que estiveram juntos. Não é incomum haver um desejo ardente de vingança da parte de um deles ou de ambos. O posseso, não raro, conserva o espírito preso como castigo. Por outro lado, pode haver um apego poderoso entre os dois baseado em amor e/ou dependência recíproca. O espírito, por exemplo, foi a mãe da pessoa em outra encarnação, possuindo-a na infância. Na maioria dos casos, nenhum dos dois se dá conta das lembranças subconscientes das vidas anteriores de que partilharam — nem das verdadeiras razões da posseção.

Em cada caso que investigo, descubro que o posseso possuiu outra pessoa numa existência anterior — deliberadamente ou mesmo sem o saber.

Isto traz à tona a questão do carma. Estará toda pessoa possesa pagando uma dívida cármica? Estarão os dois, possessor e posseso, invariavelmente envolvidos num relacionamento cármico? Se não for este o caso, estarão as vidas passadas sempre relacionadas com posseção?

Algumas pessoas parecem continuar possesas — depois de haver sido o diagnóstico claramente feito — a despeito de todas as tentativas de desposseção, a despeito da exploração das conexões e motivações da vida anterior para estar possesso, e a despeito da ajuda de curadores ausentes, especializados em desposseções a distância. Presumo sempre que é preciso trabalhar mais para libertar essas pessoas. É muito difícil para mim desistir de ajudá-las.

Urge considerar, na possessão, a questão do livre-arbítrio. À superfície, tem-se a impressão de que somos bonecos, manipulados, mau grado nosso, por espíritos ou pelo destino. Concordamos em passar por essa experiência quando planejamos nossa vida nos intervalos entre nossa última morte e o nascimento seguinte? Estaremos apenas "nos encontrando"? Teremos nós, em cada caso, possuído alguém antes?

Muitas perguntas que suscitei neste capítulo não podem ser respondidas à conta da nossa compreensão e conhecimento de espíritos, possessão, reencarnação e leis universais.

Compartilhei com vocês meus pontos de vista e dei-lhes técnicas que funcionam. Tenho para mim que um entendimento da dimensão espiritual da vida pode realçar nossa liberdade de vivê-la em sua plenitude. Meus votos mais ardentes para você e/ou para os seus entes queridos são de liberdade da possessão. Ainda que vocês alimentem apenas uma nova esperança ou tenham elaborado um modo diferente de olhar para o sofrimento humano, este livro terá servido à sua finalidade.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Eis aqui as perguntas mais frequentes que se formulam durante minhas palestras sobre possessão espiritual.

1. Por que os entes queridos do mundo espiritual não estão presentes quando as pessoas morrem, a fim de impedi-las de se apegarem à terra?

Os entes amados espirituais *estão* presentes nessa ocasião, e tentam chamar a atenção dos espíritos apegados à terra, o que continuam a fazer, de vez em quando, por muitos anos. O problema é que os mortos recentes estão tão confusos que não os vêem, ou resistem à ajuda em razão do seu desejo de permanecer no mundo físico. Às vezes, eles os vêem, mas se sentem tão envergonhados que se recusam a entrar em contato com eles. Esse é especialmente o caso na ocorrência de um suicídio.

2. Por quanto tempo os espíritos permanecem apegados à terra sem possuir ninguém ou antes de partir para o mundo espiritual?

Existe grande variação na extensão das suas estadas no mundo físico como seres desencarnados. Parece que a maioria é resgatada por espíritos auxiliares mais elevados, quando está pronta para renunciar aos seus laços

com o mundo material, ou quando se dá conta de seu estado, isto é, de que seus corpos morreram. Muitos se deixam ficar por dez anos, ou menos, antes de possuir alguém ou partir para a outra vida. Conheci um espírito que ficou apegado à terra por quarenta anos antes de possuir o meu paciente, tendo passado esse tempo todo simplesmente "vagando". Todos ouvimos falar em fantasmas que assombram edifícios durante centenas de anos, e acredito na veracidade de algumas dessas histórias.

3. Como você explica as "personalidades múltiplas", descritas em *The Three Faces of Eve*?

Tenho para mim que esses casos são provavelmente de médiuns descontrolados, multiplamente possuídos. As "personalidades", na realidade, são outras pessoas - espíritos. A razão por que esses pacientes, via de regra, não respondem à terapia — pelo menos com curas duradouras — é que não se trata a causa principal, a possessão. Quando se trata, as "personalidades" desaparecem.

4. Pode uma pessoa chamar espíritos conscientemente, daí resultando a possessão ou a continuada presença deles na casa?

Sem dúvida alguma! Esse é amiúde o problema que surge após a morte de membros da família ou de outros entes queridos. Às vezes, pessoas solitárias pedem deliberadamente a espíritos que se juntem a elas. Outros procuram conselho ou ajuda, sem compreender que, quando o chamado é emitido, qualquer um pode responder. Os *Ouija boards*, a escrita automática e as sessões espíritas são também modos pelos quais os espíritos se incorporam com permissão.

5. Que acontece às pessoas que se suicidam?

Do trabalho que tenho feito, depreendi que alguns permanecem no mundo físico como desencarnados, car-

regando todos os sentimentos pesados que experimentaram momentos antes da morte. Enquanto permanecerem apegados à terra, sentir-se-ão exatamente como se sentiam antes do suicídio.

Outros que se matam vão diretamente para a Luz e para o mundo espiritual. No momento em que se elevam dos corpos sem vida, sentem-se livres e aliviados da depressão, da angústia ou da cólera.

Os que vão para a Luz imediatamente, e os que permanecem no mundo físico enfrentam, afinal das contas, a mesma situação de teste: a escolha entre se matarem e não se matarem. Como um exame, ou são novamente reprovados, em outra vida, ou são aprovados, por não se destruírem. Não há punição. Só há educação e outras oportunidades de crescimento espiritual.

6. Algumas pessoas que regrediram para existências anteriores viram-se porventura no inferno depois da morte?

Já levei a cabo de vinte a trinta mil regressões a vidas passadas individuais, e jamais encontrei um só caso em que um espírito estivesse numa situação parecida com o conceito popular de inferno. Alguns permanecem num "inferno" porque continuam a sofrer o que já vinham sofrendo antes da morte. Outros se viram presos nos corpos dos que eles possuíram e — na minha opinião — isso deve ser um "inferno". Eles não podiam viver suas próprias vidas, nem ser suas próprias pessoas — o mesmo suplício que infligiram aos seus possessos.

7. Os esquizofrênicos, na realidade, são mais possessos do que psicóticos?

A meu ver, a maioria dos pacientes internados em instituições mentais apresenta os seus sintomas porque está possessa. As vozes que ouve são reais; algumas das suas alucinações visuais são vislumbres do plano astral

inferior, parte do mundo espiritual de natureza vibratória muito densa. Há ainda muita coisa para se aprender a propósito desses casos extremos de desarranjo mental. Não me parece que todos os esquizofrênicos sejam psicóticos, *por causa* da possibilidade de possessão. Tenho a impressão de que eles — em adição à sua doença mental — são indubitavelmente possessos. A possessão é um fardo adicional que lhes incumbe carregar.

8. Se alguém tiver dificuldade em "Ver" a Luz Branca quando estiver usando a técnica para proteger-se, isso o impedirá de ser eficiente?

Não, muitos dos meus pacientes não "vêem" a Luz Branca quando estão fortalecendo sua aura. O simples fato de imaginar que ela está lá, ou de *saber* que ela está lá, é mais do que suficiente.

9. Como posso diferenciar um espírito não apegado à terra de outro que provavelmente me possuirá? Essa diferença me interessa em particular por causa de uma criatura amada que morreu.

Um espírito que foi para a Luz e para a outra vida e regressou para fazer uma "visita" nunca entraria no seu corpo nem na sua aura, a menos que você fosse um médium treinado e desenvolvido que estivesse sendo utilizado por espíritos altamente evoluídos.

É difícil dizer a diferença entre, digamos, sua mãe, vinda do mundo dos espíritos para dar-lhe uma mensagem, e sua mãe que está na sua casa por ser apegada à terra.

Uma forma de fazer a discriminação seria reparar na emoção ou no tom da sua presença. Se este for positivo, afetuoso e sem apegamentos, é provável que não seja apegada à terra. Se parecer pesado, triste, ansioso ou irado, pode ter a certeza de que o é.

Para ficar do lado seguro, procure mostrar-lhe que ela morreu, e diga-lhe que vá para a sua vida nova em companhia dos entes queridos que estão lá para ajudá-la. Se ela veio do mundo espiritual para servi-lo ou para dizer-lhe "alô", não se sentirá ofendida e realizará o seu propósito.

10. Como você pode explicar a diferença que existe entre um guia espiritual e um espírito apegado à terra?

Na presença de um guia espiritual, você sentirá sempre muita energia positiva — sentir-se-á realmente bem. Diante de um ser desencarnado apegado à terra, sentir-se-á drenado, ansioso ou assustado.

É difícil, outrossim, dizer a diferença avaliando-lhe as reações, porque muita gente tem medo dos espíritos não apegados à terra, ainda que sejam guias ou entes queridos. Ficam "assombrados" só por estarem encontrando alguma coisa não familiar.

11. Que diferença existe entre um espírito que simplesmente "entra" e uma entidade possensora?

Ruth Montgomery descreveu o fenômeno da "entrada" em vários dos seus livros mais recentes. Em poucas palavras, celebra-se um acordo no nível da alma (entre o ser superior e o espírito evoluído que deseja encarnar) entre pessoas vivas que já não querem permanecer nos próprios corpos (ou vão morrer dentro em pouco) e almas altamente desenvolvidas, que tencionam contribuir para o progresso espiritual do mundo e preferem não passar por uma infância e uma idade adulta prolongada. A primeira se vai, e a segunda, a que entra, assume as rédeas da situação.

No caso da possessão, o habitante original, o possessor, não deixa o corpo, e a coabitação nunca é uma solução positiva. Possessores e possessos ferem-se mu-

tuamente nessa situação — digam o que disserem os que entendem o contrário!

12. Quem são os companheiros de folguedos invisíveis ou imaginários?

São, na verdade, seres desencarnados — espíritos que não fizeram a transição para o após-vida. Por serem as crianças inusitadamente clarividentes e clariaudientes — de maneira muito semelhante à dos animais — "vêem" e "ouvem" essas entidades. Acreditam que sejam crianças vivas, como os próprios espíritos que não compreendem a sua situação. Tornam-se amigas, sobretudo por estarem as entidades muito sozinhas e confusas — encailhadas no plano da terra. Tais espíritos, não raro, acabam possuindo os amigos, às vezes inadvertidamente. Nesses casos, é muito comum os possessos libertarem os possesores. Claro está que a motivação é inconsciente. Depois que o possesso coloca a identidade e a história à disposição da mente consciente, a desposseção, por via de regra, é levada facilmente a cabo.

13. Como se relaciona a possessão com o conceito do livre-arbítrio?

Meu entendimento ainda é um tanto ou quanto incompleto no que se refere a essa questão.

Pode ser que toda possessão seja permitida subconscientemente. Mesmo que fosse esse o caso, o livre-arbítrio ainda estaria operando. Tudo indica que na maioria dos casos estudados por mim, a possessão foi permitida — principalmente num nível subconsciente, ocasionalmente num nível consciente.

Segundo especulam outros, a possessão é combinada durante o intervalo — entre a morte e o renascimento — por razões cármicas ou pelas lições envolvidas.

A terceira possibilidade é a da invalidade do conceito do livre-arbítrio - somos todos peões, manipulados pelas circunstâncias.

Finalmente, a própria possessão pode ser uma fantasia.

14. Que acontece às entidades possessoras quando os posses-
sos morrem?

Na maioria dos casos, permanecem apegados à terra, como entes desencarnados. Depois, volvido algum tempo, "juntam-se" a outra pessoa. Tratei de certo número de entidades que — ao todo — possuíram quatro ou cinco pessoas consecutivamente.

Numas poucas regressões, descobri que os "hospedeiros" — depois de libertados dos próprios corpos — levaram-nos para a Luz com eles. Isso acontece principalmente quando os espíritos são conhecidos — pais, cônjuges, amigos, etc. Por vezes, os entes queridos especiais dos possesos levam consigo as entidades possessoras. E todos vão juntos para o mundo dos espíritos.

15. As crianças que morreram crescem no mundo espiritual?

Sim, das regressões se depreende que elas crescem quando operam as transições apropriadas. Infelizmente, algumas permanecem apegadas à terra, desencarnadas ou possessoras, e, nesse caso, não crescem. Isso explica alguns comportamentos, interesses, limitações e reações infantis de pessoas possuídas por crianças. Elas, muitas vezes, têm medo de dirigir ou de entregar-se a atividades adultas.

Glossário

Apegados à terra: Diz-se dos espíritos que continuam no mundo físico depois da morte do corpo, por não terem feito uma transição bem-sucedida para os reinos mais elevados. Consoante a teoria esotérica, uma entidade apegada à terra está realmente presa no plano astral inferior.

Aura: Campo de força eletromagnético invisível, que emana das pessoas, animais e plantas vivas. Reflete a saúde, os pensamentos, as emoções e dá outras informações. Uma das suas funções principais consiste em proteger o indivíduo contra influências exteriores negativas, incluindo as de seres desencarnados.

Batidas: Sons produzidos por espíritos, causados por energia psíquica sobre um objeto físico.

Canalização: Permissão concedida a um espírito dos planos superiores para manifestar-se através do corpo físico do médium; na maior parte das vezes, falando, escrevendo, pintando, tocando um instrumento musical ou curando, e até realizando "cirurgias".

Cartas de Tarô: Pacote de cartas destinado a revelar o passado, o presente e o futuro do participante. As várias configurações são interpretadas por um leitor psíquico.

Cirurgia psíquica: Intervenções cirúrgicas realizadas no corpo humano através de um médium.

Clariaudiência: Capacidade de ouvir psiquicamente o que se acha além do som físico.

Clarividência: Capacidade de ver psiquicamente o que se encontra além da visão normal.

Cordão de prata: Forma de energia que liga o espírito ao corpo físico. Clarividentemente percebida como um cordão prateado ligado ao espírito quando este viaja fora do corpo físico.

Corpo astral: Corpo que vibra numa frequência mais elevada do que o físico. Acredita-se que o ser humano vivo tem um corpo astral, assim como tem um corpo físico, que, às vezes, se menciona como "corpo emocional".

Corpo astral inferior: O veículo em que você existe após a morte do corpo físico se o espírito permanecer no mundo material, isto é, se não tiver feito a transição bem-sucedida para o mundo espiritual. Corresponde aos planos inferiores da consciência: o plano astral inferior.

Demônio: Criatura de natureza maligna de outra dimensão.

Desencarnado: Espírito preso no mundo físico, isto é, fora dos planos superiores, sem o corpo físico. Sinônimo, neste livro, de "espírito" e "entidade".

Entidade: Essência imortal da pessoa. Usa-se neste livro como sinônimo de "espírito" e "desencarnado".

Esotérico: O que pertence aos conceitos metafísicos.

Escrita automática: Escrita levada a efeito por espíritos que usam e controlam a mão de uma pessoa viva. Isso pode ser feito com um lápis, uma caneta, uma máquina de escrever ou um processador de palavras.

Espírito: Essência imortal da pessoa. Neste livro, usa-se o termo, de um modo geral, como sinônimo de "desencarnado" e de "entidade".

Exorcismo: Rito para forçar espíritos possessores, sobretudo de natureza satânica ou demoníaca, a deixar uma pessoa ou objeto, uma casa inclusive.

Exorcista: Especialista altamente adestrado, de ordinário padre católico, que se utiliza de um ritual prescrito a fim de obrigar um possessor satânico ou uma influência demoníaca a deixar o possesso.

Experiência da morte clínica: Morrer de verdade e até, em certos casos, ser pronunciado clinicamente morto, e depois reviver espontaneamente ou ser trazido de volta à vida por meio da ressuscitação ou de outros processos médicos. As pessoas se lembram amiúde dessas experiências, que costumam ser os pontos culminantes de sua vida.

Experiência de quase-morte: A experiência de haver, realmente, quase morrido; de haver sofrido a morte "clínica"; a perda de todos os sinais vitais, como as batidas cardíacas e a respiração. Sinônimo: experiência da morte clínica.

Experiência fora do corpo: O corpo espiritual viaja enquanto ainda ligado ao corpo físico pelo "cordão de prata". Denominada, às vezes, projeção astral ou viagem da alma.

Guias espirituais: Almas altamente evoluídas do mundo espiritual que optaram pela ajuda às pessoas vivas. Podem ser também entes amados falecidos que fizeram transições bem-sucedidas para o após-vida, e voltam, de tempos a tempos, a fim de prestar ajuda e orientação. Eles não invadem as auras nem os corpos dos indivíduos aos quais estejam ajudando.

Hipnose: Estado de espírito altamente sensível à sugestão, usado para redirecionar e influenciar a atividade mental e, por conseguinte, o comportamento e as emoções.

Incorporação: Entrada no corpo físico de um ser humano vivo por um desencarnado; o ato da possessão.

Indução: Processo para criar o estado de hipnose; trata-se, geralmente, de uma técnica verbal, que produz profunda descontração e sensibilidade às sugestões.

Levitar: Erguer objetos físicos pela força psíquica.

Médium: Pessoa psiquicamente sensível e capaz de comunicar-se com espíritos e produzir manifestações.

Médiuns de transe: Sensitivos que perderam a consciência e se encontram temporária e voluntariamente possuídos por espíritos que desejam comunicar-se ou curar.

Metafísica: O que jaz além do domínio da física (experiência física); às vezes considerada o oculto. Algumas áreas de interesse geral da metafísica são a reencarnação, a posses-

são, os níveis de existência, as auras, os guias espirituais, a mediunidade, a força dos cristais e da pirâmide, a astrologia, etc.

Mundo espiritual: Reino da vida povoado de espíritos que entraram na Luz e levaram a cabo uma transição bem-sucedida a partir do mundo físico. Plano de existência que geralmente se considera como se vibrasse a uma freqüência mais elevada que a do mundo físico.

Ouija board: Prancha impressa com o alfabeto, "sim", "não", e números, e uma prancheta (veja mais adiante), que se move sobre a prancha redigindo mensagens; usada para estabelecer contato com espíritos.

Pêndulo: Objeto utilizado para discernir a resposta a perguntas formuladas. Consiste, por via de regra, em um objetozinho, redondo ou pontudo, suspenso de uma corrente ou corda curta. Move-se pela força do subconsciente.

Percepção extra-sensorial: Conhecimento de fatos, acontecimentos ou presenças por intermédio de outros sentidos que não são os cinco do corpo físico.

Plano ou mundo astral: A dimensão seguinte acima do plano ou mundo físico. É povoado de espíritos, aos quais se afigura uma réplica do mundo físico. Existem vários níveis do plano astral. As principais divisões são o astral inferior e o astral superior.

Prancheta: Instrumento usado com o *Ouija board*. Pranchinha triangular, ou em forma de coração, de pernas curtas e dotada de um ponteiro.

Psíquico: Pessoa sensível a percepções outras que não as recebidas através dos cinco sentidos físicos.

Rabdomante: Pessoa detentora do talento psíquico de discernir coisas invisíveis (água subterrânea, petróleo, depósitos minerais, saúde, entidades, etc.) mediante o emprego de um pêndulo, de uma forquilha ou de uma varinha de metal. Uma pessoa nessas condições é comumente chamada de "feiticeira da água".

Reencarnação: Retorno da alma à vida física em existências repetidas.

Regressão hipnótica: Técnica hipnótica que produz a rememoração e a revivência de uma experiência passada da existência atual ou de uma existência anterior, cuja lembrança está sepultada no subconsciente.

Repressão: Mecanismo de defesa da mente em que existe o "esquecimento" de uma experiência emocional ou fisicamente dolorosa. Automática, não se relaciona com a idade; você pode reprimir uma lembrança em qualquer época de sua vida. Não é o esquecimento comum, mas serve a uma finalidade protetora. Pode ser superada por diversos meios. Neste livro emprega-se a hipnose para descobrir lembranças reprimidas.

Ritual romano: O ritual oficial utilizado por padres católicos durante um exorcismo.

Sensitivo: Pessoa que possui capacidades psíquicas.

Sessão espírita: Uma sessão especial destinada à comunicação dos espíritos ou à demonstração de fenômenos psíquicos, presidida, de ordinário, por um médium.

Sinais de dedos: Sistema de comunicação estabelecido pelo hipnotizador com a mente subconsciente do sujeito. A mente interior detém temporariamente o controle das mãos e escolhe dedos para representar o "sim", o "não" e o "não quero responder".

Sonambulismo: Estado muito profundo de hipnose, caracterizado pela amnésia (perda de memória). Outra forma é o caminhar durante o sono noturno.

Subconsciente: Parte da mente que funciona abaixo do limiar da consciência. A mente "subconsciente", a que se faz alusão neste livro, é capaz de armazenar lembranças de tudo o que foi experimentado, exatamente como o foi, na ocasião em que o foi.

Sugestão hipnótica: Idéias apresentadas à mente subconsciente enquanto dura o estado hipnótico.

Telepatia: Transmissão e recepção psíquica de pensamentos.

Terapia de existências passadas: Psicoterapia que envolve regressões, a existências anteriores, a fim de solucionar problemas atuais.

Transe: Estado semelhante ao sono, em que se observa uma diminuição da consciência. Varia de um sono leve a um sono extremamente pesado. Pode ser hipnótico ou não-hipnótico.

Xamã: Comumente conhecido como "feiticeiro" ou "médico feiticeiro" — homem que usa técnicas antigas visando conseguir e manter o bem-estar e a cura para si mesmo e para os membros da sua comunidade.

Bibliografia

- Allison, R. 1980. *Mind in Many Pieces*. Nova York: Rawson, Wade.
- Bagnall, O. 1975. *The origins and Properties of the Human Aura*. Nova York: Weiser.
- Banerjee, H. N. 1980. *Americans Who Have Been Reincarnated*. Nova York: Macmillan.
- Brandon, R. 1983. *The Spiritualists*. Nova York: Random House.
- Brittle, G. 1981. *The Demonologist*. Nova York: Berkley.
- 1983. *The Devil in Connecticut*. Nova York: Bantam.
- Brown, R. 1975. *Immortals by My Side*. Chicago: Henry Regnery.
- 1971. *Unfinished Symphonies*. Nova York: Morrow.
- Budge, W. E. A. 1967. *The Egyptian Book of the Dead*. Nova York: Dover.
- Cannon, A. 1954. *The Invisible Influence*. Nova York: Dutton.
- Cerminara, G. 1950. *Many Mansions*. Nova York: Morrow.
- 1963. *Many Lives, Many Loves*. Nova York: Morrow.
- Chaplin, A. 1977. *The Bright Light of Death*. Marina dei Rey: DeVorss.
- Crabtree, A. 1985. *Multiple Man: Explorations in Possession and Multiple Personality*. Nova York: Praeger.
- Davis, W. 1980. *Dojo-Magic and Exorcism in Modem Japan*. Stanford: Stanford University Press.

- Dethlefsen, T. 1976. *Voices from Other Lives*. Nova York: Evans.
- Doyle, A. C. 1926. *History of Spiritualism*. Nova York: Cassell.
- Ebon, M., org. 1974. *Exorcism: Fact Not Fiction*. Nova York: New American Library.
- 1977. *The Evidente for Life After Death*. Nova York: New American Library.
- Evans-Wentz, W. Y. 1960. *The Tibetan Book of the Dead*. Oxford: Oxford University Press.
- Fiore, E. 1977. *You Have Been Here Before*. Nova York: Coward-McCann.
- Fodor, N. 1959. *The Haunted Mind*. Nova York: Garrett.
- Fortune, D. 1930. *Psychic Self-defense*. Londres: Aquarian Press.
- Guirdham, A. 1982. *The Psychic Dimensions of Mental Health*. Wellingborough: Thurstone Press.
- Harner, M. 1980. *The Way of the Shaman*. Nova York: Harper & Row.
- Head, J. e S. R. Cranston. 1968. *Reincarnation: An East-West Anthology*. Wheaton, Ill: Quest.
- Holzer, H. 1974. *The Reincarnation Primer: Patterns of Destiny*. Nova York: Harper & Row.
- Kardec, A. 1898. *The Spirits' Book*. Londres: Psychic Press.
- Kelsey, D. e J. Grant. 1967. *Many Lifetimes*. Garden City, N.Y.:Doubleday.
- Kübler-Ross, E. 1969. *On Death and Dying*. Nova York: Macmillan.
- 1981. *Living with Death and Dying*. Nova York: Macmillan.
- Kuhn, A. 1939. *Theosophy: A Modern Revival of Ancient Wisdom*. Nova York: Holt.
- Kuthumi. 1971. *Studies of the Human Aura*. Colorado Springs: Summit Lighthouse.
- Leadbeater. C. W. 1903. *Clairvoyance*. Madras, Índia: The Theosophical Publishing House.
- Leeks, S. 1975. *Driving Out the Devils*. Nova York: Putnam.

- LeShan, L. 1974. *The Médium, the Mystic and the Physicist*. Nova York: Viking.
- MacLaine, S. 1983. *Out on a Limb*. Nova York: Bantam.
- 1985. *Dancing in the Light*. Nova York: Bantam.
- Manning, M. 1975. *The Link: Matthew Manning's Own Story of His Extraordinary Gifts*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston.
- Martin, M. 1976. *Hostage to the Devil*. Nova York: Reader's Digest.
- Mishlove, J. 1975. *The Roots of Consciousness*. Nova York: Random House.
- Montgomery, J. W., org. 1976. *Demon Possession: A Medical, Historical, Anthropological and Theological Symposium*. Minneapolis: Bethany House.
- Montgomery, R. 1966. *A Search for the Truth*. Nova York: Ballantine.
- 1968. *Here and Hereafter*. Nova York: Ballantine.
- 1911. *A World Beyond*. Greenwich, Conn.: Fawcett.
- 1974. *Companions Along the Way*. Nova York: Ballantine.
- 1976. *A World Before*. Nova York: Ballantine.
- 1979. *Strangers Among Us*. Nova York: Ballantine.
- 1982. *Threshold to Tomorrow*. Nova York: Ballantine.
- e J. Garland. 1986. *Ruth Montgomery: Herald of the New Age*. Garden City, N.Y.: Doubleday/Dolphin.
- Moody, R. 1975. *Life After Life*. Atlanta: Mockingbird Press.
- Muldoon, S. e H. Carrington, 1970. *The Projection of the Astral Body*. Nova York: Weiser.
- Myer, F. W. H. 1954. *The Human Personality and Its Survival of Bodily Death*. Nova York: Longmans, Green.
- Netherton, M., e N. Shiffrin. 1978. *Past Lives Therapy*. Nova York: Morrow.
- Osis, K. e E. Haraldsson. 1977. *At the Hour of Death*. Nova York: Avon.
- Powell, A. E. 1925. *The Etheric Double*. Wheaton: The Theosophical Publishing House.

- 1927. *The Astral Body*. Wheaton: The Theosophical Publishing House.
- Ramacharaka, Y. 1903. *Fourteen Lessons in Yogi Philosophy*. Chicago: The Yoga Publication Society.
- 1904. *Advanced Course in Yogi Philosophy and Oriental Occultism*. Chicago: The Yoga Publication Society.
- 1937. *The Life Beyond Death*. Chicago: The Yoga Publication Society.
- Raudive, K. 1971. *Breakthrough: An Amazing Experiment in Electronic Communication with the Dead*. Gerrards Cross: Smythe.
- Ring, J. 1980. *Life at Death*. Nova York: Coward-McCann.
- 1984. *Heading Toward Omega*. Nova York: Morrow.
- Ritchie, G. G. 1978. *Return from Tomorrow*. Waco: Chosen Books.
- Roberts, J. 1970. *The Seth Material*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- 1972. *Seth Speaks*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- 1974. *Nature of Personal Reality*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- 1975. *Adventures in Consciousness*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- 1979. *The Nature of the Psyche*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- 1986. *Seth: Dreams and Projection of Consciousness*. Walpole, N. H. Stillpoint.
- Robinson, L. W. 1981. *Is It True What They Say About Edgar Cayce?* Nova York: Berkley.
- Rogo, D. W. 1983. *Leaving the Body: A Complete Guide to Astral Projection*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Steiger, B. 1978. *You Will Live Again*. Nova York: Dell.
- e L. Williams. 1976. *Other Lives*. Nova York: Award.
- Stern, J. 1967. *Edgar Cayce: The Sleeping Prophet*. Nova York: Bantam.
- Stevenson, I. 1966. *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation*. Nova York: Amer. Soe. Psychic. Res.